



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: CULTURA URBANA

KÁTIA RAMOS SILVA

VELHICE E ALTERIDADE: A RELAÇÃO ENTRE OS
ASILADOS E AS "SENHORAS DA CARIDADE"

JOÃO PESSOA – PB
2012

KÁTIA RAMOS SILVA

**VELHICE E ALTERIDADE: A RELAÇÃO ENTRE OS ASILADOS E
AS "SENHORAS DA CARIDADE"**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Sociologia, sob
a orientação da Profa. Dra. Ednalva
Maciel Neves.

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

S586v Silva, Kátia Ramos.
Velhice e alteridade: a relação entre os asilados e as
"senhoras da caridade" / Kátia Ramos Silva.-- João Pessoa,
2012.
135f.
Orientadora: Ednalva Maciel Neves
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
1. Sociologia. 2. Velhice - alteridade. 3. Velhice - sociedade
contemporânea. 4. Idosos asilados - sociabilidade. 5. Caridade.
6. Heterogeneidade.

UFPB/BC

CDU: 316(043)

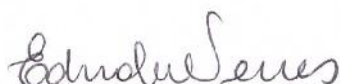
KÁTIA RAMOS SILVA

**VELHICE E ALTERIDADE: A RELAÇÃO ENTRE OS ASILADOS E
AS "SENHORAS DA CARIDADE"**

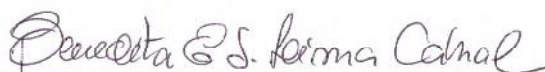
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves.

Aprovada em 28 / 02 / 2012.

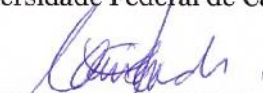
BANCA EXAMINADORA



PROFa. Dra. EDNALVA MACIEL NEVES (Orientadora)
(Universidade Federal da Paraíba – PPGS/UFPB)



PROFa. Dra. BENEDITA EDINA DA SILVA LIMA CABRAL
(Universidade Federal de Campina Grande – PPGCS/UFCG)



PROFa. Dra. MÔNICA LOURDES FRANCH GUTIÉRREZ
(Universidade Federal da Paraíba – PPGS/UFPB)

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho aos meus pais Severina e
Marcos (In memoriam).*

Velhice

*Saudade de um tempo que passou
Memórias de um tempo que se foi
Das muitas histórias que ouvi
Dos saberes que aprendi
E de tudo que vivi...
Para que distinguir idades
Quando os interesses convergem
Para construir um tempo bom
Mesmo sem saber quando a velhice começa
Ou se começa em qualquer ponto específico
Podemos nos unir
Para fazer a vida fluir
Até o fim de nossos dias.*

(Benedita Edina S. L. Cabral, 2005)

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa. O vislumbre do término dela e a perspectiva de iniciar outra jornada acadêmica, possibilitam uma clara reflexão de tudo que o passou e do quanto cada contribuição foi preciosa para que as metas traçadas fossem atingidas. Agradecer é preciso!

Agradeço imensamente a Trindade Santa, por sempre me guiar em toda minha caminhada, me dando discernimento e segurança para agir, força e persistência para não desistir.

Aos meus pais, Severina e Marcos (*in memoriam*), que contribuíram para a realização de mais um sonho. Minha mãe que com seu companheirismo constante, colaborou de todas as maneiras que pôde para que um dia eu conquistasse a oportunidade que tive. E meu pai, que há muitos anos não está mais entre nós, mas também teve uma importante parcela de contribuição para que eu pudesse estudar e me dedicar ao que eu gosto e acredito.

Aos meus irmãos, Magna, Michelle e Saulo, que sempre me incentivaram e torceram por mim em tudo. À minha sobrinha Ana Beatriz que é fonte de carinho e ternura inesgotável.

À Rômulo, namorado querido, que tem sido companheiro, amigo e presença constante na minha vida.

Aos meus amigos queridos, mais “antigos” e ainda muito presentes nos meus dias: Rose, Julia, Rênio, Robson, Léo, Romero, Davi, Claudionor, Daniel.

Aos amigos também muito queridos da UFCG: Anchieta, Jaqueline, Jéssica, Jomário, Kamilla, Melise, Tatiana, que com sua amizade constante, me apoiaram e me incentivaram a crescer academicamente desde o período de graduação.

À minha orientadora, professora Dra. Ednalva Maciel Neves, pela aceitação do meu trabalho, orientação comprometida, paciência, contribuição durante o andamento da pesquisa e pelo companheirismo em cada etapa de todo o processo. Além do incentivo constante para que eu galgue maiores patamares na experiência acadêmica.

Às professoras que participaram da banca de qualificação, Dra. Mônica Franch e Dra. Tereza Correia Queiroz, agradeço os comentários e contribuições sugeridas durante a banca e por, novamente, aceitarem participar de mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço também, de maneira especial, à professora Dra. Benedita Cabral, por compartilhar comigo, momentos especiais da vida pessoal e acadêmica. Agradeço o companheirismo, atenção, confiança, amizade. À essa competente profissional que me “apresentou” a temática da velhice, a minha admiração e gratidão.

À CAPES pelo suporte financeiro.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFCG, onde cursei disciplinas como aluna especial: Cyntia, Fábio, Janilma e João Paulo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB, por também terem contribuído na formação teórica durante o Mestrado.

Aos secretários, Nancy do PPGS-UFPB, pela ajuda em determinadas situações e Rinaldo, do PPGCS-UFCG, pela constante disponibilidade.

Ao Instituto São Vicente de Paulo pela possibilidade de realizar mais uma pesquisa nesse espaço tão significativo na minha trajetória de pesquisa.

À Associação Internacional de Caridades, Núcleo de Campina Grande/PB e, em especial, as voluntárias do “Projeto Alegria”, pela acolhida, abertura nos diálogos e aceitação para o desenvolvimento da pesquisa durante reuniões e práticas realizadas.

Agradeço imensamente aos idosos que me acolheram na Associação e na instituição asilar, por me concederem parte do seu tempo para compartilhar comigo momentos tão significativos da sua vida. A confiança que depositaram em mim, foi essencial para a realização do estudo. Na verdade, sem eles, esse trabalho não teria se concretizado da mesma forma.

Enfim... à todos, a minha sincera gratidão!

RESUMO

Esta dissertação possui como objetivo analisar a velhice, através da perspectiva da alteridade. Buscamos conhecer as diferenças que marcam as experiências de envelhecer na sociedade contemporânea, através das práticas desenvolvidas por idosas voluntárias de uma associação de caridade, junto aos idosos residentes de uma instituição asilar da cidade de Campina Grande - PB. A Associação Internacional de Caridades (AIC), núcleo de Campina Grande – PB, corresponde à uma organização leiga, feminina, composta, em sua maioria, por idosas de classe média, que atende a segmentos socialmente excluídos, dentre eles, os idosos asilados. O encontro entre *velhices* possibilita que os idosos inseridos em tais grupos e contextos elaborem sua autoimagem, estabeleçam relações de sociabilidade geracional e exercitem o princípio da alteridade, construído na relação interpessoal entre o *eu* e o *outro* na velhice. O caráter heterogêneo que particulariza o idoso na atualidade, discutido por estudiosos, é evidenciado na pesquisa realizada. As relações estabelecidas entre as caridosas e os asilados revelam múltiplos significados que envolvem a velhice e elucidam aspectos da subjetividade e identidade dos idosos que integram os referidos grupos.

Palavras-chave: Velhice. Alteridade. Heterogeneidade. Caridade. Asilo.

ABSTRACT

This paper has like main reason to analyse the oldness through the perspective of alterity. Looking for knowing the differences that mark the experiences of getting old in the modern society through practices which were developed by old voluntary women of a charity association, close to old people who live in an asylum in the city of Campina Grande - PB. The Associação Internacional de Caridades (AIC - Charity International Association), core of Campina Grande - PB, it corresponds to a feminine, lay organization composed mostly by old women of middle class in which attends to socially excluded segments, between them, old people in asylums. The meeting between oldness make possible that old people inserted in these groups and contexts prepare a self-image, stablish relations of generational sociability and exercise the principle of alterity constructed in the interpersonal relation between myself and the other in oldness. The heterogeneous character that distinguish the old person in the present time, discussed by scholars, is spotlighted in the research that was realized. The stablished relationship between the cheritable and the refugee reveals multiple meanings that involve the oldness and enlighten the aspects of subjectivity and identity of the old people who integrate the reported groups.

Key-words: Oldness. Alterity. Heterogeneity. Charity. Asylum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Objetivos e Objeto de Pesquisa	12
A Pesquisa de Campo e seus Desdobramentos	16
Delineando o Plano de Trabalho	22

CAPÍTULO 1 – EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO: ALTERIDADE EM FOCO

1.1 Considerações Iniciais	25
1.2 Envelhecimento, Velhice e Sociedade: Reflexões Contemporâneas	26
1.3 Gênero, Geração, Alteridade, Desigualdade, Solidariedade e Caridade: Elementos Transversais	30
1.4 Velhos Institucionalizados e Não-Institucionalizados: Fronteiras e Aproximações	39
1.4.1 A Velhice Institucionalizada	39
1.4.2 A Velhice Não-Institucionalizada	43
1.4.3 Fronteiras e Aproximações Entre Velhices	47

CAPÍTULO 2 – SOCIABILIDADES NA VELHICE: VIVÊNCIAS E PARTICULARIDADES DAS SENHORAS DA CARIDADE E IDOSOS ASILADOS

2.1 Apontamentos Iniciais	49
2.2 Instituição Asilar: Vivências e Convivências do Envelhecer	50
2.2.1 Instituto São Vicente de Paulo: Um Percorso Sócio-Histórico Sobre o Locus da Pesquisa e o Caráter Disciplinar da Instituição Asilar	51
2.2.2 Religiosas, Funcionárias e Asilados: Hierarquias e Sociabilidades	61
2.2.3 Vivências Numa Instituição Asilar: Conflitos Internos e Dinâmicas Cotidianas	66
2.3 Associação Internacional de Caridades: Desdobrando Relações e Experiências de Envelhecimento	74

2.3.1 Informações Preliminares Sobre o Histórico da AIC e do Núcleo de Campina Grande – PB	75
2.3.2 Composição Organizacional da Associação e do Núcleo	81
2.3.3 AIC: Hierarquias, Disciplina e Contradições	83
2.3.4 As Voluntárias e as Relações de Sociabilidade	87

CAPÍTULO 3 – IMAGENS DE SI, IMAGENS DO OUTRO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E ALTERIDADE ENTRE IDOSAS DA AIC E OS ASILADOS

3.1 Introdução ao Capítulo	90
3.2 Recuperando Causas: Aspectos Motivadores da Inserção e Permanência dos Idosos no Asilo e na Associação	92
3.2.1 Idosos Asilados	92
3.2.2 Senhoras da Caridade	99
3.3 É Hoje o Dia da Alegria: O “Projeto Alegrar” e os Asilados	103
3.3.1 A Dinâmica dos Encontros	104
3.3.2 As Voluntárias e a Participação dos Asilados	105
3.4 As Caridosas e os Asilados: Imagem de Si Sobre Si e em Relação ao Outro	107
3.4.1 Entre Práticas e Significados: Percepções Sobre “Ser Velho” Para as “Senhoras da Caridade” e os Idosos Asilados	108
3.4.2 O Confronto Entre o <i>Eu</i> e o <i>Outro</i> na Velhice	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	125
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

Objetivos e Objeto de Pesquisa

O processo de envelhecer na sociedade contemporânea vem sendo alvo de múltiplas percepções. O crescente índice de pessoas com idade superior a 60 anos apontada nos censos populacionais realizados nas últimas décadas, tem contribuído para que as demandas apresentadas por esse público específico sejam amplamente postas em pauta nos diferentes setores da sociedade. A difusão de uma indústria estética, turística e de entretenimento voltada a atender e/ou criar necessidades nos indivíduos pertencentes à “terceira idade”, a mídia e seus miraculosos métodos de promoção da longevidade humana com “qualidade de vida”, as contraditórias decisões do setor público visando elaborar formas de lidar com os impactos decorrentes do aumento da expectativa de vida populacional e a repercussão dessa realidade em pesquisas acadêmicas tomam a velhice como uma categoria complexa, porém, homogênea, dotada de significados e necessidades que se assemelham entre si. Contrapondo-nos a esse posicionamento diante do envelhecimento, empreendemos neste estudo dissertativo uma análise sobre as *velhices* que se desdobram nas relações estabelecidas entre indivíduos que, embora compartilhem o mesmo estágio etário reconhecido como idoso, são oriundos de contextos sociais e trajetórias de vida acentuadamente distintas.

O objetivo central desse trabalho é analisar as diferenças presentes no processo de envelhecer, buscando conhecer como são produzidos os significados sociais sobre a velhice, na perspectiva da alteridade, através do trabalho que as voluntárias da Associação Internacional de Caridades, as chamadas “Senhoras da Caridade”, realizam junto aos idosos residentes no Instituto São Vicente de Paulo, instituição asilar localizada na cidade de Campina Grande - PB.

A Associação em questão – AIC – trata-se de uma organização leiga, feminina, composta, em sua maioria, por idosas e pertencentes à classe média, que atende a segmentos socialmente excluídos, dentre eles, os idosos asilados. Desta forma, a nossa finalidade é discutir sobre a construção de identidade e o reconhecimento de *si*, entre as idosas voluntárias da AIC, núcleo de Campina Grande/PB, face à imagem do *outro*, os asilados, com quem compartilham o estágio etário, mas que apresentam estilos de vida distintos. Este estudo aborda, portanto, os díspares papéis e oportunidades sociais

evidenciados na velhice, problematizando a maneira pela qual as categorias gênero, geração e classe social perpassam e influenciam as experiências nessa fase do curso da vida.

Com o intento de atender aos objetivos propostos de forma satisfatória, empregamos a metodologia pautada na pesquisa qualitativa, uma vez que os métodos e técnicas utilizados no desenvolvimento do estudo privilegiam a apreensão das vivências e singularidades da velhice, buscando investigar as relações de sociabilidade estabelecidas entre velhos inseridos em grupos e contextos sociais com características distintas.

O enfoque em estudar questões referentes à velhice, procurando perceber e analisar as particularidades que permeiam o processo de envelhecer na sociedade contemporânea, iniciou-se no ano de 2007, quando passei a integrar dois Projetos¹ consecutivos de extensão na área de Sociologia, coordenados pela professora Profa. Dra. Benedita Edina da S. Lima Cabral e vinculados ao Programa Interdisciplinar de Apoio a Terceira Idade/Programa de Ações Intergeracionais em Rede (PAIR/PIATI). Nessa oportunidade, pude me aproximar e desvendar uma temática até então desconhecida na minha trajetória acadêmica, discutindo conflitos intergeracionais, relações de sociabilidade estabelecidas entre idosos participantes de grupos de convivência, o posicionamento da sociedade sobre questões relativas ao envelhecimento e a condição da velhice vivenciada no ambiente asilar. O estudo sobre os idosos asilados focalizava o diálogo entre a estrutura institucional e a subjetividade dos residentes, as relações construídas entre os asilados e, deles com seus cuidadores (religiosas, servidoras e voluntárias), além da análise sobre os aspectos comumente vinculados ao asilamento de idosos, tais como a solidão, decrepitude, isolamento e dependência. A participação em um Programa que discutia, a partir de múltiplas perspectivas, o processo de envelhecer, pautado pela interdisciplinaridade nas áreas de Letras, História, Pedagogia, Sociologia e Medicina, permitiu que a temática do envelhecimento fosse vislumbrada através de uma dimensão ampla, dialogada e, deste modo, enriquecedora.

¹ Os Projetos de extensão “Universidade e questões geracionais: viver e conviver com grupos de terceira idade” (2007) e “Universidade e relações intergeracionais: comunidade, asilo e instituições públicas” (2008), integraram o programa PIATI/PAIR (Programa Interdisciplinar de Apoio a Terceira Idade / Programa de Ações Intergeracionais em Rede), da Universidade Federal de Campina Grande, aprovado pelo PROEXT-MEC/SESu.

Paralelo a essa atuação extensionista, durante os anos de 2008 e 2009, passamos a colaborar de forma integrada com o Projeto Rede FIBRA², realizando uma pesquisa com idosos campinenses com o objetivo de identificar os indicadores de fragilidade em pessoas acima de 65 anos. As etapas locais foram desenvolvidas de acordo com as diretrizes previamente estabelecidas pela coordenação geral da Rede FIBRA. Para tanto, percorremos bairros de diversos setores da cidade de Campina Grande – PB e, nessa oportunidade, visitando e conversando com os idosos em seus domicílios, solicitamos autorização para entrevistá-los. Obtido o consentimento dos mesmos, realizamos as entrevistas, e estas nos forneceram informações relevantes para conhecermos os modos de vida dos idosos residentes em pontos distintos da cidade.

Através dos subsídios empíricos e teóricos adquiridos com a participação em tais projetos de pesquisa e extensão, tive a oportunidade de me aproximar de idosos pertencentes a múltiplos contextos sociais, possuidores de trajetórias de vida peculiares e, desta forma, que vivenciavam e lidavam com suas *velhices* diferenciadamente. A partir de então, o fascínio com a instigante temática despertou o interesse em romper com as percepções da sociedade, do poder público e até mesmo do âmbito acadêmico que, muitas vezes, apontam a velhice como uma categoria homogênea/estática, reconhecendo os velhos como detentores das mesmas necessidades, aspirações e perspectivas de futuro. O desconhecimento dos segmentos sociais diante da marcante heterogeneidade da experiência de envelhecer na sociedade contemporânea é explicitado na formulação de políticas públicas excludentes, de percepções carregadas de preconceitos e estereótipos. Além disso, caracteriza-se pelas tentativas de demarcar o que é a velhice *real*, marcada pelo abandono, doenças, perdas, aposentadoria, e a velhice *ideal*, saudável, ativa, sociável, conquistada através da adoção de um modo de vida ditado pelos instrumentos midiáticos e pela indústria estética e de cosméticos, sem espaços para expressões de autonomia, subjetividades e conflitos entre os sujeitos que vivenciam o processo de envelhecer. Embora tais modelos estáticos não correspondam à realidade empírica que se coloca cotidianamente na sua dinamicidade, algumas esferas do âmbito acadêmico, social e político tentam elaborar uma velhice delimitada, homogênea.

² Pesquisa de âmbito nacional, domiciliar e multicêntrica, iniciada no primeiro semestre de 2008 e que atualmente se encontra em fase de análise dos dados coletados, denominada “Fragilidade em Idosos Brasileiros – FIBRA”, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Anita Liberalesso Néri – UNICAMP e coordenação local da Profa. Dra. Benedita Edina da S. L. Cabral – UFCG e Profa. Dra. Maria do Carmo Eulálio – UEPB.

A percepção limitada e restrita de “ser velho” nos dias atuais depara-se com a flagrante heterogeneidade que pulsa quando nos debruçamos sobre essa temática de estudo. A fim de analisar tais diferenças, proponho o exercício de percorrer por entre o cerne da questão, tomando como objeto de estudo duas experiências de envelhecimento: a experiência asilar e o que chamaremos de “aberta”, através de uma análise sobre as peculiaridades que permeiam as relações estabelecidas entre idosos asilados e voluntárias de um grupo de caridade que atuam no asilo e que, em sua maioria, estão inseridas numa faixa etária reconhecida como idosa. Devo pontuar, contudo, que esse movimento de estudar a velhice “por dentro” não corresponde meramente a um mecanismo de comparação entre trajetórias de vida distintas, entre “grupos” formados por idosos, ou sobre como o “meio” institucional atua sobre a subjetividade dos residentes no ambiente asilar. A proposta é avançar e compreender como se dá o encontro e/ou embate entre *velhices*, ou seja, identificar as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice asilada/doente/pobre no contexto da caridade voluntária da AIC junto aos asilados. Além disso, perceber como os membros de cada grupo social estudado reconhecem-se no *outro*, através da perspectiva da alteridade, identificando suas necessidades e características socioculturais e subjetivas.

Este trabalho de dissertação se propõe a estudar indivíduos inseridos em grupos e contextos com características distintas, mas que compartilham o estágio etário legitimado institucionalmente para demarcar o curso da vida, uma vez que, em sua maioria, ultrapassam os 60 anos de idade. Devido à relevância dos relatos colhidos durante as entrevistas, ao longo do trabalho serão inseridos fragmentos dos depoimentos dos informantes da pesquisa, além das apreensões obtidas através da observação participante realizada. Discorrendo sobre suas experiências ao envelhecer nos dias atuais e as circunstâncias peculiares intrínsecas a esse processo, a narrativa dos idosos compreende não apenas fatos recentes, mas percorre parte da sua história de vida, reconstruindo e elencando os acontecimentos que marcaram sua trajetória e que, de certa forma, contribuem para elucidar o lugar social que ocupam na atualidade. Retomam o passado para se posicionar diante do presente, bem como para elaborar perspectivas de futuro. É nesse contexto marcado por subjetividades, narrativas vinculadas à tradição e memória, que a pesquisadora se coloca na realidade empírica procurando romper com o que Goffman (2009) aponta como *região de fachada*, que muitas vezes nos limitamos, e adentrar na *região de fundo ou os bastidores*, onde tudo é preparado e a realidade pode ser visualizada de forma mais clara e fidedigna.

A Pesquisa de Campo e seus Desdobramentos

A iniciativa em estudar as múltiplas faces da velhice, através do trabalho voluntário que um grupo de caridade desenvolve com idosos asilados, surgiu como consequência da postura de inquietação que caracteriza o pesquisador em Ciências Humanas e Sociais diante dos fatos que se desdobram cotidianamente na realidade empírica. No caso da pesquisa em questão, o interesse em transformar mera curiosidade em objeto de pesquisa de cunho acadêmico se deu quando, por meio de uma rede de contatos interpessoais previamente estabelecidos, conheci o trabalho das voluntárias da Associação Internacional de Caridades – AIC.

Como relatado acima, a participação em projetos de pesquisa e extensão durante a graduação em Ciências Sociais contribuiu para que eu dispusesse de certa bagagem teórico-empírica sobre questões relativas ao envelhecimento e adquirisse sensibilidade para o tema. Ao conhecer a AIC, me deparei com um grupo coeso, feminino, internacional, não governamental, leigo, de orientação católica, formado em sua maior parte por idosas e baseado nos ensinamentos do seu fundador, São Vicente de Paulo, desde 1617, quando a primeira “Confraria da Caridade” foi instituída, na França. O interesse pelo grupo levou-me a buscar mais informações sobre os trabalhos desenvolvidos pelo núcleo dessa Associação em Campina Grande/PB, estabelecendo contato com a Presidente e Tesoureira da diretoria atual do grupo, Diana Almeida e Dvone Medeiros, respectivamente, que se mostraram solícitas para o fornecimento de dados referentes às práticas da Associação.

A Associação em questão possui um histórico internacional significativo e foi fundada no Brasil em 1854. O núcleo de Campina Grande – PB, sobre o qual nos debruçamos para a realização da presente pesquisa, foi instituído no ano de 1935, funcionando em uma sala específica, nas dependências do Instituto São Vicente de Paulo. Este núcleo, denominado Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo, é composto atualmente por 76 mulheres que, em sua maioria, estão inseridas numa faixa etária reconhecida como idosa, de classe média, com formação acadêmica e que possuem uma vida social ativa e reconhecida no contexto da prática da caridade. Desta forma, através dos relatos orais e do material impresso concedido pelas voluntárias, obtive a informação de que as inúmeras ações realizadas pela AIC são executadas através de subgrupos, cada um composto por cerca de dez voluntárias, para

atender parte das necessidades dos segmentos carentes da cidade, tais como crianças, doentes, gestantes e idosos. Para atender as demandas destes últimos, a Associação possui o “Projeto Alegrar”, especificamente voltado para os idosos asilados, coordenado provisoriamente por Sônia Lago, visto que a coordenadora efetiva está temporariamente afastada por questões familiares.

O conhecimento prévio sobre a realidade asilar, aliado ao interesse em estudar relações de sociabilidade e identidade entre as voluntárias da AIC, foram determinantes para a construção do nosso objeto de pesquisa, que nos propomos a analisar ao longo do presente estudo dissertativo.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada na instituição, entre os asilados, foi solicitada uma Declaração da instituição acadêmica na qual a pesquisa está vinculada, a ser entregue para a diretora do Instituto. Após a análise do documento, foi concedida a autorização e pude iniciar o trabalho de campo no local. Já no que diz respeito à associação de voluntárias, a inserção foi feita informalmente, ao solicitar autorização oral da presidente da Associação e da coordenadora do “Projeto Alegrar”. Os vínculos anteriormente estabelecidos com os asilados e a Direção do Instituto e o contato satisfatório com algumas voluntárias da AIC contribuíram para que houvesse certa abertura inicial para a criação de um fluxo de informações, relações e percepções sobre a condição que os informantes da pesquisa vivenciam.

A ímpar experiência de pesquisar, de forma relacional, idosos inseridos em grupos com características marcadamente distintas revelou aspirações, gestos, falas e ausências vivenciadas de forma diferenciada. Assim, buscando apreender tais minúcias impregnadas de subjetividade, adotamos a metodologia qualitativa da *observação participante*, relevante para o trabalho de campo na pesquisa qualitativa, especialmente porque, segundo Minayo (2008, p. 70) corresponde à,

(...) um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é pessoalmente modificado.

Esclarecemos que a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e demais comissões especializadas na abordagem da velhice e do envelhecimento

humano, adotaram oficialmente a expressão “Instituição de Longa Permanência para Idosos” em substituição à “asilo” ou “instituição asilar”, visto que nestas se encerram estereótipos e noções pejorativas que remetem à pobreza, exclusão, rejeição. Contudo, reconhecemos que cada expressão sugerida para designar as chamadas “instituições para idosos”, inclusive a academicamente aceita “ILPI”, contém avanços, bem como limites conceituais, tais como abrigo, lar, clínica geriátrica, casa de repouso, entre outros, que terminam por dissimular a real situação dos residentes, do ambiente de moradia e da vivência social do idoso institucionalizado. Desta forma, mantemos o uso do termo “asilo” e suas variações, assumindo os riscos dos significados históricos comumente atribuídos a este.

Neste sentido, desde meados do ano de 2010, nos debruçamos sobre a realidade empírica, munidos de instrumentos adequados para a pesquisa, na tentativa de coletar dados consistentes que corroborassem as hipóteses levantadas ou que revelassem novas questões a serem discutidas. Para tanto, inicialmente, a fim de evitar certa tendenciosidade e/ou falseamento das questões abordadas na pesquisa, realizamos uma observação participante com diálogos informais abertos, com o objetivo de, paulatinamente, questionar sobre diversas esferas do cotidiano dos idosos, percebendo certas regularidades do comportamento e relacionamento entre asilados e voluntárias, bem como o que poderíamos apontar como acontecimentos *desviantes*, que fogem à rotina, identificando as fronteiras e aproximações entre as *velhices* analisadas. Neste momento do trabalho de campo, freqüentamos semanalmente os encontros das caridosas do Projeto Alegrar com os asilados e as reuniões gerais com todas as voluntárias da Associação, participando de forma ativa das etapas das reuniões realizadas e até mesmo das atividades lúdicas desenvolvidas pelas caridosas junto aos asilados. Essa participação mais “ativa”, além de ser “solicitada” constantemente pelas voluntárias de caridade, atuou com o objetivo de promover maior interação entre a pesquisadora e os indivíduos inseridos nos dois grupos.

Por um lado, o fato de eu ser uma pesquisadora “mulher/jovem”, inserida em um ambiente marcadamente feminino/idoso, contribuiu para minha aceitação no local e durante as práticas realizadas, visto que apesar das diferenças geracionais, estávamos “entre iguais” e as participantes da pesquisa se mostravam seguras em comentar determinados temas “do universo feminino” na minha presença. Na maioria das vezes em que dialogávamos sobre temas do cotidiano e das suas vivências do passado, seja entre as voluntárias ou asiladas, elas assumiam um tom maternal de quem já possui um

acervo de experiências e deseja compartilhar com quem ainda está no “começando a viver”, aconselhando-me principalmente nas questões relativas à relacionamentos amorosos, conflitos familiares e expectativas de juventude *versus* as (não-)realizações da maturidade. Entretanto, por outro lado, a mesma definição de gênero e geração que possuo, não atuou de forma positiva para o estabelecimento de contato com a ala masculina residente no Instituto. Os idosos se mostravam mais reservados, distantes e menos propensos a iniciar e/ou manter um diálogo. Como a pesquisa esteve pautada, principalmente, na perspectiva do confronto/encontro entre a velhice asilada e a “aberta”, e os homens quase não participavam dos momentos promovidos pelas voluntárias da AIC, a exceção de um asilado, não me detive nas vivências dos residentes da ala masculina.

Após essa etapa inicial de reconhecimento das práticas e relações estabelecidas, realizamos entrevistas semi-estruturadas em profundidade, combinando perguntas abertas e fechadas, com todas as nove voluntárias que compõem atualmente o “Projeto Alegria” e em uma amostra de cinco idosos asilados que participam com frequência dos momentos promovidos pelo referido grupo. Esse número amostral de asilados selecionados como informantes da pesquisa obedeceu também ao fato de que eles deveriam ser lúcidos, com níveis de orientação que os capacitassem à responder as perguntas e compartilhar com o entrevistador as experiências vivenciadas, uma vez que muitos dos asilados que presenciavam e participavam ativamente das atividades lúdicas, jogos e danças, apresentavam sinais de demência senil.

Como pontuamos acima, a pouca participação de homens nas atividades promovidas pelas caridosas, condicionou que entrevistássemos apenas um idoso residente no asilo, na medida em que quatro idosas contribuíram para a nossa pesquisa. Além disso, das nove caridosas entrevistadas, quatro delas possuem menos de 60 anos de idade, mas contribuíram igualmente para a pesquisa, visto que elas percebem a proximidade da sua própria velhice e, nos seus relatos, explicitaram as relações que estabelecem com o *outro*, já idoso, diante da percepção de estar envelhecendo. Assim, a faixa etária dos asilados entrevistados variou entre 63 a 94 anos e das caridosas do “Alegria”, entre 54 e 76 anos. Quando transcrevemos fragmentos dos relatos concedidos durante a realização das entrevistas, nos capítulos do presente estudo dissertativo, preservamos a identidade dos informantes, fazendo uso apenas de pronomes de tratamento, para os asilados, e da expressão “Dona”, no caso das caridosas, com marcação de gênero, iniciais e idade dos entrevistados.

Esclarecemos ainda que, antes do início de cada entrevista, esclarecíamos os objetivos da pesquisa e obtínhamos consentimento oral e gravado para iniciarmos o diálogo. A exceção de uma voluntária do “Projeto Alegrar”, que não permitiu a gravação da sua fala, contudo, aprovou sua participação na pesquisa, todos os demais expressaram consentimento. Além disso, como os asilados não podiam se deslocar do ambiente da casa da instituição na qual residem e as voluntárias optaram por permanecerem no mesmo local para a realização das entrevistas, estas foram realizadas nas dependências do asilo, conforme o desejo e a necessidade dos entrevistados. A escolha desse ambiente, embora ausente de privacidade e propenso a interrupções durante a realização das entrevistas, correspondeu a um aspecto interessante para apreensão de dados para a pesquisa, visto que contribuiu para que alguns elementos relevantes do campo se revelassem, tais como a vigilância, imposição de hierarquias, conflitos, expressões de afetividades, entre outros.

Com a finalidade de fundamentar a nossa pesquisa com o olhar de quem vivencia a velhice no que poderíamos identificar de “realidade asilar”, de um lado e “realidade aberta”, por outro, bem como os desdobramentos dessa convivência geracional, as entrevistas realizadas nos forneceram subsídios relevantes para conhecermos os modos de vida das voluntárias de caridade e dos asilados, bem como as particularidades das ações que atendem esse público específico.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2010, p. 72).

É importante ressaltar que a aplicação do roteiro semi-estruturado (Apêndice II) em entrevistas gravadas possibilita, ao mesmo tempo, uma maior liberdade ao pesquisador e entrevistado e contribui para a elaboração de análises mais minuciosas entre as declarações. Utilizamos ainda um questionário estruturado (Apêndice I) com as voluntárias da AIC – núcleo de Campina Grande/PB – que freqüentam as reuniões e outro com questões específicas para os idosos atendidos pelas práticas da Associação, com o objetivo de proporcionar uma percepção panorâmica sobre o perfil socioeconômico dos envolvidos e as particularidades dos grupos de voluntárias e

asilados. Segundo Barbosa Filho (1994, p. 137), “o seu conteúdo deverá constituir-se de um conjunto de indicadores relacionados, logicamente, com o problema central da investigação”.

Além disso, coletamos material escrito sobre o histórico da Associação em Campina Grande/PB, panfletos informativos (Anexo II) sobre as práticas desenvolvidas pela AIC para ajudar e/ou motivar os asilados e matérias jornalísticas veiculadas em jornais locais (digitais e impressos) sobre as ações da Associação junto ao asilo. Outra forma de apreensão dos momentos de interação entre voluntárias e asilados foi através de registros fotográficos (Anexo I). É importante salientar ainda que as informações sobre o histórico do Instituto e os dados quantitativos desse espaço foram fornecidos através dos relatos da religiosa diretora do asilo e, na Secretaria do Instituto, que disponibiliza um material minucioso que percorre desde a fundação da instituição até os dias atuais.

A coleta de material empírico, a partir dos encontros semanais com voluntárias e asilados, durante reuniões gerais e práticas lúdico-religiosas, foi marcada por observações e diálogos que resultaram em uma maior aproximação entre a pesquisadora e os informantes, além de explicitar a necessidade de realizar uma discussão de âmbito teórico, para compreender abstratamente algumas categorias utilizadas pelos idosos durante as conversas informais e entrevistas e os conceitos que emergem através da apreciação dos dados coletados.

Desta forma, nos deparamos com um universo de pesquisa denso, complexo, marcado por subjetividades, trajetórias de vida e sociabilidades. A pesquisa com idosos nos coloca diante da criação de vínculos afetivos. Diante de indivíduos que, embora compreendam que contribuem para uma pesquisa, procuram construir uma relação de amizade com a pesquisadora, ao “cobrar” frequência de visitas e confiar em relatar informações íntimas da sua vida, seu cotidiano, frustrações, suas aspirações atuais e futuras. Embora exista a partilha de alegrias, descobertas, sonhos e novos laços de amizade entre os dois grupos estudados, eles também compartilham a dor da saudade, do abandono, da incompreensão, da ausência, da insatisfação diante de certas limitações da vida, da doença, da morte de algum companheiro.

Assim, quando delineamos os procedimentos gerais adotados, torna-se perceptível que

(...) diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos *ciclo de pesquisa*, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações (MINAYO, 1994, p. 25-26, grifos do autor).

Devemos ainda reconhecer que como os resultados da pesquisa foram obtidos através da observação e da aplicação de métodos e técnicas em uma realidade social caracterizada por inúmeras nuances e complexidades, eles são provisórios e correspondem ao contexto histórico e social específico.

Delineando o Plano de Trabalho

O trabalho de campo para coleta de dados despontou como uma etapa fundamental da pesquisa, momento no qual vislumbramos e nos debruçamos sobre a realidade empírica, tecendo indagações, inquietações e posicionamentos, ao mesmo tempo em que novas informações nos levavam a construir diferentes hipóteses sobre nosso objeto de pesquisa. A análise dos dados colhidos através da metodologia qualitativa buscou articular, de forma meticulosa, o aporte teórico utilizado, com as fontes empíricas.

Desta forma, com a finalidade de delinear o processo de pesquisa que norteou o desenvolvimento da presente dissertação, esse estudo está sistematizado em três capítulos. A introdução, exposta nesse momento do texto, é construída de maneira tal a apresentar o objeto de estudo, os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa e o trabalho de campo realizado.

No primeiro capítulo procuramos contextualizar a pesquisa através de um aporte teórico. Realizamos uma reflexão sobre os debates atuais que envolvem a relação entre Envelhecimento, Velhice e Sociedade, discutindo as formas pelas quais diversos teóricos abordam tal processo na contemporaneidade. Com a finalidade de discutir algumas categorias transversais que recorrentemente despontam ao longo do trabalho, reconhecemos a relevância de debater sobre as abordagens teóricas dos conceitos de Gênero, Geração, Alteridade, Desigualdade, Solidariedade e Caridade, a partir de contribuições de autores reconhecidos. Ademais, analisamos as fronteiras e aproximações entre a velhice institucionalizada e não-institucionalizada, para

entendermos parte das diferenças e semelhanças que caracterizam as vivências de envelhecer.

Dentre outros autores, para a efetivação desse estudo dissertativo, tomamos como fonte de análise as discussões realizadas por Barros (2006; 2007), Beauvoir (1990), Cabral (1997; 1998; 2002), Camarano (2002), Debert (1999b; 2007), Elias (2001), Goffman (2008; 2009), Mauss (2003), Motta (2004a; 2004b; 2007) e Peixoto (1997; 2000; 2004) que, através de suas experiências de pesquisa e a abordagem de algumas categorias conceituais, forneceram subsídios para desenvolver este trabalho.

No segundo capítulo utilizamos os dados colhidos na realidade empírica, porém, não desvinculando-se das fontes teóricas, ao apresentar de forma minuciosa o Instituto São Vicente de Paulo, *locus* da pesquisa, e os idosos residentes na instituição asilar, bem como a Associação Internacional de Caridades, especificamente, o Núcleo de Campina Grande – PB, e as voluntárias que o compõem, participantes da pesquisa. Realizamos uma abordagem mais aprofundada sobre as interações e sociabilidades reconhecidas nas práticas das caridosas da AIC, bem como entre os asilados e seus cuidadores sociais. Neste momento, explicitamos as apreensões obtidas mediante a realização da observação participante e nos propomos a refletir sobre algumas entrevistas que relatam as experiências dos indivíduos nos grupos em questão e os relacionamentos sócio-afetivos estabelecidos.

No terceiro capítulo, discutimos a construção de identidade e a perspectiva da alteridade entre voluntárias da AIC e asilados, procurando analisar o que as caridosas reconhecem como velhice e como esta é experienciada pelos asilados. Analisamos também os principais aspectos motivadores, reconhecidos pelos participantes da pesquisa, que os condicionaram a procurar inserção em uma associação de caridade e, por outro lado, como residentes de uma instituição asilar. A proposta principal está pautada no confronto entre o *eu* e o *outro* na velhice. Através das falas dos informantes, carregadas de subjetividade, elaboramos um complexo percurso sobre percepções mútuas de ser *velho* na contemporaneidade.

Por fim, tecemos algumas considerações sobre os dados amplamente discutidos e analisados ao longo da dissertação, procurando articular teoria e realidade empírica, ressaltando a velhice enquanto uma experiência heterogênea, marcada por rupturas e continuidades, perdas e conquistas. Retomamos, portanto, algumas questões relevantes que pontuaram todo o decorrer da dissertação, discutindo os resultados e as contribuições da pesquisa.

A estrutura deste estudo obedece à uma lógica sistemática em que os dados teórico-empírico vão sendo paulatinamente apresentados e os resultados apreciados, contribuindo para esclarecer os questionamentos iniciais e, ao mesmo tempo, lançando diferentes inquietações e interrogações para aprofundamento do trabalho. Desta forma, as questões analisadas não se esgotam no presente trabalho, sendo passível de outras minuciosas abordagens e discussões.

CAPÍTULO 1

EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO: ALTERIDADE EM FOCO

Não existe uma velhice, mas maneiras singulares de envelhecer; cada velhice é consequência de uma história de vida que, à medida que o tempo passa, vai adicionando processos do desenvolvimento individual e da socialização junto ao grupo em que se insere: internalizando normas, regras, valores, cultura (ARFEUX-VAUCHER, 1991 apud PEIXOTO, 2000, p. 293).

1.1 Considerações Iniciais

O referencial teórico sociológico e antropológico sobre a velhice e seus vários desdobramentos subsidiam este estudo dissertativo. Na medida em que nossa proposta é pesquisar as diferenças presentes no processo de envelhecer entre idosos inseridos em contextos distintos, como residentes de uma instituição asilar e como membros de uma associação de caridade, e o confronto entre essas vivências de velhice, a nossa dinâmica de exposição buscou articular temáticas e conceitos que recorrentemente são considerados nesta realidade empírica sobre a qual nos debruçamos.

Os métodos e técnicas utilizados ao longo da pesquisa, embora contribuam para atender aos objetivos propostos, através da observação participante, da aplicação de questionário e entrevistas em profundidade, apenas podem atuar a partir do embasamento teórico que sustenta a pesquisa em si, que constitui-se em um elemento indispensável para que o pesquisador em Ciências Humanas e Sociais possa se posicionar diante dos fatos encontrados na realidade.

Diante da constatação dessa necessidade, discutiremos as categorias pertinentes ao nosso objeto de pesquisa, dividindo-os entre aqueles conceitos norteadores do trabalho dissertativo e os que surgem na pesquisa de maneira transversal, permeando toda a discussão empírico-teórica. Neste primeiro capítulo, a proposta é contextualizar a pesquisa, através de uma reflexão sobre os debates que envolvem a relação entre Envelhecimento, Velhice e Sociedade, ou seja, os aspectos socioculturais do envelhecimento, discutindo as formas pelas quais diversos teóricos abordam tal processo na contemporaneidade. Com o objetivo de abordar algumas categorias

transversais recorrentes ao longo do trabalho, percebemos também a relevância de discutir sobre as abordagens teóricas dos conceitos de Gênero, Geração, Alteridade, Desigualdade, Solidariedade e Caridade, através de contribuições de autores específicos. Ademais, analisamos as fronteiras e aproximações entre a velhice institucionalizada e não-institucionalizada, para entendermos parte das diferenças e similitudes que caracterizam as vivências de envelhecer. Nesse momento, não pretendemos realizar uma densa e exaustiva análise teórica, visto que nossa finalidade é discutir uma dinâmica de relações e não uma dinâmica de conceitos.

Esclarecemos que em toda a discussão empreendida a partir de então, sobre categorias e temáticas que permeiam o processo de envelhecimento e a velhice na atualidade, direcionamos a reflexão para os aspectos pertinentes ao objeto de estudo da nossa pesquisa. Desenvolvemos, portanto, o debate em torno do caráter heterogêneo reconhecido na experiência de velhice. Através desse enfoque, trataremos sobre as diferenças presentes no processo de envelhecer entre idosos inseridos em distintos espaços de sociabilidade e as relações estabelecidas entre eles, a partir da perspectiva da alteridade.

Tomamos como fonte de análise as discussões realizadas por autores que estudaram a velhice, através de suas experiências de pesquisa de campo e da abordagem de alguns conceitos, que forneceram subsídios relevantes para desenvolver este trabalho de cunho dissertativo.

1.2 Envelhecimento, Velhice e Sociedade: Reflexões Contemporâneas

Envelhecimento, velhice e sociedade correspondem a categorias intrinsecamente relacionadas entre si. O processo biológico de envelhecer acompanha todas as fases da vida humana, culminando com a velhice, esta reconhecida como um “último estágio” da vivência. Concordando com Bourdieu, quando o teórico francês pondera que “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (1983, p. 113), conhecimentos teóricos e observações empíricas nos permitem entrever que tal processo natural ao ser humano, é intensamente permeado por questões de cunho sociocultural.

Nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. Desde a infância somos condicionados a pensar linearmente sobre as “fases do ciclo vital” que um indivíduo, comumente, percorrerá. Uma análise mais detida sobre cada “etapa” descrita, revela, contudo, descontinuidades que permeiam toda a vivência humana. A velhice, por

exemplo, é marcada por uma multiplicidade de elementos que distinguem os sujeitos que vivenciam essa fase do curso da vida. É neste sentido que Debert assinala que, na abordagem a respeito da velhice, “(...) trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (2007, p. 50).

Nesta perspectiva, ser velho não significa cessar as possibilidades de mudanças que se apresentam cotidianamente. A proximidade com idosos e o contato com estudos a respeito deles, permitiu a observação e análise das novas dimensões que a velhice adquiriu nas últimas décadas. Assim, o caráter eminentemente heterogêneo da experiência de envelhecer na sociedade contemporânea vem sendo alvo de inúmeras pesquisas de estudiosos que se debruçam sobre essa questão. As abordagens realizadas por autores reconhecidos subsidiam a discussão do presente trabalho dissertativo.

Quando Simone de Beauvoir publica o clássico “A Velhice” em 1970, o faz no sentido de dar voz aos idosos e romper com a proclamada “conspiração do silêncio” que cercava as questões da velhice na Europa deste período. Seu objetivo é alcançado com êxito, uma vez que a repercussão dos seus escritos ultrapassa os limites do Velho Continente, problematizando as implicações do processo de envelhecimento no cenário acadêmico e social mundial. Esse reconhecimento se dá pelo pioneirismo em que Beauvoir (1990), baseando-se no contexto francês, discute, de forma densa e abrangente, dois enfoques distintos, mas complementares que envolvem a velhice. Trata-se de, por um lado, uma abordagem do idoso enquanto objeto social, descrevendo-o em sua exterioridade e, por outro lado, uma discussão sobre como ele vivencia sua velhice, interioriza a condição na qual está inserido e as formas pelas quais reage às situações que são postas no seu cotidiano. De acordo com Beauvoir (1990, p. 16), “não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre todos os outros e é afetado por eles; é no movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la”.

A grande contribuição de Beauvoir é analisar essa dualidade existente, na medida em que os aspectos extrínsecos e intrínsecos da velhice abrem possibilidades de análise sobre os mais velhos e seus modos de vida, através de múltiplas perspectivas. Desconsiderar a articulação entre esses dois aspectos distintos é, portanto, privar-se do entendimento de que eles se impõem mútua e complementarmente.

O processo de construção/reconstrução da velhice é discutido por Debert (1999a), fundamentando-se em estudos realizados no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, nos quais percebeu a relevância que a classe social, a etnicidade e os arranjos familiares possuem para discutir as especificidades do envelhecimento. Através desse estudo, Debert apontou que tais discussões possibilitariam a percepção da heterogeneidade das experiências em grupos formados através de categorias homogeneizadoras, como é o caso da velhice.

Dentre as mudanças que ocorrem na percepção a respeito do envelhecimento na contemporaneidade, salienta-se a que Gillemard (1986 apud DEBERT, 1999b) propõe para o contexto francês, que corresponde à idéia de que a condição do idoso passa por três conjuntos de transformações, de 1945 às últimas décadas. No primeiro período, que compreende de 1945 a 1960, o envelhecimento é vinculado à situação de pobreza. No segundo, de 1959 a 1967, há uma associação entre velhice, solidão e marginalidade. Por fim, no terceiro período, a partir de 1967, surge a concepção do idoso enquanto pré-aposentado, tornando o trabalho ilegítimo.

Segundo Debert (1999b, p. 42), até a década de 1960, “a maioria dos estudos sobre o tema procurava apontar para o que é comum na experiência de envelhecimento nas sociedades industrializadas”. Neste período, as pesquisas sobre velhice destacavam a inutilidade do idoso, expondo os limites da atuação desse sujeito social na sociedade. Para a autora, a década de 70 foi caracterizada pela necessidade de lançar um “... olhar com mais sutileza para o conjunto de transformações ocorridas na velhice e no processo de envelhecimento ao longo do século XX” (DEBERT, 1999b, p. 44).

A partir de então, a discussão sobre a velhice na sociedade atual orienta-se por múltiplas vertentes. A heterogeneidade do sujeito que vivencia a condição de ser velho e de suas próprias experiências emerge diante dos mais atentos às questões relativas ao envelhecimento. Neste sentido, pesquisadores e estudiosos têm convergido para um consenso de que se deve considerar a complexidade do tema e evitar a tentativa de enquadrar a velhice em análises homogêneas e simplistas, ainda que, por outro lado, a mídia e os setores público e privado apregoem métodos e políticas sociais que desconsideram a diversidade de experiências de envelhecer na atualidade.

De fato, pesquisas reconhecidas buscam não mais realizar estudos que comprovem que significativa parcela de idosos compartilha determinada característica, mas, contrariamente, há a tentativa de ressaltar as diferenças e subjetividades que particularizam o idoso enquanto ser social que atua e reage diante da realidade que se

apresenta cotidianamente. É neste sentido que Minayo (2007) propõe um olhar antropológico sobre os aspectos que permeiam o processo envelhecimento no contexto brasileiro, alertando para o fato de que a população idosa não deve ser reconhecida de maneira homogênea, pois estaríamos incluindo-a nos estereótipos e desconsiderando as particularidades de cada indivíduo. Assim, Peixoto afirma que

de envelhecer ninguém escapa. Alguns envelhecem mais rapidamente do que outros e nem todos vivem esse processo da mesma maneira, uma vez que o envelhecimento está estreitamente relacionado às formas materiais e simbólicas que identificam socialmente cada indivíduo (2004, p. 9).

A tendência apresentada pelos estudiosos da temática em esclarecer o caráter heterogêneo que a velhice apresenta está significativamente associada às novas configurações demográficas vigentes. O sujeito social que nos propomos a discutir ocupa um lugar de centralidade nos resultados dos censos realizados, tornando-se alvo de discussões em diversas esferas da sociedade.

Segundo Camarano e Medeiros (2004), o acentuado crescimento do segmento populacional com 60 anos e mais de idade é resultado de um considerável declínio da mortalidade nas últimas décadas, aliada à uma constante queda na taxa de fecundidade. “Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010” (IBGE, 2011). Esse fato acarreta inúmeras alterações nos padrões sociais vigentes, visto que a longevidade sugere um complexo rearranjo em todos os aspectos da vida.

Nesse sentido, Camarano e Medeiros (2004, p.1) apontam que,

(...) uma característica comum tanto ao mundo desenvolvido quanto ao subdesenvolvido neste final do século é o envelhecimento de suas populações. Em quase todas essas sociedades, o segmento populacional em idade considerada idosa é o que mais cresce.

Nações detentoras de padrões de vida considerados adequados, compartilham a mesma conquista, a longevidade, com países particularizados pelo subdesenvolvimento social e vital. A constatação dessa realidade lança um desafio complexo e contínuo, que é desconstruir a representação do idoso enquanto sujeito caracterizado por necessidades, aspirações e limitações homogêneas, ao passo que as trajetórias e estilos de vida são negligenciados.

É nesse contexto que inserimos a proposta do nosso estudo, uma vez que a sociedade contemporânea sugere variadas formas de vivenciar uma condição social e coloca em “... foco formas diferenciadas de interação social na velhice, não apenas distinguidas pelas faixas etárias mas pela emergência de formas de interações ‘fabricadas’ por agentes da gestão da velhice, como os grupos de convivência” (BARROS, 2006, p. 119). A partir do fragmento, percebemos que essa “não-contemporaneidade de contemporâneos” (MANNHEIM, 1928 apud MOTTA, 2004a) possibilita a apreensão de múltiplas formas de ser velho na sociedade atual.

A inserção de idosos em grupos geracionais tão particularizados e as vivências oriundas a partir desses espaços de sociabilidade, como é o caso dos asilados e das “Senhoras da Caridade”, revela a *velhice* como uma categoria caracterizada pela abrangência de significados e pela heterogeneidade do sujeito social que vivencia a condição de ser velho na contemporaneidade.

1.3 Gênero, Geração, Alteridade, Desigualdade, Solidariedade e Caridade: Elementos Transversais

Ao longo do nosso estudo dissertativo, enfatizamos a discussão sobre as múltiplas vivências de velhice na atualidade, elegendo o processo de envelhecer e a velhice como categorias centrais. Contudo, constatamos na realização da pesquisa empírica, que nosso objeto de estudo é recorrentemente permeado por outros conceitos e temáticas, tais como Gênero, Geração, Alteridade, Desigualdade, Solidariedade e Caridade. A partir de então, realizaremos uma tentativa de discutir tais categorias e temáticas, articulando-as com o objeto de estudo e as especificidades da pesquisa empreendida.

Partindo desse pressuposto, iniciaremos nossa discussão com a abordagem sobre a categoria gênero, visto que quando direcionamos nossa atenção para questões relativas à velhice, constatamos que as relações de gênero e de gerações são imprescindíveis para realizar uma discussão mais acurada.

Gênero e geração, como dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias básicas – e mutuamente articuladas – da análise das relações sociais. Ser velho é uma situação vivida em parte homogeneamente e em parte diferenciadamente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade ou geração (MOTTA, 1999, p. 191).

Assim, como empreendemos uma pesquisa com mulheres inseridas numa associação de caridade e idosos asilados que, em sua maioria, também são mulheres, enfatizaremos, nesse momento, o lugar da mulher idosa na atualidade, visto que, segundo Motta, “Sua identidade de gênero parece ser, realmente, constitutiva da sua realidade (geracional) de idosas. Trajetórias sociais de gênero são determinantes na situação real e nos sentimentos dessas pessoas como idosas (...)” (1999, p. 201-202). Salientamos que esse recorte de gênero justifica-se também, na medida em que inúmeros estudos constataam um processo contínuo de feminilização da velhice. Como apontado por Peixoto: “as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Assim, mais avançam na idade mais elas são numerosas e o envelhecimento pode ser visto como um fenômeno particularmente feminino” (1997, p. 148).

Antes de discutir sobre a condição de vida da mulher idosa, devemos reconhecer que, embora se constatae significativas conquistas feministas, tal qual uma maior equanimidade entre os gêneros, ainda há lacunas na abordagem dessa questão na atualidade. Os estudos que analisam o lugar das mulheres na sociedade sugerem inúmeros avanços, mas ainda verificamos o quanto elas têm que superar dificuldades para se posicionar em diversas esferas sociais e conseguir reverter antigos estereótipos para assegurar direitos conquistados. Cabral pondera que,

Reconhecidamente, os dilemas da velhice também se antecipam para as mulheres, seja pelo impacto das imposições biológicas que interrompem as funções reprodutivas na menopausa, seja pelos estereótipos tradicionais sobre a condição das mulheres aos primeiros sinais do envelhecimento. As características que sinalizam a velhice, tais como rugas, cabelos brancos, pequenas restrições físicas, fragilidades que se tornam aparentes, como o *déficit* visual, por exemplo, compõem um quadro ameaçador para as mulheres, ou para sua maioria, pois implicam em perdas dos signos da feminilidade padronizados pela cultura masculina dominante, tornando-as mais vulneráveis aos estigmas (2005, p. 56, grifos do autor).

Assim, a condição de ser mulher e fazer parte do segmento idoso constitui-se em um desafio, uma vez que agregar essas duas condições parece ser o dilema das mulheres idosas, que devem buscar caminhos para resistir às disparidades que as impedem de vivenciar relações sociais mais democráticas. Dentre as situações enfrentadas pela mulher que vivencia a experiência de envelhecer, Salgado (2002) aponta: discriminação pela idade (gerofobia), pobreza, solidão, perdas e mudanças. De fato, tais situações marcam significativa parcela do segmento feminino idoso, contudo, reconhecemos que tal experiência também pode ser caracterizada pelo estabelecimento de diferentes papéis

sociais, laços afetivos, desenvolvimento de novas habilidades, ampliação de redes de sociabilidades, entre outros.

Contrário ao que comumente se acredita, este período de vida pode ser tão ou mais frutífero e agradável do que o resto da vida de muitas mulheres. Viver ou estar só não significa sempre que uma mulher idosa esteja em solidão. A habilidade que as mulheres têm em estabelecer e manter amizades e de desfrutá-las, desenvolvem bem em toda a sua vida e, particularmente, na velhice. Essa capacidade para estabelecer e manter amizades e relações com familiares, amigos, vizinhos e outros, pode ser uma adaptação à solidão da velhice. Pode ser uma maneira de dar um sentido de identidade positivo e de desenvolver novos papéis (SALGADO, 2002, p. 16).

Percebe-se, portanto, que embora a velhice feminina carregue em si alguns conflitos e desafios sociais já apontados, diferentes modelos de ser mulher idosa na atualidade surgem como possibilidades de romper com antigos estereótipos e padrões historicamente atribuídos à mulher.

Partindo desse pressuposto, também nos propomos a discutir sobre as categorias de idade e os termos destinados a caracterizar os mais velhos, visto que também contribuem para que as particularidades de suas vivências se tornem mais explícitas. É ainda perceber que “dentro da categoria velhice há uma pluralidade marcada também por gerações” (BARROS, 2006, p. 119). No nosso estudo, entendemos geração como “um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência” (MOTTA, 2004b, p. 350).

Os estudos clássicos sobre geração, a exemplo de Mannheim e Eisenstadt, repercutiram nos debates travados no Brasil, nas décadas de 60 e 70 do século passado, quando priorizava-se o estudo da juventude. Sobre isso, Alda Motta pondera que

... só bem mais recentemente, entre as décadas de 80 e 90, um outro grupo geracional, os dos velhos, é alçado a objeto de estudo, por uma razão utilitária (...) A ‘geração’ que inquieta, enquanto vai se desdobrando em anos e diversidades, e ensejando uma *nova questão teórica*, também existencial e política: entre sessenta e cento e dez anos de vida, que percurso geracional pode ser traçado? Quantas ‘gerações’ de velhos estão coexistindo? Qual a ‘contemporaneidade’ possível entre elas? (2004b, p. 352).

Assim, a coexistência de gerações na velhice induz que os poderes público e privado, a família e a academia busquem novos meios capazes de promover uma convivência plena entre indivíduos que compartilham a mesma categoria, velhice, mas que estão inseridos em diferentes gerações e possuem trajetórias de vida distintas,

considerando suas particularidades, conflitos, necessidades, limites e aspirações. Dito isso, destacamos que

... a proporção da população ‘mais idosa’, ou seja, a de 80 anos e mais, também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo (...). Isso leva a uma heterogeneidade do segmento populacional chamado idoso (CAMARANO, 2002, p. 1).

Motta (2004a, p. 141) discute essa heterogeneidade por *dentro* da velhice e aponta para as diferenças entre os chamados idosos *jovens* e idosos *velhos*, ressaltando que

se os ‘idosos jovens’ têm a unificá-los como grupo mais ou menos homogêneo, além da idade, a participação nos ‘programas para a terceira idade’ e alguma pertinência, ainda ao mundo do trabalho, os mais velhos vivem a grande diversidade da vida humana, tendo como característica mais comum a individualizada participação nos eventos de família, dos antigos amigos e das igrejas, principalmente a católica.

De acordo com a perspectiva demográfica, a velhice é definida em termos de limites numéricos. Bourdieu, contudo, esclarece que: “O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias” (1983, p. 112. Neste sentido, reconhecemos que as classificações etárias são pensadas como um processo dinâmico, não-estático, que se molda de acordo com as necessidades que se apresentam em contextos socioculturais específicos. Discutir sobre as categorias de idade é perceber que, como “elementos fundamentais na organização e na cultura das sociedades, as idades participam de sua dinâmica – constroem-se, reconstroem-se e mudam de significado” (MOTTA, 2007, p. 226). Debert esclarece ainda que “essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios” (2007, p. 53).

É neste sentido que Debert (1999b) rejeita a noção de ciclos de vida, propondo a sua substituição pelo conceito “cursos da vida”, uma vez que neste conceito, a velhice seria pensada como um processo gradual, no qual a dimensão histórica e social e a trajetória individual são consideradas. Através dessas discussões estabelecidas sobre a periodização da vida e sua relação com a velhice, Langevin ressalta que “o envelhecimento é uma construção feita de passagens **obrigatórias** que delimitam e orientam a dinâmica do processo” (1998, p. 129, grifo do autor). De fato, na medida em

que discutimos a velhice e seus desdobramentos sociais, percebemos os múltiplos significados e particularidades que caracterizam a experiência de ser velho.

Os termos utilizados para classificar os mais velhos correspondem à um campo de estudos complexo e, portanto, de difícil consenso. Estudar esse caráter conceitual é relevante, visto que muitos dos estereótipos atribuídos socialmente são oriundos da maneira pela qual utilizamos as expressões. A concepção de “velho” é o principal exemplo dessa afirmação, como mostrado por Motta (1997, p. 129),

...partindo-se da análise das relações que se estabelecem entre os grupos de idade e as gerações, chega-se à noção mais antiga e costumeira para designar os de mais idade: a de velho. Esta vem sendo principalmente vinculada a duas outras: decadência e inatividade.

Devido aos vários significados atribuídos ao termo “velho”, geralmente, associados à objetos/coisas inúteis, acabadas, obsoletas, Cabral assinala que “observa-se a tendência em definir como velho (a) pessoas com características opostas às suas próprias, em protestar pelo tratamento que a sociedade dá aos mais velhos e em relutar enquadrar-se nesta condição” (1997, p.166).

Outras expressões também são utilizadas para se referir aos indivíduos de mais idade, tais como “idosos”, “terceira idade” e até uma “quarta idade” (MOTTA, 1997), cada uma compreendendo significados distintos. Peixoto mostra que o termo “*idoso*” simboliza sobretudo as pessoas mais velhas, ‘os velhos respeitados’, enquanto *terceira idade* designa principalmente os ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos” (PEIXOTO, 2007, p. 81, grifos do autor).

O modo pelo qual nos expressamos linguisticamente revela as representações específicas de cada sociedade, forjadas para caracterizar grupos e/ou indivíduos. É interessante, então, perceber a dificuldade em apontar uma expressão considerada adequada e destituída de noções preconcebidas para designar os indivíduos de mais idade. A constatação dessa realidade explicita uma tensão constante no que diz respeito às formas do *eu* se relacionar com o *outro* através da perspectiva da alteridade, principalmente, entre os sujeitos inseridos na categoria social velhice.

Nesse sentido, trazemos para o debate o conceito de alteridade com o objetivo de contribuir para discussão sobre o objeto de estudo da presente pesquisa junto a idosos com vivências e inserções distintas entre si, mas que se colocam numa relação

interpessoal na qual o *eu* estabelece um significativo diálogo com o *outro* na velhice, reconhecendo-o em sua diferença.

Sandra Jovchelovict aponta que “a consciência do *outro* em sua alteridade, ou seja, a consciência da diferença, é um problema de proporções históricas e de contínua importância na vida de grupos e comunidades” (1998, p. 69, grifos do autor). Assim, afirmamos que esse conceito é largamente utilizado nos estudos da Antropologia, visto que a prática da alteridade sugere uma relação com a diferença em suas múltiplas dimensões, perspectiva essencial para o “fazer antropológico”. Tal prática sugere, deste modo, o reconhecimento do *outro* a partir da pluralidade das expressões socioculturais da humanidade, rompendo com noções preconcebidas que desconhecem a diversidade social.

A alteridade, pensada como o confronto entre o *eu* e o *outro* nas relações interpessoais estabelecidas, revela-se como um conceito de relevante inserção no nosso estudo de cunho dissertativo. Na medida em que discutirmos a experiência de envelhecimento “asilar” e o que chamaremos de “aberta”, através das relações estabelecidas entre idosos asilados e voluntárias de um grupo de caridade, que atuam no asilo e que, em sua maioria, estão inseridas uma faixa etária reconhecida como idosa, pretendemos compreender como se dá o encontro e/ou embate entre *velhices*. Ou seja, a partir da perspectiva da alteridade, identificar como os membros de cada grupo social estudado reconhecem-se no *outro*.

O reconhecimento de si, diante do outro, na presente pesquisa, é permeado por questões de cunho sociocultural e subjetivo, bem como por recortes de gênero e geração, como pontuamos acima. Cada elemento caracteriza e particulariza os sujeitos sociais entre si.

Ademais, a análise sobre idosos inseridos em contextos distintos, oriundos de classes sociais irremediavelmente opostas, não deve desconsiderar a desigualdade que termina por contribuir para seu lugar de inserção atual. É nesta perspectiva que Neri (2011 apud PAPALÉO NETTO, 2002, p. 10) esclarece que

Se o início exato da velhice é rigorosamente indefinido e, portanto, torna-se difícil tentar fixá-lo, maior dificuldade talvez resida nas diferentes formas como a sociedade vê fenômeno e o idoso: preconceituosa com aqueles que têm origem em classes sociais mais baixas, benevolente para os que ocupam classes sociais mais elevadas.

Como abordaremos ao longo da pesquisa, a associação sobre a qual nos debruçamos é tradicionalmente reconhecida como oriunda de classe social abastada. No caso do núcleo de Campina Grande – PB, o perfil das voluntárias ainda reproduz traços de elite que, geralmente, está atualizada com tendências da moda, frequenta ambientes reconhecidos, estampa assiduamente colunas sociais locais, demonstra preocupação com a aparência, contudo, não deixa de comparecer às missas dominicais e aos eventos da programação religiosa católica. O poder aquisitivo que grande parte das caridosas ostenta contribui para a manutenção da autonomia, viagens, passeios, festas, possibilidades de guiar um automóvel.

Os asilados, por sua vez, relatam uma origem social humilde, sem recursos para estudar e, por sua vez, conquistar uma profissão que pudesse contribuir para uma ascensão social/econômica. Após empregos precários, relacionamentos afetivos mal-sucedidos ou viuvez, solidão e outras motivações particulares a cada residente, o asilo emergiu como uma possível solução para a situação que vivenciavam. A instituição asilar de caridade particulariza-se pela simplicidade das rotinas diárias e os residentes permanecem adaptados a esse estilo de vida.

Desta forma, os lugares de origem dos sujeitos da pesquisa e a classe social estão intrinsecamente relacionados à condição de vida que apresentam. A problematização das diferenças entre classes e a conseqüente desigualdade social torna-se imprescindível para uma análise mais detida sobre as particularidades existentes entre experiências de velhice na atualidade.

Diante das ponderações sobre os conceitos e temáticas acima consideradas, questionamos sobre outros elementos transversais que permeiam o trabalho. Devido às características peculiares do *lôcus* de pesquisa e das práticas realizadas nesse ambiente, lidamos recorrentemente com noções de solidariedade e caridade. Entretanto, antes de discutirmos tais conceitos, recorremos à um relevante estudo empreendido por Marcel Mauss, “Ensaio sobre o Dom/ Dádiva”, publicado em 1925. Nesse estudo, ele observou a prática do *potlatch*, que corresponde à um ritual de trocas de objetos (dons/dádivas) entre tribos indígenas das sociedades ditas arcaicas, constituindo em importante referencial para a abordagem da reciprocidade, solidariedade social, contrato e moral. Nesse ritual, desenvolve-se um sistema de economia pautada na dádiva, no qual a motivação principal não acontece a partir do lucro, mas envolve o reconhecimento daqueles que recebem os bens.

Alain Caillé se propõe a discutir o paradigma da dádiva a partir de Mauss. A princípio, conceitua tal paradigma sociologicamente como “qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. Na relação da dádiva, o vínculo é mais importante que o bem” (2002, p. 192). Através do estudo empreendido no “Ensaio sobre o Dom/Dádiva”, por sua vez, Caillé reconhece que a dádiva observada não se dá de forma desinteressada, é pautada pelo interesse, obrigação ou compulsão.

O teórico Marcel Mauss aponta que a prática de troca constrói um denso relacionamento entre os indivíduos, contudo, cria também um complexo vínculo de obrigações, na medida em que ao doar um objeto/presente, o receptor “deve” receber e retribuir o bem doado. As trocas de dons, sob a aparente ação voluntária/espontânea, terminam por envolver a tripla obrigatoriedade entre o dar/receber/retribuir e toda uma base de sustentação moral e de privilégios entre o indivíduo que doa e o receptor que assume a responsabilidade de retribuir de forma superior. Sobre as trocas que caracterizavam a sociedade estudada por Mauss, ele afirma que:

De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mas isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico (MAUSS, 2003, p. 187-188)

A noção de dádiva, amplamente discutida por Mauss a partir de práticas observadas nas sociedades arcaicas, pode ser aplicada a múltiplos contextos e realidades que se apresentam cotidianamente. A reflexão a respeito da “dádiva” repousa não apenas sobre a chamada tripla obrigação de dar/receber/retribuir, mas observam-se na reciprocidade, trocas assimétricas, nas quais o doador alcança uma posição superior, de prestígio, em relação ao receptor. Este, por sua vez, adquire o encargo de receber e retribuir o bem, principalmente, por critérios de moral diante da sociedade.

Na nossa pesquisa, as trocas observadas entre os sujeitos sociais são igualmente assimétricas, díspares. As caridosas se colocam numa posição de superioridade em relação aos asilados, na medida em que se articulam entre si para promover momentos de entretenimento, “alegria” para os residentes na instituição e possuem consciência da importância das práticas do Projeto no cotidiano dos idosos. A estes “receptores”, resta

receber o bem doado e retribuir da maneira que é possível, com presença, sorrisos, abraços, agradecimentos. É neste sentido que Caillé mostra que a dádiva “... repousa em um princípio de liberdade e de obrigação estreitamente misturadas, através do qual se realizam interesses comuns” (CAILLÉ, 2002, p. 199). Não podemos deixar de analisar também que a caridade, muitas vezes, adquire um significativo teor de tutela, de poder sobre outrem. A ajuda/contribuição/doação seria, de acordo com essa perspectiva, no sentido de manter o outro no “seu lugar”.

Contudo, a articulação entre as noções de solidariedade e caridade, diferentemente da perspectiva adotada por Mauss e seus comentadores, pode também ser analisada através de uma perspectiva social e cristã, de modo a discutir o voluntariado nas ações desenvolvidas pelas senhoras junto aos residentes no asilo. É neste sentido que Silva aponta que, “desde a década de 60, a Igreja do Brasil vem passando por uma reorientação teológica e social em sua tradicional forma de agir” (2006, p. 330). Assim, ao longo das décadas seguintes, verificamos que organizações voluntárias se multiplicaram na sociedade, tendo como um dos pressupostos, atenuar as desigualdades sociais que o sistema capitalista estabelece, e promover equanimidade de direitos e oportunidades sociais. Muitas dessas organizações voluntárias direcionam suas ações à prática da caridade e são vinculadas à religiões, principalmente, à católica. “Dessa forma, o trabalho voluntário fica secularmente atrelado à igreja e a classe rica, ancorado na filosofia do cristianismo obedecendo as encíclicas papais” (MARTINS, 2007, p. 2). A Associação da qual fazem parte as voluntárias que desenvolvem ações junto aos asilados, corresponde à um movimento leigo, que insere-se nesse conjunto de grupos fundamentados na perspectiva da solidariedade e da prática da caridade cristã.

Nesta perspectiva, Silva define solidariedade:

Como sentimento de responsabilidade e dever para com o outro, sentimento que envolve reciprocidade, responsabilidade e dever de um grupo com outro grupo, ou de um indivíduo para com outro indivíduo. O sentimento de solidariedade é tão mais importante à medida que leva aquele que exerce ações solidárias ao reconhecimento do problema do outro que se encontra em posição econômica e social desfavoráveis, incentivando à busca de sua superação, seja através de ações emergenciais e fragmentadas como a doação de alguns itens da cesta básica por ocasião de catástrofes naturais, seja através de engajamento em movimentos sociais, associações e cooperativas (2006, p. 339).

Atrelada a essa noção de ações recíprocas de responsabilidade para com o outro, retomamos a concepção de serviço ao próximo, do amor fraterno, um dever cristão com

os desfavorecidos socialmente. Deste modo, a caridade adquire uma dimensão cristã, na perspectiva de doação plena ao outro, sem esperar retorno, o que contrapõe-se à filantropia, que desenvolve atividades sociais, sem envolver a dimensão espiritual/religiosa, mas apenas a questão “humanitária” (OLIVEIRA, 2006).

No decorrer da pesquisa e ao longo dos diálogos estabelecidos com as voluntárias da AIC, entidade cristã fundada por um religioso, as dimensões de solidariedade e caridade, tanto de acordo com a perspectiva maussiana, quanto através da orientação moral cristã, se encontram intrinsecamente relacionadas entre si. Nesse contexto específico, a solidariedade emerge como um sentimento de co-responsabilidade e dever para o outro, enquanto a caridade envolve uma ação efetiva, fundamentada nos princípios do cristianismo. Ou seja, as voluntárias explicitam, em seus discursos, que o trabalho de voluntariado desenvolvido junto aos asilados envolve uma dimensão solidária e caridosa.

1.4 Velhos Institucionalizados e Não-institucionalizados: Fronteiras e Aproximações

Velhice, velhices. Consideramos, ao longo da nossa pesquisa, o caráter heterogêneo que particulariza a experiência de ser velho(a). A diferenciação de gênero, geração, classe social, nível de escolaridade e as evidentes mudanças de ordem cultural e subjetiva dos idosos condicionam o surgimento de variadas formas de vivenciar o processo de envelhecer na atualidade.

Na medida em que tomamos como objeto de estudo duas experiências de velhice distintas, inseridas no que pode ser entendido como realidade asilar *versus* realidade “aberta”, e confrontamos as vivências e relações de sociabilidade estabelecidas entre os idosos dessas duas “realidades”, nos propomos a analisar de maneira preliminar as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice institucionalizada e não-institucionalizada, com a finalidade de apreender diferenças e afinidades que se apresentam em tais contextos.

1.4.1 A Velhice Institucionalizada

O envelhecimento da população mundial e brasileira, em especial, é uma realidade incontestável. De acordo com o último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010 revelou que a população considerada idosa no Brasil corresponde a 11,1%. No estado da Paraíba esse índice já ultrapassa os 11,98% da população total, percentual que o eleva à terceira colocação entre os estados com maior contingente de idosos (IBGE, 2011). Esse fato implica inúmeras alterações nos padrões sociais vigentes, visto que a longevidade sugere um complexo rearranjo em todos os aspectos da vida. Essa mudança produz e impacta as políticas públicas e sociais, devendo o Estado proporcionar melhor inserção social ao segmento, e a sociedade criar padrões de solidariedade entre as gerações (CABRAL, 2002).

A mudança repercute também nas famílias, modificando as relações intergeracionais. Muitos filhos, incapazes de suprir as necessidades específicas dos mais velhos, transferem suas funções tradicionais de apoio para outras instituições existentes na sociedade. É reconhecido que essas práticas têm sido relacionadas às alterações nas relações de gênero, considerando-se, por exemplo, o amplo engajamento das mulheres no mercado de trabalho que reduziu suas possibilidades no cuidar das crianças e dos idosos.

É nesse sentido que pontuamos que dentre as questões que emergem em decorrência do significativo aumento da expectativa de vida populacional, observa-se um aumento de idosos residindo em asilos, bem como há uma maior valorização dessas instituições que assumem grande importância atualmente (GROISMAN, 1999; DEBERT, 1999b).

No ano de 2011, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), realizou um censo a respeito das instituições asilares no Brasil, e concluiu que mais de 83 mil idosos estão distribuídos em 3.548 asilos, entre públicos (6,6%), privados (28,2%) e de caráter filantrópico (65,2%). A maioria dos residentes nestas instituições são mulheres. Segundo a pesquisadora responsável pelo estudo, Ana Amélia Camarano, o número de instituições, contudo, não acompanha o crescimento da população idosa no país, que já ultrapassa os 20 milhões. Embora a demanda pelo atendimento em asilos seja indiscutivelmente crescente, Camarano ressalta que mais de dois terços dos municípios brasileiros não possuem instituições asilares. Dito isso, reconhecemos que as alternativas para os cuidados com idosos são limitadas, visto que o país necessita de recursos humanos e infraestruturais para atender essa demanda existente e superar rejeições relacionadas à antigos estereótipos que o ambiente agrega (IPEA, 2011).

Consideramos, nesse momento, que Debert (1999b) aponta que as propostas de pesquisas sobre o envelhecimento em instituições de longa permanência para idosos, as chamadas ILPI's, são pensadas como tentativas de aproximação de uma experiência que compreende dois aspectos distintos. Um apresenta a instituição asilar como aquela que promove a vivência entre um grupo da mesma faixa etária, onde os idosos podem recordar o passado e compartilhá-lo, e assim se converterem em narradores de suas histórias de vida, construindo um espaço de vivência harmoniosa e sociável. Por outro lado, pode-se perceber o asilo como um espaço que favorece o distanciamento da convivência familiar e o isolamento da sociedade, contribuindo para a perda da experiência de sociabilidade. Os idosos também entram para o asilo à procura de alguma vida social compatível com o que perderam, devido ao avanço da idade e ao abandono familiar, e esboçam novas formas de sociabilidade. Conforme analisado por Debert, em alguns casos, “entrar no asilo era, para os residentes, uma forma de tentar uma nova sociabilidade que a vida na casa dos filhos não preenchia” (1999b, p. 120).

A princípio, ao observar o asilo em consonância com essa segunda perspectiva apontada por Debert, ou seja, como um ambiente que promove o afastamento dos indivíduos que nele residem da sociedade mais ampla, reconhecemos que, para os idosos, a perda do contato com os indivíduos com os quais possuíam vínculos afetivos e/ou familiares é sentida com maior intensidade, visto que ela atua como uma inexorável ruptura. Ruptura de um tempo, de uma condição, de relações, de uma trajetória de vida que necessita ser recriada.

Ao discutir sobre as complexas questões que envolvem as chamadas “instituições geriátricas” no Brasil, Vieira reconhece que o processo de envelhecer, nesse contexto, pode apresentar dois aspectos relevantes: “... a *solidão*, como estado emocional suscitado pela carência de vínculos afetivos, e o *isolamento*, como carência de contatos e de atividades sociais” (2003, p. 16, grifos do autor).

De acordo com a perspectiva teórica desenvolvida por Goffman (2008), referência quando nos propomos a discutir o asilamento de idosos, o asilo pode ser visto ainda como uma instituição total, sendo este um lugar fechado, mantido por regras e horários, onde a vida das pessoas é totalmente administrada, tendo os mesmos uma relação restrita com o mundo externo. Assim, as instituições asilares exercem influência sobre a vida residentes, visto que restrições e práticas são rigorosamente estabelecidas.

Contudo, aplicar na nossa pesquisa o conceito de instituição total, no sentido goffmaniano, não se faz de forma indiscriminada e literal. O asilo, apesar de constituir-

se em um ambiente conduzido por horário, regras, pela formalidade e rigor, é caracterizado uma maior maleabilidade de atividades, de adaptação de situações que consideram os limites físicos e psicológicos dos idosos, o que possivelmente não ocorre, por exemplo, em prisões.

Deste modo, não limitando-nos a analisar a velhice asilada apenas como perdas – física, de liberdade, autonomia, relações, entre outras – e o asilo como um ambiente puramente formal e regrado, sem espaço para expressões de autonomia e resistências cotidianas, retomamos o primeiro aspecto que Debert (1999b) reconhece em pesquisas realizadas em instituições asilares, que percebe o asilo enquanto espaço que possibilita vivências e convivências entre indivíduos que compartilham geração, condição social e o espaço físico. De acordo com essa perspectiva, as instituições contribuem para o estabelecimento de uma rede de solidariedade e relações de sociabilidade entre os idosos, e destes, com seus cuidadores sociais, formando novos laços socioafetivos e uma peculiar experiência de velhice.

Sobre o afastamento da rede familiar e os reflexos causados em decorrência dessa ruptura de relações, Alcântara (2009) desenvolve um estudo relevante no qual discute “... as percepções dos velhos institucionalizados sobre a decisão da família em mantê-los no asilo e o entendimento do grupo familiar acerca dessa determinação”. Procura, ao longo da pesquisa, desmistificar imagens que permeiam o domínio das instituições de longa permanência para idosos, revelando que percepções que apresentam o asilo com uma carga extremamente negativa, os familiares e cuidadores dos asilados, como “carrascos” e “insensíveis” e o próprio velho apenas como vítima, desconhecem as particularidades e complexidades que envolvem a velhice institucionalizada e as relações existentes entre o idoso e a família. Ratificando a perspectiva adotada por Alcântara, no nosso estudo pretendemos discutir o asilo e seus residentes de forma nuançada, reconhecendo esse espaço, os asilados e o corpo administrativo e de servidores através de seus conflitos e afetividades, imposição de normas institucionais e expressões de solidariedade mútua.

O asilo pode ser percebido como parte da realidade social da atualidade, necessário para o atendimento de idosos que se encontram em situação de risco social, constituindo-se em uma alternativa às situações de violência, maus-tratos, solidão, abandono. Como espaço que possibilita relações sociais entre indivíduos que embora compartilhem a condição social e a geração, são diversos entre si, detentores de trajetórias de vida, aspirações, necessidades físicas e emocionais peculiares.

Como poderemos constatar, através dos relatos e das apreensões obtidas através da pesquisa de campo realizada, os cuidadores dos asilados tanto podem ser reconhecidos pelos idosos por critérios de afetividade, quanto com certa indiferença. A família, percebida como “vilã” da situação vivenciada pelos asilados, ora é enaltecida, visto que por cuidado e amor, em comum acordo, levou seu idoso para o asilo, ora é sutil ou abertamente recriminada pelos residentes. Os idosos, comumente vistos como “vítimas” de “algozes” no meio familiar, nem sempre repudiam a vivência asilar, são deprimidos ou desprovidos de perspectivas de futuro. Muitos reconhecem o asilo como um ambiente que demarca um novo modo de vida, distante da violência, opressão, descaso e que também proporciona possibilidades reais de construir vínculos e serem atendidos nas suas necessidades. E, quase todos relembram com saudades os bons momentos familiares, quando possuíam independência e autoridade perante sua rede de sociabilidade e tinham autonomia para gerir suas vidas. Essa nostalgia muito evidente, às vezes se acentua, sendo comum aparecer depressão, frustração, tristeza e isolamento em relação aos demais residentes.

O nosso estudo dissertativo procurará, então, dar conta de uma realidade social complexa, que se mostra de forma nuançada. A proposta é discutir, fundamentado nas vivências cotidianas dos idosos junto aos demais residentes e às suas cuidadoras sociais (religiosas e funcionárias), as duas dimensões que uma instituição asilar adquire em estudos realizados e verificados na pesquisa empírica: por um lado, como um ambiente formal, regido por normas, que condiciona o afastamento dos idosos da sua rede familiar e da sociedade e, por outro lado, articulado à perspectiva de o asilo também possibilitar novas experiências de sociabilidade geracional e vivências de envelhecer. Esse exercício de analisar essas “duas faces” do asilo contribuirá, portanto, para que diferentes percepções sobre a velhice institucionalizada possam ser reconhecidas.

1.4.2 A Velhice Não-Institucionalizada

Os lugares de inserção dos indivíduos na velhice identificam e conferem relevantes significados para suas vivências, diante da realidade social que se apresenta. Residir numa instituição asilar, exercer uma atividade profissional, residir com familiares, morar sozinho, participar de grupos de convivência para idosos, engajar-se em movimentos sociais, atuar em formações religiosas e/ou de cunho social, correspondem à algumas possibilidades de inserção dos idosos na sociedade atual.

Nesse momento do estudo, priorizamos a abordagem do idoso enquanto sujeito não-institucionalizado, ou seja, aquele idoso com o qual nos deparamos no cotidiano, com seus conflitos, conquistas, doenças, vivacidade, afetos. Um sujeito diverso, por excelência, que agrega em si, experiências de juventude, de maturidade e de vida, que possibilita uma peculiar vivência e convivência com a sociedade circundante.

Nesse momento, é importante considerarmos que,

Numa sociedade que não prevê um lugar social para os velhos e velhos e redireciona agora seu curso com extraordinária rapidez, eles se colocam como parte desse movimento, ou são estimulados a acompanhá-lo pelos agentes sociais e institucionais que percebem as possibilidades lucrativas do seu consumo de bens variados e de formas de lazer para ‘terceira idade’. Organizam-se em grupos e programas de variada natureza, prioritária ou totalmente constituídos pelos de mais idade. Esses grupos tecem grande parte da estrutura que está visibilizando socialmente os velhos (MOTTA, 1999, p. 213-214).

Deste modo, a literatura sobre o que poderíamos denominar como velhice “não-institucionalizada”, propõe uma discussão sobre diferentes formas de inserção social, reconhecidas também como formas contemporâneas de gestão do envelhecimento, sendo as principais encontradas na participação de idosos em grupos de “terceira idade”³(CABRAL, 1997; MOTTA, 1997), na religião (BARROS, 2007), e na própria família (CABRAL, 2002; MOTTA, 1998). Nossa proposta é, então, realizar um percurso sobre tais espaços de convivência e de inserção, possibilitando uma percepção panorâmica sobre a condição de vida da população idosa no atual contexto brasileiro.

Segundo Barros (2006, p. 124), “a coexistência de significados e experiências de velhice se dá em um processo de mudanças significativas na vida familiar dos diferentes segmentos sociais no Brasil”. Arelado à essa afirmação, as análises demográficas apontam para a relevância do estudo sobre a inserção do idoso na família. Cabral (1998, p.52) aponta que uma das tendências apresentadas a partir dos dados demográficos coletados foi a generalização da longevidade populacional, que permite “a convivência prolongada entre as gerações e as possibilidades reais dos indivíduos passarem mais

³ No presente estudo dissertativo, o termo “terceira idade” será feito através do uso de aspas, visto que tal vocábulo surge para designar, de maneira mais “respeitosa” os chamados jovens aposentados, constituindo-se em sinônimo de envelhecimento ativo, independente, dinâmico. Trata-se, portanto, de um termo limitado, submetido aos interesses do mercado, que não compreende as especificidades da velhice. Concordamos com Lenoir, (1977, p. 384 apud PEIXOTO, 2007, p. 76), quando afirma que “a expressão ‘terceira idade’ não é um simples substituto do termo ‘velhice’. O trabalho de classificação é indissociavelmente um trabalho de eufemização e tem por objetivo tornar nominável, ou seja, público, aquilo que até agora foi rechaçado e não pôde se exprimir, como por exemplo tudo o que se relaciona à vida sexual que, em vocabulário jargão, permite dizer a coisa sem pronunciar a palavra”.

tempo de suas vidas na condição de avós, pais, filhos e netos, vivenciando a superposição desses papéis”. A autora ainda ressalta que o percentual elevado de idosos é verificado em todas as regiões geográficas, surpreendendo as altas demandas de idosos no Nordeste brasileiro.

Consideramos que, de acordo com Cabral (2002), a prática da solidariedade intergeracional é significativamente presente no meio familiar, na medida em que a renda ou a posse de bens do idoso atuam em benefício de filhos e netos desempregados e/ou em condições de vida precárias, por isso, são reconhecidos como os provedores do lar. Então, percebemos “uma relação de dependência inversa” àquela difundida na sociedade, que toma o idoso enquanto sujeito submetido às vontades e cuidados da rede familiar, uma vez que suas aposentadorias e pensões, mesmo modestas, despontam como as grandes responsáveis pela reprodução das famílias.

Na composição familiar dos idosos, um aspecto que se sobressai ainda, é a constatação de que muitos deles moram sozinhos. Segundo Motta (1998), essa moradia solitária é reconhecida, principalmente entre as mulheres, como um espaço que possibilita liberdade, tranquilidade e independência, ao passo que os homens, em geral, percebem aspectos negativos diante da perspectiva de morarem sozinhos, visto que apontam para a solidão, ausência de cuidados e tendências a depressão. Salientamos ainda que estudos revelam que a residência solitária não impede que os idosos mantenham relações afetivas, de serviço e até econômica com a rede familiar e de vizinhança, o que contribui para o reconhecimento de que “nem o velho morar só é sinal inequívoco de abandono familiar, nem morar junto com a família significa ou é garantia de afeto e apoio” (MOTTA, 1998, p. 83).

Diante dessa inserção familiar que caracterizam as vivências na velhice, direcionamos a nossa atenção para os espaços e grupos nos quais os idosos buscam e encontram engajamento social, tais como grupos/pastorais religiosas, movimentos sociais, grupos de convivência para “terceira idade”, entre outros.

Assim, também dentre as inúmeras questões surgidas em decorrência do avanço da expectativa de vida populacional, observa-se um considerável aumento no número de grupos de convivência ou “terceira idade”. Os chamados grupos de “terceira idade” são tipos específicos de associações que compreendem relevantes significados para os participantes. Na medida em que possibilitam a convivência entre indivíduos da mesma faixa etária, formam relações de sociabilidade e consolidam a rede de solidariedade

comunitária, que extrapola os limites do grupo e repercute no cotidiano social e familiar dos idosos.

No Brasil, tais grupos se difundiram rapidamente, sendo encontradas formações em pastorais de igreja, grupos de convivência promovidos por prefeituras, no SESC, em SAB's e demais organizações voltados ao público idoso. Como apontado por CABRAL (1997, p. 161), “atualmente, os grupos de convivência aparecem com mais visibilidade e, como uma moda, se multiplicaram no espaço público, aparecendo como novidade o apoio do estado, através de políticas sociais”.

A maioria dos grupos de “terceira idade” contempla em suas atividades, reuniões semanais, ensaios de dança, canto, festas para os aniversariantes do mês, confraternizações, viagens de curta duração e práticas religiosas. Esses momentos são marcados pela intensa prática de sociabilidade entre os participantes, na medida em que de forma espontânea, compartilham momentos significativos com pessoas da mesma faixa etária.

Uma tendência apresentada em grupos de convivência para idosos é a significativa parcela de mulheres participantes. A análise realizada por Motta (1997, p. 135) é elucidativa quanto à questão discutida, na medida em que afirma que

Essa dominância das mulheres, que freqüentemente ‘dão o tom’ da vida desses grupos, tem razões, muito além das demográficas, sobretudo culturais e de momento histórico na trajetória social dos gêneros – como venho acentuando em vários trabalhos. Muito menos resignadas à velhice, – como definida segundo o modelo tradicional, referenciada a inatividade e descarte social, essas mulheres estão vivendo um tempo de maior liberação, que as anima a pensar, afinal, um pouco em si, como por toda parte estão proclamando, em um padrão de comportamento geracional, e de gênero, que antes não encontrava justificativa social para se exercer, tratando-se de pessoas que ‘deveriam viver para a família’.

Ademais, ao Cabral (1997, p.167) analisar grupos de convivência na cidade de João Pessoa – PB, com público essencialmente feminino, afirma que, “para elas, o grupo significa uma forma de romper com a trajetória de submissão à casa e à família. É um espaço importante, que também permite o distanciamento temporário da vida doméstica”. Para essa autora, “o fato de que esses grupos ou programas sejam bem aceitos ou diretamente procurados pelos idosos, demonstra a existência de uma carência ou até de uma busca, por parte de um segmento etário/existencial que perdeu seu lugar social e ensaia construir algum outro” (CABRAL, 1997, p. 135). Assim, eles atuam também como meios capazes de suprir ausências afetivas, existenciais ou físicas,

naqueles que perderam seu par conjugal, que desejam ampliar sua rede de amizade, exercer a liberdade conquistada após a garantia da aposentadoria ou atenuar os efeitos da solidão.

De acordo com tais estudos, através da observação das práticas e do discurso das idosas participantes dos grupos de convivência, algo que se torna aparente é a solidariedade geracional. As conversas, risos e brincadeiras, dão lugar ao cuidado e à preocupação demonstrada em situações limites que se apresentam no cotidiano social e familiar dos participantes do grupo.

É importante destacar, nesse momento, que a discussão sobre idosos inseridos em grupos freqüentados por idosos, fundamentados essencialmente em princípios religiosos, não difere de maneira significativa dos assim denominados de “terceira idade”, visto que, como percebemos na experiência de pesquisa junto às voluntárias da Associação Internacional de Caridades e na pesquisa realizada por Barros (2007) com um grupo católico formado por mulheres, a velhice nesses grupos é essencialmente feminina e busca romper com os limites que a esfera doméstica e familiar historicamente estabelece e atuar na sociedade, através do engajamento em atividades de cunho social.

Neste sentido, discutir questões relativas à sociabilidade e solidariedade geracional no contexto de grupos de convivência para idosos, tal como em associações de cunho religioso, revela uma rede de apoio mútuo consolidado, que atinge e atua sobre a convivência comunitária e familiar dos idosos. Ademais, ponderamos que os debates que envolvem a inserção do idoso na família possibilitam o reconhecimento de uma configuração social que extrapola os limites da vida privada, tornam-se uma questão pública e alvo de observações que visam atender as lacunas existentes

1.4.3 Fronteiras e Aproximações Entre Velhices

Quais os aspectos que demarcam uma distinção entre a experiência de velhice asilada e a velhice não-asilada? É possível apontar aproximações e semelhanças entre tais vivências? Ao discutir as diferentes formas de inserção do idoso na sociedade atual, seja como residente de uma instituição asilar, como participantes de grupo de convivência, engajados em causas sociais, entre outros, procuramos tornar perceptível a heterogeneidade que caracteriza o processo de envelhecer, até mesmo, no interior desses contextos e grupos.

Os elementos reconhecidos como aqueles que aproximam os idosos asilados dos que vivenciam experiência não-institucionalizada, são principalmente o fato de que eles se inserem em tais contextos, asilo ou grupos de convivência, em busca de apoio, estabilidade física ou emocional, de recriar novas possibilidades de sociabilidade, vínculos afetivos. Em geral, os idosos conferem relevante significado para a rede familiar e de amizade e, na ausência deles, estabelecem novos laços com indivíduos que compartilham a mesma condição social, ampliando sua rede de relações sociais. Compartilham ainda, entre si, o preconceito de alguns segmentos sociais que incapacitam os idosos para decidirem sobre certos aspectos de suas vidas.

A partir disso, verificamos que os idosos diferem entre si, principalmente, na perspectiva da ausência/presença de autonomia para gerir os aspectos cotidianos de suas vidas. Enquanto no caso dos asilados, a autonomia que possuem é mínima em relação à toda normatização institucional imposta, os idosos participantes de grupos de convivência, que ainda exercem atividades profissionais ou a chefia familiar, são autônomos e, muitas vezes, possuem independência financeira. A convivência e/ou proximidade com a rede familiar também constitui-se em um elemento demarcador de diferenciação entre idosos de tais contextos, visto que o asilamento provoca afastamento da família, como já pontuamos acima.

Na medida em que elencamos tais aspectos para pontuar as diferenças e aproximações entre formas de vivenciar a velhice, reconhecidos na realidade empírica da nossa pesquisa, evidencia-se a heterogeneidade que particulariza o idoso na atualidade, discutida por diversos estudiosos, visto que a condição de ser velho asilado ou não-asilado compreendeu distintos significados para os informantes da pesquisa.

SOCIABILIDADES NA VELHICE: VIVÊNCIAS E PARTICULARIDADES DAS SENHORAS DA CARIDADE E IDOSOS ASILADOS

*“Um fenômeno próprio da sociedade atual é o encontro de pessoas idosas em grupo organizados, de variadas propostas, desenvolvendo uma sociabilidade marcadamente intrageracional”
(MOTTA, 2004a, p. 109).*

2.1 Apontamentos Iniciais

A finalidade do capítulo é articular os dados obtidos através do trabalho de campo realizado, com o referencial teórico sobre o qual nos debruçamos, delineando os aspectos que caracterizam a instituição asilar, *lócus* da pesquisa, e os idosos residentes, bem como o Núcleo da Associação Internacional de Caridades, em Campina Grande – PB, e as relações sociais estabelecidas entre as voluntárias. Deste modo, esses grupos serão analisados separadamente, como espaços de sociabilidade, uma vez que constituem espaços que promovem experiências sociais diferenciadas em torno da velhice. Pontuaremos diversos elementos que os permeiam, tais como o caráter organizacional e disciplinar presentes nesses ambientes e grupos específicos, as hierarquias e sociabilidades estabelecidas, os conflitos e as dinâmicas cotidianas que se desdobram em tais espaços de interação social.

Essa dinâmica de exposição se articula com o objetivo do presente trabalho dissertativo, visto que ao esmiuçarmos os espaços de sociabilidade que norteiam o estudo e como os indivíduos inseridos neles se relacionam, adquirimos subsídios empíricos e teóricos necessários para uma posterior análise contundente sobre as interações entre asilados e caridosas e, conseqüentemente, as diferenças presentes no processo de envelhecer. Neste sentido, concordamos quando Peixoto afirma que é

Impossível estudar o processo de envelhecimento sem refletir sobre as novas formas de sociabilidade que surgiram os últimos decênios. Entendemos que a sociabilidade estabelece um elo entre as interações cotidianas e as relações sociais efêmeras; elas podem ser práticas espontâneas exercidas nas praças, praias e centros comerciais ou podem ser coordenadas por organismos

públicos ou privados, como os clubes e universidades da terceira idade, etc. (2004, p. 11-12)

Assim sendo, é importante esclarecer que a proposta de realizarmos uma análise dos grupos, bem como das vivências dos indivíduos que os compõem, não sugere uma dinâmica restrita de comparação entre trajetórias de vidas diferenciadas ou a influência que cada grupo exerce sobre o outro. Como foi enfatizado em outro momento do estudo, a finalidade é, por meio desse recorte, fornecer elementos para apreender o confronto entre diferentes formas de experienciar a *velhice* na sociedade contemporânea, ressaltando-se os limites e aproximações entre essas experiências, através da percepção de suas necessidades e características socioculturais e subjetivas.

2.2. Instituição Asilar: Vivências e Convivências do Envelhecer

Apreender as diferenças presentes no processo de envelhecer através da análise do *encontro* e das relações de sociabilidade construídas entre idosos inseridos em grupos com características distintas, nos proporciona o reconhecimento de novas e complexas dimensões da *velhice*.

Estudiosos analisam, através de diferentes perspectivas, as particularidades que envolvem a *velhice* asilada (DEBERT, 1999b; GROISMAN, 1999; ELIAS, 2001; FALEIROS & MORANO, 2009). A temática é constantemente discutida e alvo de controvérsias que ora ressaltam o isolamento que uma instituição asilar impõe, ora reconhecem sua relevância para o acolhimento de idosos abandonados e/ou carentes de recursos financeiros para garantir sua subsistência. Em meio à esses debates, que tratam sobre a institucionalização de idosos e seus vários desdobramentos, estabelecidos na academia, nas esferas dos setores público e privado, na família e que, conseqüentemente, repercutem na sociedade, reconhecemos que os asilados são possuidores de vivências peculiares e, muitas vezes, relatam suas histórias de vida, avaliando experiências passadas, aspectos do presente e perspectivas de futuro. A convivência com outros indivíduos com os quais compartilham o espaço físico, normas institucionais e parte das experiências próprias à condição de asilamento, corresponde à uma nova realidade a ser administrada pelos idosos, uma vez que eles, em sua maioria, deixam a vivência solitária ou a convivência familiar e têm que se adaptar à uma complexa dinâmica de direitos e deveres institucionais de cunho coletivo.

Vivências e convivências se entrelaçam continuamente nos diálogos estabelecidos entre a instituição asilar e a subjetividade de seus residentes. Neste sentido, buscamos realizar uma exposição elucidativa, que consiga abranger parte dos elementos estruturais presentes na instituição asilar sobre a qual nos debruçamos, os laços de sociabilidade construídos entre residentes e estes, com seus cuidadores e os aspectos cotidianos que se desdobram nesse ambiente peculiar.

2.2.1 Instituto São Vicente de Paulo: Um Percurso Sócio-Histórico Sobre o *Lócus* da Pesquisa e o Caráter Disciplinar da Instituição Asilar

O Instituto São Vicente de Paulo, localizado às margens do Açude Velho, bairro Catolé, na cidade de Campina Grande – PB, corresponde à uma instituição de caridade de orientação católica, administrada por religiosas da ordem Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e tem como Diretora, a Irmã Bernadete. Existe há oitenta anos e, atualmente, abriga onze religiosas. Dentre as freiras que lá residem, apenas duas trabalham diretamente no asilo e são responsáveis por sua manutenção cotidiana.

A área total do Instituto é composta por uma grande Capela frequentada pela população da cidade e por duas instituições de características bastante diferenciadas: escolar e asilar. Entre a escola e o asilo encontram-se a sede da Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo, uma quadra de esportes e um amplo espaço destinado à educação profissional, que promove o ensino de habilidades manuais à comunidade, organizado pelas religiosas, em parceria com o Estado e com as Voluntárias da Caridade, denominado “Artesanato São Vicente de Paulo”. Além disso, bem próximo ao espaço da casa dos asilados, foram inaugurados, em 1997, uma clínica de fisioterapia e dois consultórios médicos para atendimento dos asilados, denominando-se “Clínica de Fisioterapia Sta. Catarina Laboré”, que conta com a contribuição do poder público estadual e municipal para o custeio do trabalho que médicos, fisioterapeutas e de demais profissionais da área de saúde disponibilizam nessa Clínica.

A Capela se localiza ao lado do prédio principal do Instituto e é cercada por um jardim (Foto 1). O prédio principal é organizado da seguinte maneira: o térreo é dividido entre o espaço no qual estão localizados os ambientes de convivência coletiva das religiosas, e a escola, que funciona no turno da tarde. No andar superior, estão dispostos os dormitórios das religiosas. Salientamos que não temos acesso ao espaço de

convívio íntimo das freiras, apenas aos setores de circulação coletiva. Contudo, temos acesso à informação de que, uma das religiosas, por ser filha única e sua mãe, já idosa, não poder contar com cuidadores, obteve autorização para levar a mãe para o convívio institucional. Esta, embora circule por toda área do Instituto, inclusive no asilo, reside no prédio principal, próximo ao ambiente habitado pelas freiras.

Na área da instituição escolar, no térreo do prédio principal, encontramos a Recepção, Sala dos Técnicos, Sala da Diretoria, Secretaria, Refeitório, além das salas de aula. O asilo, embora mais afastado, nos “fundos” da área total do Instituto, se vincula ao prédio principal por meio de corredores e portas de acesso laterais (Foto 2).



Capela e Prédio principal do Instituto (Foto1 – Acervo Pessoal de Pesquisa)



Localização do Asilo nos “fundos” do Instituto (Foto 2 – Acervo Pessoal de Pesquisa)

Nesse sentido, trata-se de uma confrontação de extremos da vida humana, contemplando gerações, aspirações e necessidades diversas. De um lado, as crianças iniciando no mundo das aprendizagens, o que exige um acompanhamento intenso dos familiares e professores; de outro, os idosos, que passaram pela fase de adquirir conhecimentos básicos e, no momento, possuem diferentes necessidades, ao precisarem de outras pessoas para gerir sua própria vida, já que muitos não possuem autonomia física e/ou mental, nem dispõem do suporte familiar. Deste modo, o princípio e a finitude da vida se contrapõem ao dividirem o mesmo espaço, no Instituto, embora em ambientes distintos.

Ressaltamos, contudo, que a distribuição espacial descrita acima revela elementos significativos para a compreensão do lugar da velhice na sociedade atual. A escola, destinada à promoção educacional infantil, ocupa um lugar de destaque no Instituto, e ao asilo de idosos, por sua vez, é relegado um espaço mais “oculto”, afastado dos acontecimentos da escola e da capela e, com maior intensidade, da vida social que se desdobra além dos muros do Instituto. Observamos, então, certa centralidade reservada para as “promessas” do nosso futuro, as crianças e, por outro lado, o isolamento/afastamento do “passado”, do “retrógrado”, da velhice.

Consideramos na nossa análise que as condições de acessibilidade da estrutura física do espaço da escola, contando com muitas escadas e degraus, impossibilitariam e/ou dificultariam o acesso dos idosos no local. Além disso, como a rua na qual o Instituto está localizado é bastante movimentada, o afastamento dessa “agitação” urbana pode ter sido pensado com a finalidade de promover bem-estar, silêncio e tranquilidade aos idosos residentes. Entretanto, ainda que façamos tais ressalvas, insistimos no fato de que os espaços reservados a cada instituição, demonstrando certa segregação espacial, possibilitam significativas reflexões sobre as práticas sociais da atualidade e explicitam o movimento de ocultamento da velhice e seus desdobramentos, como a prática do asilamento de idosos.

Após passar pela Capela, em direção ao asilo, encontramos uma espécie de gruta, com uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ornamentada com flores. Um pátio gramado surge quando percorremos o espaço que antecede as dependências do asilo e que é comumente utilizado como estacionamento. No local em que antes havia uma antiga árvore que caiu após forte chuva, construíram um espaço de convivência denominado “Espaço da Gameleira”, com bancos de pedra e que dá acesso à entrada do asilo. Como se localiza próximo à ala masculina, apenas os homens asilados frequentam

esse local de convivência, além de alguns visitantes, embora seja aberto à todos asilados.

Em seguida, já na casa do asilo, nos deparamos com a ala masculina, localizada no lado esquerdo, onde se encontram os três grandes quartos masculinos, com seus respectivos sanitários. Entre a ala masculina e a feminina, encontramos a sala de visitas, a sala de apoio para guardar remédios e demais utensílios, e o refeitório. No setor feminino, à direita, encontram-se dois quartos interligados, bastante espaçosos. Ao passar por eles, há um corredor de sanitários que dá acesso à uma pequena sala de convivência entre idosas com nível de demência senil avançado e que possuem mais dificuldade de circular pelo ambiente. Esta antecede mais dois quartos interligados, menores e destinados à idosas enfermas, que estão acamadas.

Após o salão principal, ambiente comum à idosos e idosas, onde estão dispostas várias cadeiras e a televisão ao centro, ainda há um grande dormitório e um corredor com oito quartos, porém, em tamanhos menores, que são mais individualizados, também destinados às mulheres. Os sanitários desse setor são agrupados em mais um corredor. Há ainda uma sala no espaço mais afastado do asilo, que funciona quando há óbitos no local, a lavanderia e uma área externa, com inúmeras árvores e flores, cercando todo o ambiente.

Consideramos que a disposição dos cômodos do asilo obedece a certos critérios de hierarquia, visto que aqueles idosos que possuem mais autonomia físico-mental, ocupam quartos coletivos, que são mais iluminados, “alegres”, abertos e movimentados. Já para aqueles que se utilizam de cadeiras de roda e possuem debilidade mental e/ou dependência física, são destinados quartos menores, quase sem incidência de luz natural e bastante silenciosos. Sobre tais “hierarquias espaciais”, podemos apontar ainda uma sala, afastada do asilo, que corresponde à um espaço no qual são realizados os velórios dos idosos que falecem no local. Como afirmado por Elias (2001, p. 19)

A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, são isolados.

Além dessa descrição e análise sobre a disposição dos espaços do asilo, que revela que os residentes estão separados em função do gênero e do grau de enfermidade que apresentam, esclarecemos ainda que essa medida atende aos critérios estabelecidos

pela ANVISA (BRASIL, 2005) para regulamentar a criação e manutenção das chamadas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's). Os idosos enfermos, acamados, são colocados em setores mais isolados, individualizados, à margem do ambiente asilar, semelhante à uma enfermaria hospitalar. A área que cerca o asilo, bem como seus cômodos internos, possuem condições de acessibilidade favoráveis para a circulação dos idosos no local, com rampas e corrimão. Ressaltamos que o ambiente é asséptico, sugerindo organização, especialmente, nos horários de visita estabelecidos pela Direção do asilo.

Embora os idosos possuam tais condições favoráveis de acessibilidade, observamos que, mesmo entre aqueles que têm autonomia para caminhar, eles não circulam com regularidade por toda extensão do ambiente, se limitam aos quartos e salas. O jardim, a capela do Instituto, o “Espaço da Gameleira” e outras áreas de vivência são pouco “frequentadas” pelos idosos.

Como a instituição é administrada por religiosas, grande parte da decoração do asilo é composta por artigos religiosos, como imagens e quadros de santos, além de mensagens bíblicas. A decoração conta ainda com vários murais de fotografias dos asilados, flores de papel nas paredes e algumas mensagens de autoajuda.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria do Instituto sobre o histórico do local, temos acesso ao fato de que, quando fundado em 1931, denominava-se “Asilo de Mendicidade Deus e Caridade” e pertencia à uma instituição de orientação espírita que se propunha a abrigar os idosos desamparados da cidade. Devido às dificuldades financeiras, a administração do asilo à época solicitou que D. Anselmo Petrilli, então Bispo de João Pessoa/PB, encarregasse religiosas que pudessem assumir a Direção do Instituto. Na época, chegaram quatro Irmãs da ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, duas francesas e duas brasileiras. A estrutura precária do Instituto sofreu algumas melhorias e as religiosas passaram a residir no prédio atual em 1936, quando o asilo contava com 20 idosos residentes.

No mesmo espaço institucional, em paralelo à atuação do asilo, no ano de 1938 foi fundado também o Externato São José, uma instituição escolar que foi criada com a finalidade de fornecer educação, formação moral, cívica e religiosa às crianças pobres, de ambos os sexos, bem como merenda, fardamento e material escolar. A partir de então, a instituição passou a atender duas formas de “caridade”: às crianças pobres e aos idosos, modalidades que permanecem até os dias atuais. Salientamos ainda que apenas em 1968 a Direção permitiu o ingresso de alunos pagantes, em um turno oposto,

denominando esse espaço concedido de “Instituto Santa Luiza de Marillac”, cuja renda obtida atuava em benefício de todo o Instituto, ajudando a mantê-lo. Esse espaço para o ensino privado foi recentemente desativado, permanecendo apenas o público.

É nesta década de 1960, precisamente em fevereiro de 1963, que a instituição em questão passou a denominar-se Instituto São Vicente de Paulo, uma entidade de caridade que, para permanecer funcionando plenamente, recebe doação do poder público, da iniciativa privada e da população, a exemplo da Campanha da Violeta, que se iniciou em 1937 e perdura até os dias atuais, cuja atuação anual orienta-se com o objetivo de arrecadar doações financeiras e materiais em prol dos residentes no abrigo.

O Instituto São Vicente de Paulo apresenta uma estrutura administrativa que contribui para a presença do caráter organizacional e disciplinar observado durante a realização da pesquisa de campo. As religiosas que residem no Instituto se colocam sob a autoridade de uma Superiora, Irmã Bernadete, idosa que atua como Diretora Geral e delega funções a serem desempenhadas pelas demais Irmãs. Decisões, consentimentos e inserções no Instituto apenas são permitidos, com a anuência da Superiora. Duas freiras exercem a função de diretora da escola e do asilo, respectivamente, e as demais se organizam para exercer atividades nesses ambientes ou no setor administrativo, de acordo com o que a Irmã Bernadete estabelece.

A escola, denominada Externato São José, é administrada por uma freira e conta com a colaboração de outras Irmãs nas ações educacionais desenvolvidas. Consideramos ainda que os trabalhos do cotidiano escolar são conduzidos por vários profissionais, que atuam na função de professor, técnico administrativo, secretário, recepcionista, merendeira, entre outros. A remuneração mensal dos funcionários e a manutenção da instituição escolar são garantidas através de uma parceria entre o Instituto e a rede estadual de educação.

A religiosa diretora do asilo, Irmã Fabíola, conta com a colaboração de uma Irmã e de oito funcionárias. As freiras que se responsabilizam pela manutenção e funcionamento do asilo são as mais jovens do Instituto. Estudante de pós-graduação, a diretora é constantemente solicitada para proferir palestras na própria congregação na qual está inserida e em encontros de formação e espiritualidade promovidos por outros

ramos da Família Vicentina⁴, como a Associação Internacional de Caridades e a Sociedade de São Vicente de Paulo.

A hierarquia percebida, com diferentes níveis de autoridade de acordo com a função exercida, é inerente à condição religiosa que seguem, porém, internamente ainda surgem sub-hierarquias reconhecidas sutilmente. Algumas religiosas idosas já apresentam sinais de demência senil e não desempenham atividades de cunho administrativo/religioso. Outras possuem formação acadêmica e/ou têm mais desenvoltura para se expressar perante as demais e destacam-se na congregação e na diocese local quando participam de encontros na condição de palestrante. Há ainda aquelas que exercem suas funções no âmbito administrativo e são responsáveis em deliberar questões burocráticas que surgem no cotidiano do Instituto, contudo, são mais reservadas e contidas. Então, percebemos que algumas funções específicas são delegadas a determinadas religiosas, de acordo com sua formação, conduta e características subjetivas, o que as levam a ocupar posições com maior destaque ou, por outro lado, mais “imperceptíveis” no ambiente institucional.

Salientamos que os recursos financeiros necessários para manutenção e funcionamento do Instituto são adquiridos através de vários meios: incentivos que a esfera pública, municipal e estadual destinam à instituição; percentual de 70%, previsto pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2004), do benefício previdenciário ou de assistência social recebido pelos idosos residentes, repassado à instituição; além das doações que entidades e a comunidade destinam ao Instituto espontaneamente ou através do serviço de telemarketing responsável por angariar recursos para o local.

A instituição em questão corresponde, de certa maneira, ao que Goffman (2008, p. 11) define como instituição total que, segundo ele, é “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. Contudo, para nossa análise sobre instituições asilares consideramos também que “ao mesmo tempo em que se constitui em uma *estrutura* de

⁴ A Família Vicentina é composta por um conjunto de movimentos religiosos e sociais que, para conduzir suas ações na sociedade atual, inspiram-se no serviço realizado por São Vicente de Paulo junto aos pobres e menos favorecidos na França do século XVII. A congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e a Associação Internacional de Caridades também fazem parte dessa extensa “Família”, que compreende cerca de 165 grupos no mundo. Salientamos que tanto a AIC, quanto a ordem de freiras das Filhas da Caridade, foram fundadas pelo próprio religioso, na França, em 1617 e 1633, respectivamente.

poder, as instituições são *relações* sociais, implicando poder, saber, interações, serviços de circulação ou de encontro e trocas” (FALEIROS & MORANO, 2009, p. 321, grifos do autor). Empreendemos, portanto, um exercício de relativizar o conceito goffmaniano, articulando-o com outros aspectos que surgem no cotidiano de uma instituição asilar.

São diversas as regras que organizam a instituição asilar, *locus* da pesquisa. Muitas delas, como já citamos, em conformidade com as medidas estabelecidas pela ANVISA para regulamentar o funcionamento das ILPI's (BRASIL, 2005). Há todo um controle disciplinar rigoroso, externo e interno, conduzindo as situações cotidianas vivenciadas pelos asilados. Além das normas determinadas por esse órgão da Vigilância Sanitária, existem outras que são do âmbito mais sutil, ou seja, não estão explicitamente ditadas, mas estão presentes e podem ser apreendidas através da observação e da convivência cotidiana no ambiente institucional. A primeira ordem para quem é “de fora” do asilo: não tentar mudar as regras, nem interferir nelas. Trata-se de um preceito implícito e que surge, principalmente, em situações que envolvem questionamentos sobre a estrutura interna do Instituto.

As restrições atribuídas aos idosos tais como horários, hábitos e práticas diárias, superam as que são estabelecidas para os visitantes, na medida em que eles têm que conviver cotidianamente com tais determinações, o que também limita a autonomia físico-social dos idosos e, conseqüentemente, a capacidade de gerir suas próprias vidas. Ressaltamos que não há padrão no vestuário para os idosos residentes, ou seja, eles podem vestir peças que já possuíam e, em caso de necessidade, adquirir novas peças. Mesmo assim, a maioria se veste cotidianamente de maneira simples, de “acordo com a idade”, exceto em dias comemorativos que, incentivados pelas funcionárias, usam suas “melhores” roupas.

O convívio entre residentes e pessoas “de fora” é regulado muito claramente: salvo exceções, os asilados recebem visitantes apenas em horários pré-estabelecidos, nos turnos da manhã e tarde. Percebemos, então, certas restrições para o livre acesso ao local. Contudo, os limites impostos a quem visita o asilo encontra exceções, ou seja, há certa diferença para o consentimento no acesso de acordo com quem, quando e as motivações que impulsionaram a presença do indivíduo no local. Por exemplo, enquanto a pesquisadora percebia alguns limites para sua circulação nos espaços, as “Senhoras da Caridade” percorria livremente por todos os ambientes. Acompanhada por elas ou por pessoas da sua rede de sociabilidade que mantêm contatos com as religiosas

que administram o local, a pesquisadora sentia maior liberdade para adentrar nos lugares e movimentar-se sem algumas restrições.

Entretanto, esclarecemos que embora possua tais características, o Instituto não impede a inserção da sociedade no local, uma vez que o espaço é aberto para a visita dos familiares dos idosos e corresponde a uma instituição de caridade que necessita de doações e, para tanto, mantém uma relação amistosa com os indivíduos “de fora”, permitindo comemorações e festas promovidas por grupos de voluntários, mas tudo tem que ser realizado de acordo com as normas que regem o local, respeitando o espaço do idoso e as normas da Direção. Em datas comemorativas, entidades, escolas ou grupos de voluntários oferecem uma programação específica a ser executada junto aos idosos asilados, a exemplo de um cardápio diferenciado, decoração temática, vestuário dos idosos diferenciado dos demais dias, presença de bandas para animar o local, entrega de presentes aos asilados, comparecimento dos idosos à Capela do Instituto para participarem da celebração da missa ou a presença do padre no espaço de convivência deles, devido às limitações físicas de muitos idosos, entre outras atividades. Além da AIC, outros grupos desenvolvem trabalhos voluntários no asilo, porém, sem a mesma frequência, bem como graduandos de faculdades privadas e públicas locais que visitam e realizam atividades com os idosos.

Percebemos que as instituições asilares atuam sobre a vida dos indivíduos que nela residem, na medida em que estabelecem restrições e práticas que devem ser seguidas com rigor. Observamos então que numa *instituição total*, no asilo em especial, os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade, cada fase das atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários e toda sequência de atividades são impostas de cima por um sistema de regras formais implícitas, por um grupo de funcionários (GOFFMAN, 2008, p.17-18). Essa característica que o asilo apresenta, contribui para a paulatina perda da autonomia e individualidade dos seus residentes, de certa forma, homogeneizando-os, uma vez que além do lugar-comum, compartilham as mesmas atividades e normas com os demais residentes. Quando analisam a qualidade do cuidado dispensado aos idosos no ambiente institucional asilar, especialmente no contexto brasileiro, Born & Boechat ponderam que apenas a minoria das instituições promove uma qualidade de vida satisfatória para os residentes, visto que:

Em geral, suas configurações se traduzem em estruturas constrangedoras, com critérios padronizados que não permitem a expressão individual, promovendo a despersonalização do indivíduo. Qualquer que seja o nível de qualidade dos serviços, tende a romper-se bruscamente o padrão de vida anterior, e em seu lugar oferece-se uma situação de compartilhamento fechado, que afasta o idoso do convívio social e familiar (2002, p. 771).

O lugar social que idosos e moribundos ocuparam na sociedade pré-industrial em relação à sociedade industrial, é discutido por Elias (2001). O referido teórico reconhece que, na atualidade, o processo de envelhecimento condiciona os velhos e doentes à isolar-se da sociedade, da rede de sociabilidade familiar e comunitária anteriormente estabelecida. Segundo ele, a crescente demanda de indivíduos residentes em instituições asilares confirma esta afirmação, na medida em que,

O envelhecimento geralmente é acompanhado pelo esgarçamento desses laços que ultrapassam o círculo familiar mais estreito. Exceto quando se trata de casais velhos, a admissão em um asilo normalmente significa não só a ruptura definitiva dos velhos laços afetivos, mas também a vida comunitária com pessoas com que o idoso nunca teve relações afetivas (ELIAS, 2001, p. 85).

Nesse momento, devemos considerar ainda que, embora uma instituição asilar corresponda a um espaço social intensamente regulado, o que inibe expressões de autonomia entre os residentes, não podemos desviar a nossa atenção do objetivo principal de uma instituição de longa permanência para quem nela reside: ser um espaço que deve acolher e atender de forma integral as necessidades vitais e sociais dos idosos. Ou seja, um ambiente que se aproxima o máximo possível de um lar, com seus conflitos e apoios mútuos.

De acordo com Born & Boechat,

Tomando-se, então, a ILP como um lar especializado, com dupla função – a de proporcionar assistência gerontogeriátrica conforme o grau de dependência dos seus residentes e a de oferecer, ao mesmo tempo, um ambiente doméstico, aconchegante, capaz de preservar a intimidade e a identidade dos seus residentes –, certamente a qualidade do cuidado irá pressupor a realização satisfatória desses objetivos (2002, p. 771).

Nessa linha de raciocínio, podemos considerar que os cuidadores dos asilados – religiosas e funcionárias – estabelecem certos limites à entrada e atuação de visitantes no asilo também na tentativa, por vezes frustrada, de preservar o espaço do idoso e garantir o mínimo de individualidade deles, já que a noção de privacidade é bastante restrita devido aos ambientes compartilhados coletivamente. A diretora do asilo afirma,

em um dos diálogos estabelecidos, que a partir da entrada do idoso na instituição, esta passa a ser o seu lar, a sua casa, então, os visitantes devem respeitá-los e se adaptar a esse espaço de maneira a preservar os idosos e não o contrário. Então, determinam horários adequados, nos quais os idosos já têm acordado, feito sua higiene e alimentação, portanto, já estão “aptos” a receber visitas, sem sofrerem “invasão” na sua intimidade.

A nossa análise, então, procura articular as duas dimensões que uma instituição asilar adquire nos estudos realizados e constatados na pesquisa empírica: como instituição total, no sentido goffmaniano, caracterizado pelo aspecto formal, regrado, administrado por religiosas; e como espaço de relações sociais, permeado por situações vivenciadas no cotidiano asilar, tais como conflitos entre a esfera individual e coletiva dos residentes, sociabilidades e formação de vínculos afetivos. E, ao tratar sobre essas perspectivas como dimensões interligadas entre si, não perdemos de vista o fato de que, embora a instituição de longa permanência seja pautada pela normatização da vida cotidiana dos residentes, não dissolve inteiramente o sentido de um “lar”. Entretanto, se trata de um novo e diferente lar, compartilhado entre indivíduos que não faziam parte da rede de sociabilidade dos residentes, numa fase anterior da sua vida, e administrado por mulheres de uma congregação religiosa.

A análise sobre instituições asilares revela normatização das vivências dos residentes nesse ambiente peculiar e aspectos referentes à processos de isolamento da sociedade, ao passo em que, por outro lado, a convivência asilar se desdobra em múltiplas possibilidades e estratégias de resistência cotidiana dos asilados para garantir sua individualidade e privacidade, bem como o estabelecimento de afetividades e relações de sociabilidade entre os residentes.

2.2.2 Religiosas, Funcionárias e Asilados: Hierarquias e Sociabilidades

No presente estudo dissertativo utilizamos o conceito de *sociabilidade*, proposto por Simmel (2006). Segundo tal sociólogo alemão, a interação entre indivíduos sempre surge a partir de alguns estímulos e interesses, que condicionam o indivíduo a exercer um efeito sobre os feitos e também sofrer os mesmos efeitos. A própria sociação é apenas considerada como tal, quando há uma agregação de indivíduos em determinadas formas de estar com o outro, ou seja, quando transforma-se a isolação em relação de interação.

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Diante disso, ponderamos que a relação de sociação é, antes de tudo, interação. Interação essa que se dá entre sujeitos que possuem interesses e objetivos comuns. A categoria sociabilidade se relaciona, portanto, ao nosso objeto de estudo, uma vez que nos propomos a esmiuçar essas relações de interação social entre idosos inseridos numa instituição asilar e, por outro lado, numa associação de caridade.

Nesse momento, contudo, complementarmente às considerações preliminares sobre o histórico, dinâmica organizacional e algumas características do Instituto, interessa-nos a proposta de observar o outro lado que também compõe a estrutura asilar, ou seja, aqueles que são os cuidadores dos residentes, a exemplo das religiosas que administram o asilo e das funcionárias que trabalham no local. A finalidade é enfatizar as relações de sociabilidade estabelecidas entre asilados e cuidadores e as hierarquias que se desdobram a partir dessa convivência.

Desta forma, a ordem de freiras Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo é caracterizada por devotar sua vida à Deus e ao serviço em obras da Igreja Católica, através da abdicação de suas realizações profissionais, familiares e conjugais em prol dessa finalidade. As religiosas que administram o Instituto São Vicente de Paulo pertencem à essa congregação religiosa de orientação católica e seguem tais preceitos para guiar suas vidas. Realizam ações de caridade por meio do trabalho desenvolvido junto às crianças carentes que estudam na escola instalada no Instituto e aos idosos residentes no asilo que, por diversos motivos, necessitam de cuidados e de um abrigo.

Nos horários que a instituição asilar disponibiliza para a visita diária aos residentes, geralmente, as religiosas estão presentes, de modo a auxiliar os asilados em diversas situações, resolver eventuais problemas, esclarecer dúvidas dos visitantes, bem como zelar pela ordem e disciplina do local. A presença das religiosas, embora de forma implícita, atua como um mecanismo de controle, de vigilância, apontando sutilmente o lugar de autoridade que ocupam e “lembrando” aos visitantes e residentes a disciplina que o local exige.

A postura que possuem em relação aos visitantes é receptiva, entretanto, contida, podendo até desdobrar-se na demonstração de uma atitude reticente diante de alguns que revelam tendência a interferir na instituição, na medida em que questionam assuntos tratados com certa restrição, tais como: aposentadoria dos asilados, o tipo de alimentação servida e a adaptação dos idosos ao novo ambiente de convivência. Ao mesmo tempo, mostram-se atentas aos indivíduos ou entidades que se propõem a realizar doações de recursos financeiros e/ou materiais, essenciais para a manutenção do Instituto ou, criando laços de afetividade com os idosos, que favorecem o bem-estar e a qualidade de vida destes. Essa postura de reserva diante de certos questionamentos, apresentada pelas religiosas que administram o asilo, pode ser justificada também pelo fato de que, além de fazerem parte de uma congregação religiosa que exige certas restrições na conduta delas, também sofrem pressão cotidiana para que o asilo esteja de acordo com as normas solicitadas pela Vigilância Sanitária local, além de certo controle dos familiares dos idosos e da sociedade como um todo.

Como foi pontuado acima, o Instituto abriga onze freiras. Destas, apenas duas se debruçam sobre o cuidado com o asilo, sendo responsáveis por toda sua estrutura e manutenção. Uma delas, diretora do asilo, tem formação na área de enfermagem, o que se mostra favorável para um cuidado mais minucioso com os idosos. Elas ainda são responsáveis pelos aspectos rotineiros, bem como pelas questões de cunho burocrático do asilo.

As freiras administram e são responsáveis pelo asilo, mas as inúmeras atividades cotidianas que se apresentam nesse ambiente, são executadas por um grupo de funcionárias que também se volta para o atendimento das necessidades dos asilados. No asilo, há cerca de oito funcionárias⁵ que desenvolvem as mais diversas funções, desde higienização do ambiente e dos próprios asilados até o cuidado com as roupas, utensílios e alimentação dos residentes. Elas ainda esclarecem eventuais dúvidas dos visitantes e, geralmente, mostram-se solícitas com voluntários que realizam ações no asilo, a exemplo das caridosas da AIC, especificamente, engajadas no “Projeto Alegria”. Seu trabalho é essencial para a manutenção do asilo, uma vez que tem poucas

⁵ Destacamos que o fato de enfatizar o termo “funcionárias”, com marcação de gênero, não implica na inexistência de homens trabalhando no Instituto, porém, resolvi focalizar as mulheres, porque são elas que cuidam e convivem direta e diariamente com os asilados. Os trabalhos realizados por homens são externos ao ambiente asilar, como as funções de porteiro, jardineiro e ajudante de serviços gerais (pedreiro, eletricista, encanador). Ressaltamos ainda que, segundo dados colhidos na Secretaria do Instituto, houve o estabelecimento de uma parceria com o Poder Judiciário, para que os serviços comunitários de alguns homens apenas fossem prestados no local, com atividades, dias e horários estabelecidos em comum acordo entre os Juizes de Direito e a Direção do Instituto.

religiosas para administrar toda a extensão de necessidades e diversidades situacionais que se apresentam diariamente na instituição.

O trabalho das funcionárias é organizado através de um sistema de revezamento e de “diárias”, nos quais elas já sabem os dias, horários e funções a desempenhar no ambiente institucional. Os indivíduos que compõem esses dois grupos, religiosas e funcionárias, possuem certa facilidade de comunicação e compreensão entre si, visto que conhecem nomes e características de todos os asilados e a forma que consideram mais adequada de agir diante deles. Deste modo, a convivência entre elas aparenta ser amistosa, uma vez que muitas funcionárias trabalham há um período considerável no Instituto e possuem certo grau de intimidade para se relacionar e comentar assuntos cotidianos do contexto asilar com as freiras. Estabelecem, portanto, vínculos e relações de sociabilidade entre elas, ao passo que se percebe também o cuidado para manter o respeito e os limites impostos à essa relação hierárquica.

Deste modo, sobre a situação de vida dos asilados⁶ na instituição, temos acesso à informação de que lá residem atualmente 74 idosos, sendo 44 do sexo feminino e 30 do masculino. Destes, dois indivíduos estão inseridos em uma faixa etária inferior a 60 anos, mas residem na instituição porque se encontravam em situação de risco e/ou possuem alguma debilidade mental, segundo Irmã Fabíola. Esse número de idosos que residem na instituição asilar varia bastante, devido às novas entradas no asilo e aos eventuais óbitos que acontecem no local. Contudo, a capacidade total de espaço para o acolhimento de idosos é atingida quando alcança o número de 75 residentes. Os idosos que lá residem possuem idade mínima de 63 e máxima de 101 anos.

As motivações para a inserção dos idosos, que serão esmiuçadas posteriormente, geralmente alternam entre abandonos familiares, ausência de recursos para garantir a subsistência de forma autônoma e a própria exclusão da sociedade, quando eles optam ou se veem constrangidos a morarem no asilo, compartilhando a condição de asilados e o mesmo espaço físico com outros indivíduos.

Então, os idosos que residem numa instituição asilar, passam a conviver com pessoas com as quais não possuíam relações de sociabilidade anteriores à essa

⁶ É importante enfatizar que não consegui aproximar-me muito dos homens asilados, com apenas uma exceção. De certa forma, são mais reservados, calados e sempre que tentei, não percebi muita abertura nos diálogos. Nem mesmo tenho o hábito de entrar no quarto deles, por sentir que alguns ficam constrangidos com a presença de visitas femininas nos dormitórios. Por isso, geralmente, vou me deter, ao longo do presente estudo, na análise sobre a experiência de envelhecer das asiladas e as relações de sociabilidade estabelecidas entre elas e as voluntárias da AIC, uma vez que são *elas* que participam significativamente dos momentos realizados pelas “senhoras da caridade”. A participação masculina, nas ações do Projeto Alegrar, é pouco frequente.

experiência asilar e, desta forma, têm como “missão” criar novos vínculos afetivos e sociais nessa fase avançada do curso da vida. Essa realidade delineada, distante da rede familiar e de amizade que outrora possuíam, contribui para que muitos deles sejam relegados à uma condição que podemos denominar de “solidão institucional”, daí porque Norbert Elias (2001) afirma que os asilos correspondem à “desertos de solidão”.

As relações estabelecidas entre os idosos e as religiosas são particularizadas. Ao mesmo tempo em que alguns idosos reconhecem bondade e dedicação das freiras no cuidado com eles, alguns insatisfeitos com a situação em que vivem, reclamam que as Irmãs dificultam e/ou impedem a realização de determinados anseios ou os induz a fazer aquilo que não desejam, tais como: cortar o cabelo, tomar banho cedo, se alimentar em horários previamente demarcados, entre outros. O relacionamento entre os asilados e as funcionárias, por sua vez, é marcado por uma maior proximidade, visto que o trabalho das servidoras é realizado cotidiana e diretamente com os idosos. Muitas idosas, inclusive, tratam as funcionárias como amigas ou como membro da própria família, o que, em alguns casos, é recíproco.

A pesquisa realizada com idosos asilados nos leva a analisar de forma mais cuidadosa os discursos que se apresentam no cotidiano das observações, uma vez que muitos deles não dispõem de condições mentais para reproduzirmos fidedignamente aquilo que eles afirmam. Sabemos ainda que, muitas vezes, a palavra não diz tudo o que se deseja expressar, pois ao convivermos certo período com os asilados, apreendemos gestos, olhares e ações que denotam os sentimentos deles com relação à determinada pessoa ou situação, o que, em muitos casos, torna-se mais elucidativo que os discursos por eles proferidos. Desta forma, é a análise das poucas palavras e, sobretudo, dos gestos, do silêncio e do não dito que nos permitem tecer essas considerações.

Na relação entre religiosas, funcionárias e asilados, há um ponto marcado por significativa aproximação. Os indivíduos que compõem esses três grupos sociais ocupam importante espaço na vida do outro, no aspecto religioso, financeiro ou social, embora tal relação seja normatizada e pautada por hierarquias. As religiosas que administram o asilo, em obediência aos princípios da congregação da qual fazem parte, dedicam sua vida em prol da caridade e fazem isso ao cuidar dos idosos. As funcionárias, por sua vez, apesar de estabelecerem vínculos afetivos com os idosos, possuem como fator central de sua permanência no local, a necessidade de garantir recursos financeiros. Por fim, os asilados buscam carinho, apoio, estabilidade,

segurança e atendimento nas suas necessidades vitais e sociais e, para tanto, se apóiam na colaboração das freiras e funcionárias.

Consideramos que as relações estabelecidas entre religiosas, funcionárias e asilados são reguladas por disciplina, conflitos, restrições, ao passo em que, entre idosos e cuidadores, também são construídos laços afetivos e sociabilidades que revelam novas e complexas dimensões das vivências e convivências com o *outro*, no peculiar ambiente de uma instituição asilar.

2.2.3 Vivências Numa Instituição Asilar: Conflitos Internos e Dinâmicas Cotidianas

Nesse momento, tomamos como foco de análise as formas que os asilados encontram para dialogar com uma nova dinâmica de vida, no interior de uma instituição asilar, com seus limites, expectativas e anseios. As relações que os idosos estabelecem com os demais residentes e com os indivíduos “de fora” (familiares e visitantes) também são consideradas para esboçarmos, de forma minuciosa, um panorama sobre vivências e convivências em um asilo de idosos.

Grande parte dos asilados que participaram dessa pesquisa afirmam que se sentem seguros e satisfeitos por terem onde morar, por saber que têm cuidadores e que nenhuma necessidade mais urgente lhe faltará enquanto permanecer no asilo. Isso é motivo de tranquilidade para muitos deles, apesar de que, se possível, optariam pelo seu próprio lar e junto a seus familiares. Outros, por sua vez, relatam certa insatisfação com a situação que vivenciam e com certos aspectos da vida asilar reconhecidos como negativos, muitas vezes, apresentando tendência a se autoinferiorizarem. Para alguns idosos, tem sido difícil aceitar uma condição de dependência e o fato de que tudo o possuíam, passa a ser administrado por outras pessoas, inclusive um significativo percentual de suas aposentadorias. Os idosos que são lúcidos ainda administram a parcela de seus benefícios, muitas vezes, adquirindo mobiliários e aparelhos eletrônicos para dispor no seu espaço do dormitório coletivo na tentativa de, desta forma, adquirir certa privacidade/individualidade. Desta forma, os asilados também declaram o anseio de possuir liberdade, autonomia, de superar as limitações físicas, psicológicas e institucionais nas quais esbarram cotidianamente.

Entre aqueles que demonstram frustração e desânimo diante da velhice asilada, são poucos os idosos que se propõem a falar aberta e “publicamente” sobre o cotidiano não visível ao visitante, ou seja, uma estrutura mais íntima do asilo. Os residentes que

desejam expressar seu descontentamento, o fazem de uma maneira mais individual, contida, discreta. “Reconstroem” os fatos da sua história de vida e apontam para aqueles aspectos que possivelmente influenciaram sua condição de vida atual, esclarecendo para *si* e para o *outro* o motivo da sua inserção e permanência no asilo. Ressaltamos que as vivências e recordações familiares culminam, muitas vezes, em relatos de abandono e solidão.

Quando adentramos no ambiente asilar e estabelecemos contato com os residentes por certo período, observamos que o termo “idoso asilado” não contempla a diversidade de vivências, trajetórias de vida e características individuais que cada idoso explicita. Não cabe, portanto, uniformizá-lo, mas ressaltar as nuances que existem entre eles. Reclusos, alegres, doentes, frustrados, ativos, atentos às novidades e curiosos com as notícias além dos muros do Instituto. Cada experiência dos residentes é subjetiva e, portanto, complexa. Consideramos, neste momento, que a presença da família é um elemento demarcador para a diferenciação entre os idosos, visto ao possibilitar que eles se sintam ainda como parte da sua rede de sociabilidade de origem e, por extensão, da sociedade, atenua os sentimentos de solidão e abandono.

Essa afirmação é corroborada a partir do relato de uma idosa residente na instituição que comenta que, geralmente, durante os finais de semana os familiares (sobrinhos) se comprometem a buscá-la no asilo para almoçar juntos e trazê-la no fim da tarde. Ela aguarda com ansiedade esses momentos junto à sua rede de sociabilidade e comemora o fato de não ser esquecida por eles, embora não possam se tornar seus cuidadores efetivos. Como afirmam Born & Boechat “Planejar o comparecimento de familiares e amigos, de tal maneira que não se deixe passar a idéia de abandono, o fará sentir-se como continuando parte da sociedade. Buscá-lo nos finais de semana constitui boa medida de reafirmação de laços” (2002, p. 774)

Ao falar sobre a experiência asilar e sua vida, os idosos sempre se reportavam ao passado, à memória. Assim, Ferreira pondera que

Discutir o papel da memória no processo de envelhecimento significa, pois, abordar o *lôcus* privilegiado de construção de identidade do ser velho e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Refletindo todo um universo de representações e significados, a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida (2007, p. 208, grifos do autor).

Os asilados não possuem perspectiva de deixar o convívio asilar, embora alguns revelem tal pretensão. Essa ausência de perspectivas acontece, principalmente, por não terem autonomia física e/ou financeira, além da inexistência de familiares dispostos a oferecer moradia. Nos diálogos estabelecidos, os idosos expressam contentamento quando recebem visitas, seja de familiares ou “desconhecidos” que frequentam a instituição, e reiteram o desejo de que esses visitantes retornem com maior assiduidade. Assim, como já pontuamos, a presença da família, sempre apontada com a responsável pela condição atual dos idosos e, conseqüentemente, como a detentora das possibilidades de converter esse afastamento em reinserção, bem como de amigos e demais visitantes, atua como um conforto para os asilados, muitas vezes, renovando as expectativas dos idosos diante da vida.

As atividades desenvolvidas pelos residentes no asilo são rotineiras, salvo algumas exceções, visto que o tempo institucional é baseado na repetição.

O curioso é que, no trato com a velhice, precisamos dar um tempo que nós mesmos não temos. O tempo no asilo é outro, passa mais devagar, ou nem passa. Trata-se da proposição de se pensar uma outra lógica do tempo. Múltiplas temporalidades. Os relógios das paredes marcam horas ‘erradas’ e diferentes umas das outras. A lógica de fazer o máximo no mínimo de tempo, maximizar a produtividade, deslocar-se na maior velocidade possível e economizar tempo não existe entre os internos (MAIA; LONDERO; HENZ, 2008, p. 51).

Exceto em comemorações específicas promovidas pela Direção do asilo ou grupos de voluntários, ou quando faculdades e entidades obtêm autorização para realizar determinada atividade com os idosos, habitualmente, o dia destes começa com a higiene corporal. As funcionárias ficam encarregadas de cuidar, principalmente, do asseio e alimentação dos acamados e dos idosos que apresentam sinais de demência, levando aqueles que são cadeirantes e os que têm dificuldade de locomoção motora, para espaços de convivência próximos aos jardins e aos seus dormitórios. Os demais, que ainda possuem autonomia física e mental, após fazer sua higiene diária, às 07h00 aguardam a “chamada” do sino, indicando que o café da manhã já se encontra disponível no refeitório e que eles já podem adentrar no local. Após a refeição matinal, os asilados se distribuem por toda extensão da instituição, em pequenos grupos ou isoladamente, aguardam o horário de visita matutino e se alimentam novamente. Assistem televisão, são medicados, folheiam revistas, dormem, conversam, silenciam, rezam e ainda podem costurar artesanalmente, no caso de uma idosa que aproveita o

tempo livre para produzir tapetes e bonecas de pano. Nas terças-feiras, aguardam também o grupo de voluntárias do “Projeto Alegrar” que desenvolvem ações de recreação com os idosos até as 11h00. Posteriormente ao almoço⁷, alguns asilados dormem, outros ficam dispersos ao longo do abrigo à espera das possíveis visitas vespertinas, lancham e realizam atividades semelhantes às do período da manhã. No início da noite, os asilados jantam, assistem televisão, fazem sua higiene e, na maioria dos casos, dormem. Salientamos, nesse momento, que os residentes não são consultados previamente sobre os interesses particulares nas atividades propostas. Como relatado por uma idosa entrevistada na nossa pesquisa:

O dia-a-dia a gente não se ocupa em nada. Não, não trabalha, só faz, faz as refeições, fica andando, não trabalha, só fica aqui se comunicando, andando dentro de casa, subindo, mas sem fazer nada. Não tem trabalho, a gente de mais idade, não fica preocupada com coisa alguma. Eu não, não me ocupo de nada por causa da minha vista, que eu tenho problema na retina, tô sem ver tudo muito ruim. Aí não tem como fazer nada. O pessoal, as meninas aqui trabalham aqui é quem faz as coisas da gente, lavar roupa, que lava louça, que cozinha, cozinheira aí pra gente. Pronto, vou levando a vida assim (Sra. M., 89 anos).

Assim, a descrição do cotidiano dos asilados, explicita aspectos de ociosidade dos residentes e obedece à horários e atividades predeterminados que comumente são seguidos. Contudo, embora não seja comum haver rupturas no cotidiano dos asilados, sabemos que em um espaço social no qual estão inseridos indivíduos com trajetórias de vida distintas e que têm como perspectiva a formação de novos laços de sociabilidade, a velhice asilada, embora regulamentada, rotinizada, não é caracterizada apenas pela repetição de acontecimentos cotidianos. Rupturas das práticas cotidianas também particularizam esse ambiente reconhecido pela “estaticidade”. Isso acontece quando os asilados entram em desacordo com normas institucionais e seus cuidadores, quando enfermidades graves, seguidas de morte, “quebram” a rotina de um dormitório, visitas repentinas, embora muito esperadas, restituem parte da alegria dos residentes, quando há conflitos entre asilados, entre outros.

A antropóloga Guita Grin Debert (1999b) reconhece, através de uma pesquisa pioneira realizada em dois asilos no estado de São Paulo, a existência de duas orientações distintas aplicadas no tratamento da velhice em asilos. A primeira orientação enaltece a memória e a experiência do idoso, além de transformá-lo numa espécie de historiador do passado. A orientação seguinte se refere ao abandono e à

⁷ A esse respeito ver: CABRAL, B. E. S. L.; SILVA, K. R.. Práticas alimentares e sociabilidade numa instituição asilar. In: Anais Desigualdade na Diversidade: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília - DF, 2008.

solidão que os asilados vivenciam. Devemos, contudo, perceber que as orientações reconhecidas nessa pesquisa realizada em instituições asilares de São Paulo não devem ser tomadas numa perspectiva estática, uma vez que quando nos propomos a observar de forma mais detida as experiências de asilamento de idosos, entendemos que as vertentes que ora exaltam a convivência asilar, ora expressam os seus aspectos negativos, apresentam-se, na realidade empírica, intrinsecamente nuançadas entre si. Nesse sentido, durante a pesquisa no Instituto São Vicente de Paulo, os idosos apresentam uma freqüente oscilação entre essas duas orientações apontadas: ao mesmo tempo em que explicitam elementos reconhecidos como positivos da velhice, como certa sabedoria adquirida ao longo da vida, evidenciam em seus gestos, relatos e silêncios, insatisfação diante da ausência de autonomia físico-social e do abandono da rede familiar e de amizade que outrora possuíam. Muitos deles alternam rapidamente entre a alegria de receber visitas e/ou pelo fato de estar vivo/saudável, e o sentimento de depressão quando se dão conta das limitações que a velhice e a vida institucionalizada estabelecem.

Debert (1999b) pondera ainda que os residentes de uma instituição asilar podem ser agrupados em três categorias, que são: o velho em si, ou seja, aquele que é dependente físico-mentalmente e possui uma vida vegetativa; os idosos que caminham de encontro à senilidade, isto é, os indivíduos que apresentam autonomia física, mas certa deterioração mental; e aqueles que estabelecem relações sócio-afetivas com os demais residentes e se mantêm lúcidos, apesar da idade avançada. A antropóloga afirma que “ficar senil é o grande temor dos residentes, tão grande quanto a invalidez e maior do que a morte. Demonstrar que não se é senil é um desafio que parece ocupar cada momento do cotidiano dos idosos” (DEBERT, 1999b, p. 23).

No caso dos asilados do Instituto São Vicente de Paulo, observamos situações nas quais certos idosos que mantêm sua autonomia mental, tentam invalidar, de forma sutil ou até mesmo “abertamente”, a fala do outro, afirmando que se trata de um “velho caduco” e que não se deve considerar o que diz. Os idosos mais “lúcidos” demonstram desejo em atualizar-se com as notícias do “mundo” e recorrerem constantemente à memória para demarcar a distinção entre eles e os *outros*, “que já não sabem de mais nada”. Ferreira, ao desenvolver pesquisa com idosos, objetivando discutir a relação entre memória e construção da identidade social, compreendida no envelhecimento, assevera que

A memória, enquanto recorte analítico, é tratada aqui como um nexo entre o indivíduo e seu mundo, sempre acionada no presente, disposta na interface entre o indivíduo e o social. A idéia de um indivíduo desmemoriado vem sempre associada com a idéia de seu descolamento do mundo dos significados sociais, de sua fragmentação como sujeito em decorrência da perda de sua história pessoal, de sua trajetória social, de suas referências de pertencimento. Nesse sentido, o recorrente temor entre os idosos – como pude observar –, no esvaziamento da memória retroativa, da impossibilidade de recompor com precisão os marcos fundantes da própria existência (2007, p. 208)

Tais situações estabelecidas entre “caducos” e “lúcidos” provocam certas divergências e pequenos conflitos entre os residentes. Contudo, na maioria das vezes, a convivência entre os asilados é pautada pelo respeito e tranquilidade. Novas amizades são construídas no ambiente asilar e, através delas, uma rede de apoio, proteção e reciprocidades se formam cotidianamente.

Na instituição asilar pesquisada, há uma nítida separação entre gênero. Nos horários de visita, os homens ficam, geralmente, em frente aos seus dormitórios ou no Espaço da Gameleira e as mulheres, no corredor, que possui bancos de pedra e, no salão principal, próximo à ala feminina. Só há uma maior aproximação quando alguns homens e mulheres dividem a sala de visitas, que é um ambiente comum, assim como o refeitório e o salão principal. Até mesmo quando acontecem momentos festivos no local, geralmente, não se percebe entrosamento entre idosos e idosas, por exemplo, não presenciamos dança entre casais, mas, entre duas mulheres. Segundo relato da diretora do asilo, essa separação não é determinada pela Direção do Instituto, mas é condicionada pela dificuldade de se estabelecer laços de amizade entre eles e pela própria divisão entre as alas dos dormitórios (masculina e feminina), que contribui para que cada indivíduo frequente os espaços nos quais estão alocados.

A proximidade com a morte é uma realidade que permeia o cotidiano dos idosos asilados. Quando ocorrem óbitos na instituição, como já enfatizamos, o corpo é velado numa sala que se localiza na área mais afastada do asilo e enterrado no terreno que o poder público municipal cedeu à instituição, em um cemitério da cidade. Salientamos que se os idosos que morrem tiverem familiares interessados em se responsabilizar pelo velório e enterro, estes podem fazê-lo em outro local. Contudo, como muitos residentes da instituição na qual a pesquisa foi realizada não dispõem do suporte familiar, grande parte dos velórios acontecem na própria instituição e apenas na presença das religiosas, funcionárias e dos demais asilados. A Direção do asilo se encarrega de efetuar os trâmites legais necessários e informar o óbito à família, mas ainda assim, há casos nos

quais os familiares não comparecem ao velório. Nos dias em que acontece velório na instituição, os asilados comentam sobre o fato entre eles e com os visitantes e, devido às limitações físicas ou mentais, apenas alguns deles se movimentam em direção ao local em que o corpo está sendo velado.

Velhice e morte são questões que se entrecruzam continuamente, conferindo significados e percepções que são moldadas de acordo com os modelos socioculturais vigentes. No processo biológico e social de envelhecer e enfrentar a perspectiva de morrer, permeado por intensas modificações, a presença da rede de sociabilidade dos indivíduos adquire maior relevância, visto que o homem necessita do olhar do *outro* para situar-se como parte na sociedade e ajustar os aspectos da sua vida.

Como quer que seja visto, esse motivo do morrer isolado ocorre mais frequentemente no período moderno que em qualquer anterior. É uma das formas recorrentes da experiência das pessoas num período em que a auto-imagem de alguém como um ser totalmente autônomo, não apenas diferente de todos os outros, mas separado deles, existindo inteiramente independente deles, torna-se cada vez mais marcada. (...) Sob esse ponto de vista também a imagem de nossa própria morte está intimamente ligada à imagem de nós mesmos, de nossa própria vida, e da natureza dessa vida (ELIAS, 2001, p. 70).

De acordo com a perspectiva eliasiana, corroborada na nossa experiência de pesquisa no asilo, entendemos que a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo abrangente conhecimento acerca dos limites do corpo, da velhice e da morte, ao passo em que, contraditoriamente, realiza um incisivo movimento de isolamento dos doentes e velhos para o espaço impessoal e recluso de instituições asilares e hospitalares. Entre os asilados, a morte é reconhecida como natural, que alguns desejam, outros temem e ainda há aqueles deixam nas “mãos de Deus”, mas que paira sobre todos, principalmente sobre eles que se encontram em idade avançada. Então, algo comum a todos os idosos entrevistados é o tratamento da morte como uma dimensão inerente à condição humana e, portanto, que não lhes causam estranheza, principalmente, devido ao apego aos princípios religiosos.

Reconhecemos, nesse momento, a pertinência de citarmos o milenar pensador romano Marco Túlio Cícero que, quando escreveu sobre a velhice no ano 44 a.C., questionou: “Que há de mais natural para um velho que a perspectiva de morrer?” (CÍCERO, 2006, p. 55). Assim, morrer é parte do processo biológico da vida e o discurso/atitude de aceitação da morte, observado nos idosos asilados, confirmaria essa indagação do pensador.

Contudo, Loureiro (1998) nos chama a atenção para o fato de que, ao contrário do que comumente ocorre com indivíduos autônomos e saudáveis, entre idosos asilados, observa-se não apenas uma aceitação da morte, mas o desejo pela sua proximidade. Segundo o autor, “o homem, se bem considerado, não terá, tão cedo, sua consciência morta, porém o velho asilado, abandonado, deseja sua morte. Quando acabam os projetos, a morte é a única espera” (LOUREIRO, 1998, p. 106). Essa perspectiva pode ser ilustrada no seguinte relato de uma idosa asilada: “Ave-Maria, eu vou te dizer, eu vou dizer a você, se eu tivesse morrido, era uma coisa que Deus tinha feito pra mim. Eu quero!” (Sra. C., 63 anos).

Sobre a relação que possuem diante da perspectiva de morrer, citamos alguns fragmentos das falas dos asilados entrevistados:

É melhor ficar morrendo, que um trapo (Sra. I., 94 anos).

É... seja o que Deus quiser, né? (Sr. A., 73 anos).

Eu imagino assim, quando chegar o dia, eu tô pronta né? Nós todos temos que tá prontos pra quando Deus chamar a gente. (...) A gente viver muito, demais, é até o dia que Deus quiser, não importa não, né? (Sra. R., 90 anos).

Nos fragmentos explicitados, percebemos também uma intensa presença da dimensão religiosa permeando toda a maneira pela qual os idosos se colocam diante da situação que vivenciam e da perspectiva de morrer. A confiança em Deus atua, para muitos deles, como um elemento imprescindível para mantê-los “conformados” no ambiente institucional, mesmo que apenas tenham “fios” de esperança de dias melhores, ou de um “descanso eterno”. Para alguns deles, a morte ainda é percebida como uma alternativa à deterioração física, mental e social que vivenciam.

Reconhecemos também que embora inúmeras pesquisas apontem para uma vertente “pessimista” da velhice asilada, tal como Elias, que define os asilos como “desertos de solidão”, a experiência asilar também favorece o estabelecimento de uma nova forma de se relacionar socialmente e de criar vínculos entre residentes e estes com seus cuidadores, como ressaltamos acima. Nesse sentido, sociabilidades que se desdobram em conflitos, bem como na formação de laços de amizade, são cotidianamente experienciadas entre os idosos que residem no Instituto São Vicente de Paulo.

O caráter recluso que a instituição asilar apresenta, contribui para que a perspectiva de solidão e isolamento sejam percebidas e internalizadas com maior intensidade pelos asilados. Contudo, os idosos elaboram estratégias de resistência cotidiana à essa nova realidade apresentada, ao recriar laços, reconquistar independência de mobilidade física e de atitude, garantir a preservação da sua individualidade enquanto ser autônomo, que compreende seus limites, direitos e deveres perante os outros com quem convive e em relação a si próprio. Como Faleiros & Morano afirmam,

... as instituições são espaços contraditórios com temporalidades e histórias entrecruzadas onde existem normas não escolhidas pelos residentes, com um espaço estruturado por funções coletivas, relações hierarquizadas de poder, numa separação do espaço institucional da vida sociocomunitária e da vida familiar, com restrições à autonomia, mas com expressões de resistência como desejos, insatisfações, discordâncias, invenção de espaços e imaginários próprios (2009, p. 324).

Diferentemente do que estereótipos elaborados pelo senso comum apregoam na sociedade, sobre a “inércia” social que caracteriza uma instituição de longa permanência para idosos, são múltiplas as nuances que se apresentam quando nos detemos sobre as especificidades das experiências de velhice no âmbito asilar, o que se intensifica quando observamos a *velhice* asilada em perspectiva relacional, junto às idosas da Associação Internacional de Caridades.

2.3 Associação Internacional de Caridades: Desdobrando Relações e Experiências de Envelhecimento

A análise sobre experiências de envelhecimento no que denominamos de realidade “fechada” e realidade “aberta” revela novas e distintas dimensões de ser velho na atualidade. A velhice vivida numa instituição asilar, aquela vivenciada junto aos familiares, ou solitária, na sua própria residência, como participantes de grupos de convivência para idosos ou através do engajamento em causas sociais nessa fase do curso da vida, diferenciam-se significativamente entre si.

A percepção de que as experiências de velhice são particularizadas e heterogêneas, contribuiu para que pudéssemos reconhecer no trabalho das voluntárias da Associação Internacional de Caridades (AIC), um objeto de pesquisa instigante, visto que, além de ser reconhecida como uma das “mais antigas associação feminina da

história do voluntariado” (POGGIOLI, 2010, p. 26), trata-se de uma organização leiga, de orientação católica, composta, em sua maioria, por idosas de classe média, que atuam junto a segmentos socialmente excluídos, dentre eles, os idosos asilados. Ou seja, o trabalho voluntário desenvolvido no asilo pelas caridosas contempla as diferenças entre gênero, geração e classe social e, portanto, explicita o confronto entre formas diferenciadas de vivenciar a velhice na sociedade contemporânea.

Na tentativa de investigar a velhice “por dentro”, através da pesquisa sobre idosos inseridos em distintos espaços de sociabilidade, com suas aproximações e limites, empreendemos nesse momento uma discussão específica sobre as particularidades da Associação Internacional de Caridades, Núcleo de Campina Grande – PB, as hierarquias “administrativas” e sociais presentes, as sociabilidades estabelecidas entre as voluntárias inseridas na AIC e as experiências de envelhecimento que se desdobram através da atuação das idosas nessa confraria de caridade.

2.3.1 Informações Preliminares Sobre o Histórico da AIC e do Núcleo de Campina Grande – PB

Historicizar a Associação Internacional de Caridades, desde a criação até sua formação atual, nos remete ao religioso São Vicente de Paulo (1581-1660) e ao ano de 1617, na cidade Châtillon-les-Dombes, França. Em meados deste ano, durante o momento da homilia na Celebração da Missa, o então Pe. Vicente relata a situação de miséria e doença que uma família vivenciava no momento. Recomenda aos fiéis presentes na celebração, que contribuíssem para o suprimento das necessidades mais urgentes que essa família apresentava no momento. Após esse momento, algumas mulheres se reuniram com o padre e se mostraram solícitas para ajudar.

Contudo, a primeira ação de caridade realizada por elas foi conduzida de forma desorganizada, sem planejamento, visto que, em um só momento, todas visitaram os doentes da família e levaram mantimentos, o que atuou como uma ajuda momentânea, mas não a longo prazo. Com a finalidade de melhor servir, além dessa família necessitada, aos pobres e doentes que correspondiam à uma significativa parcela da população francesa, Vicente de Paulo propõe às senhoras a criação de uma associação de caridade.

Segundo Poggioli⁸,

Para essa Confraria, São Vicente de Paulo redigiu um minucioso Regulamento. O nome da Associação: ‘Confraria da Caridade’. As associadas eram mulheres casadas, viúvas e solteiras. Seriam chamadas ‘Servas dos Pobres’ ou de ‘Servas da Caridade’ (2010, p. 23).

Após a aprovação do Regulamento pelo Vigário Geral de Lyon, que garantia a unidade da associação, o religioso funda a primeira Confraria da Caridade, composta inicialmente por 13 voluntárias, no dia 8 de dezembro de 1617. Desde essa formação inicial, Vicente de Paulo conscientizou as mulheres sobre a situação de pobreza e doença de grande parte da população da época, impulsionando o seu serviço não apenas em lares, mas em hospitais e demais áreas desprovidas de assistência social (AIC-BRASIL, 2011).

Salientamos, nesse momento, que as senhoras que atenderam ao chamado do Pe. Vicente eram “damas da nobreza”, mães, esposas e filhas de cidadãos com destacado prestígio social e aquisitivo e que passaram a contribuir com as obras de caridade. Como critério de admissão, o padre determinou que seriam acolhidas como voluntárias, mulheres reconhecidas pela prática da virtude e piedade, viúvas, casadas e solteiras, desde que estas últimas tivessem o consentimento dos maridos e pais. Com essa atitude, o religioso contribuiu para que as senhoras da elite francesa atentassem para as profundas disparidades sociais, que até então ignoravam. Além disso, proporcionou às mulheres da época um papel social ativo e reconhecido no contexto da prática voluntária da caridade.

Assim, as chamadas “Senhoras da Caridade” com o apoio do Pe. Vicente e, após a morte⁹ dele, por iniciativa própria, difundiram os trabalhos não apenas na França, mas em inúmeros países. Para isso, contaram com a colaboração dos padres da Congregação da Missão (Lazaristas) e das religiosas da ordem das Filhas da Caridade, entidades também fundadas por São Vicente de Paulo.

Assim, foram criadas Associações Nacionais ligadas entre si por laços de colaboração e coordenadas pela Presidente da Associação Francesa. Ao

⁸ Estudioso sobre assuntos que envolvem a vida, serviço e espiritualidade de São Vicente de Paulo, o padre Mizael Donizetti Poggioli é Mestre em Sociologia e Assessor Nacional da Família Vicentina.

⁹ O padre Vicente de Paulo faleceu com 79 anos, no dia 27 de setembro em 1660, em Paris, França. Foi canonizado em 1737, pelo Papa Clemente XI. No Brasil, a data em que é comemorado o Dia Nacional do Idoso coincide com a da morte de São Vicente, dia 27 de setembro, pelo religioso ser reconhecido como o “pai da caridade” e patrono de obras de cunho social.

mesmo tempo, em outros países, grupos nascidos espontaneamente se integraram à Associação das 'Caridades', na qual reconheceram seus próprios objetivos (POGGIOLI, 2010, p. 30).

Após uma interrupção das atividades, motivada pela Revolução Francesa, no século XVIII, retornaram os contatos e apoios internacionais a partir de 1840. Já no século XX, as “Caridades” realizaram o primeiro Congresso Internacional e, depois desse, outros se seguiram com certa regularidade de anos. Contudo, outro acontecimento de repercussão mundial, a Segunda Guerra Mundial, suspende as ações internacionais até o término do conflito.

Nas décadas de 1960 e 1970, as “Caridades” sofrem algumas mudanças significativas, adotadas até a atualidade. A associação francesa suprime o termo “Damas” do nome que eram reconhecidas, tendência que os outros países e a própria Associação Internacional seguem. Em 1971, atendendo a solicitação de representantes de vários países, as voluntárias reúnem-se em Assembléia Extraordinária, votam um novo estatuto e adotam o nome de Associação Internacional de Caridades, unificando as associações nacionais. A necessidade de aderir aos pressupostos difundidos pelo Concílio Vaticano II, atualizar-se diante das novas problemáticas sociais que surgiram ao longo dos anos e de manter a unidade requerida por São Vicente de Paulo, ainda que em âmbito internacional, impulsionaram a consolidação desse modelo de Associação (POGGIOLI, 2010).

Associação feminina, internacional, não governamental, leiga, vinculada à religião católica e reconhecida pela Santa Sé, a sua área de atuação abrange ações junto aos idosos, crianças carentes, doentes e gestantes, através do combate à pobreza, exclusão social e da evangelização baseada no catolicismo. Atualmente, a AIC congrega mais de 250 mil voluntárias, distribuídas em cerca de 52 países, integradas por uma rede de organização mundialmente estabelecida (AIC-BRASIL, 2011).

No Brasil, a AIC foi fundada em Salvador – BA, em 1854, por D. Luíza Margarida Borges de Barros, Condessa de Barral, e ficou sob a responsabilidade das senhoras da elite social da época, as “Senhoras da Caridade”. Inicialmente, para desenvolver suas ações, contou a colaboração de membros da Família Vicentina, como os padres da Congregação da Missão (Lazaristas) e as Filhas da Caridade. A Associação está dividida nas 5 regiões geográficas do Brasil e, cada estado membro, denominado Regional, pode ter um ou vários Núcleos (unidades de trabalho). Atualmente, existem 15 regionais, 145 núcleos e 2.314 voluntárias no Brasil (AIC-BRASIL, 2011).

A Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo, Núcleo de Campina Grande – PB, foi fundada em 1935 e sua sede funciona nas dependências do Instituto São Vicente de Paulo, onde as voluntárias encontram-se semanalmente para reuniões e práticas voltadas aos segmentos socialmente excluídos. Ressaltamos que não há registros escritos de um histórico mais minucioso do Núcleo, as informações que dispomos foram colhidas através dos relatos das voluntárias com maior tempo de inserção no grupo, com cerca de três a quatro décadas de participação.

A formação inicial deste Núcleo ocorreu quando, atendendo à um pedido da ordem de religiosas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, residentes e administradoras do Instituto São Vicente de Paulo, várias senhoras da sociedade campinense organizaram-se em grupo com a finalidade de promover ações de caridade, sob a liderança de Joselita Brasileiro, esposa de um renomado médico da cidade. Ao longo de muitos anos, as chamadas “Damas da Caridade” tiveram o apoio do Rotary Club. No total, constam oito presidentes, incluindo a dirigente atual, que conduziram as ações da Associação na cidade, com períodos de mandatos variados, ao longo de mais de 75 anos, até que o regulamento em vigor determinasse para uma gestão o período de quatro anos, com uma possibilidade de reeleição. Ao observar o mural com as fotografias de todas as presidentes do Núcleo, percebemos que o grupo, nas últimas eleições realizadas, tem apresentado tendência em nomear representantes mais jovens, em relação às primeiras líderes.

Embora os termos “Damas” e “Senhoras” tenham sido suprimidos pela Associação Internacional, com a adoção de um nome único, o art. 39, Capítulo VI, do Estatuto Social da AIC-Brasil, afirma que as associadas “... serão denominadas de Voluntárias da Caridade, Damas de Caridade ou Senhoras da Caridade” (POGGIOLI, 2010, p.170). Ou seja, embora “AIC” constitua-se em um termo que confere unicidade às práticas da Associação, os demais citados também são legítimos para se referir ao grupo e seus membros. Isso se reflete também na AIC – Núcleo de Campina Grande –, visto que tanto as mulheres inseridas no grupo são reconhecidas socialmente desta forma na cidade, quanto se autodenominam de Voluntárias ou Senhoras da Caridade.

Desde a formação inicial da Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo em Campina Grande, foi constituída uma rede de apoio mútuo entre caridosas e Filhas da Caridade. Além da utilização do espaço do Instituto administrado pelas freiras, como sede da Associação, as caridosas organizam eventos para angariar doações para melhorias na estrutura física do Instituto e para manutenção da instituição

asilar, assim como promovem momentos de espiritualidade no grupo, com a palestra de religiosas, entre outros. Elas mantêm ainda relação de reciprocidade com a Juventude Marial Vicentina e com o Conselho Central de Campina Grande da Sociedade de São Vicente de Paulo, ambos “ramos” oriundos da chamada Família Vicentina, que também realizam ações em Campina Grande – PB.

A inserção do idoso no voluntariado é discutida por Lafin (2002), que elenca diversas características da realização desse trabalho na velhice. Segundo esse estudioso, alguns elementos influenciam diretamente na prática do voluntariado: idade, classe social, experiências pessoais, cultura, grau de instrução, filosofia e orientação religiosa.

A partir de tais elementos apontados por Lafin, traçamos o perfil das caridosas da Associação que nos propomos a pesquisar. Desta forma, o Núcleo da AIC em Campina Grande, coordenado por Diana Almeida, congrega atualmente 76 mulheres. Contudo, a frequência nas reuniões atinge uma média de 30 voluntárias por reunião. Dentre estas, 19 responderam ao questionário da pesquisa, o que nos permitiu traçar um perfil socioeconômico dos membros que compõem e frequentam esse grupo específico. A faixa etária varia entre 50 e 84 anos e apresenta significativo contingente de idosas, a maioria casada, algumas viúvas e solteiras. Grande parte concluiu o Ensino Médio e algumas têm formação acadêmica, exerciam suas profissões, mas estão aposentadas e/ou são donas de casa. Possuem renda mensal, em média, de 2 a 4 salários mínimos, em alguns casos, atinge mais de 7 salários. Contribuem significativamente para a composição da renda familiar. A exceção de uma voluntária que é solteira, todas as demais têm filhos e, em alguns casos, netos e bisnetos. Em relação às condições de moradia, relatam residir em imóvel próprio e grande parte compartilha a moradia com o cônjuge, filhos e/ou netos, bisneto e genro/nora.

Ainda sobre o perfil das voluntárias do referido Núcleo, percebemos que elas revelam gosto pelo cuidado com a aparência, através da frequência em academias, uso de cosméticos e peças do vestuário de acordo com tendências da moda, bem como pela participação em eventos festivos e viagens turísticas. Relatam a preferência em serem chamadas apenas pelo nome, sem recursos linguísticos de tratamento, que atuam como demarcador de distinção entre indivíduos, bem como de idade, o que revela, portanto, aspectos referentes à proximidade com a velhice.

É importante ressaltar, contudo, que a não obrigatoriedade de identificação no questionário aplicado, não impediu que algumas voluntárias omitissem informações relevantes para a pesquisa, tais como a idade e a renda mensal. A recusa em fornecer

essas informações não provocou eliminação dos questionários na análise realizada, visto que essa atitude de “silenciar” revela aspectos significativos sobre as informantes da pesquisa, visto que o “não-dito” também constitui importante elemento para a análise dos dados colhidos.

Para arrecadar recursos que subsidiam as ações realizadas pela Associação, as voluntárias doam mensalidades à AIC, organizam sorteios entre elas e/ou com a comunidade, bazar beneficente, barraca de artesanatos em um salão específico permanente e durante as festividades juninas da cidade, além da mobilização anual que organizam e divulgam, a Campanha da Violeta, que arrecada doativos exclusivamente para os residentes no asilo.

Segundo a diretoria da Associação, esta também subdivide-se em grupos para abranger as demandas que se apresentam no cotidiano do Núcleo. Entre os projetos desenvolvidos estão: o Projeto Alegrar, voltado para a prática de atividades lúdicas com idosos residentes no Instituto; o Projeto Imagine I e II, que consiste em práticas socioeducativas, culturais e evangelizadoras, junto às crianças e jovens carentes; o de Visitas aos Doentes, quando as voluntárias se deslocam pra hospitais da cidade, procurando acolher, evangelizar, confortar e conversar com enfermos; o Projeto Laços de Amor, desenvolvido com gestantes, através do ensinamento de trabalhos manuais, momentos de espiritualidade e aconselhamento, além da entrega de enxovais; e o Bazar da Solidariedade, que recolhe roupas e acessórios para, após uma seleção, serem vendidos e o valor, revertido em prol dos assistidos. Além desses projetos de cunho social desenvolvidos pelas voluntárias, em prol dos segmentos socialmente excluídos, elas ainda se dividem para realização de atividades internas, tais como para a formação do Coral AIC e de uma comissão para organizar festas e eventos promovidos pela Associação.

Desde a primeira “Confraria da Caridade” fundada pelo então padre Vicente de Paulo, até o que hoje reconhecemos como Associação Internacional de Caridades, já se passaram cerca de quatro séculos. A abrangência da área de atuação, a utilização de meios de comunicação social, as demandas sociais e o perfil das voluntárias sofreram várias mudanças ao longo dos anos. Contudo, a prática da caridade e o próprio estatuto que rege essas ações com o outro, permaneceram vinculadas aos ensinamentos propostos pelo religioso, na essência do trabalho vicentino. Através da pesquisa no Núcleo da AIC em Campina Grande, reconhecemos ainda alguns traços que reproduzem aspectos do grupo fundante – no ano de 1617 -, tais como a permanência da restrição de

gênero, impossibilitando inserções masculinas, e o fato de que, em sua grande maioria, pertencem à uma classe social mais abastada. Embora possua em sua história, interrupções e alguns dilemas, a linhagem da AIC é mantida e a descendência de São Vicente de Paulo, expresso no trabalho em grupo e junto aos demais vicentinos da Família, é continuamente manifestada.

2.3.2 Composição Organizacional da Associação e do Núcleo

“É preciso organizar a Caridade”: alinhado nesse pensamento, o fundador da AIC, São Vicente de Paulo, direcionou as práticas junto às voluntárias da primeira confraria criada, em 1617. Ao redigir o Regulamento da Confraria da Caridade de Châtillon, primeiro documento da Associação, o religioso organiza os aspectos funcionais e administrativos, ressaltando que, dentre as mulheres “servas dos pobres”, uma será eleita dirigente da Confraria, outra será nomeada vice-dirigente, tesoureira, assistente e ainda, têm que contar com a colaboração de duas enfermeiras (POGGIOLI, 2010). Passados alguns séculos, em 1971, a necessidade de manter a unidade de pensamento e ação, de acordo com os contextos sociais específicos, impulsionou as associações nacionais a formularem um Estatuto Internacional, que passou a regulamentar as práticas realizadas.

Instituir uma associação requer toda uma série de elementos para a obtenção de um melhor e mais profícuo resultado. Quando tratamos sobre uma associação de abrangência internacional, o planejamento e distribuição dos membros são articulados de maneira tal que, embora esteja presente em países particularizados entre si, mantém a perspectiva de unidade. Desta forma, a AIC - Internacional está estruturada por uma Diretoria Internacional (Presidente, Presidente Adjunta, três Vice-Presidentes, Secretária, Tesoureira) e um Comitê Executivo, com representatividade das Diretorias Nacionais de diversos países.

A AIC-Brasil, orientando-se pelas diretrizes estabelecidas pela Internacional, organizou-se funcional e administrativamente. Para tanto,

A AIC-Brasil foi, então, dividida em cinco Regiões geográficas e administrativas, contendo, cada Região, um ou vários Regionais, os quais, por outro lado, são constituídos pelos Núcleos (unidades ou locais de trabalho) que são a base da Associação, onde são desenvolvidos os Projetos da AIC-Brasil. (...) Cada Região tendo a sua Coordenadora, cada Regional tendo a sua Presidente, cada Núcleo tendo a sua Presidente e cada Serviço

contando com uma voluntária responsável por ele. Por sua vez, existe a Presidente do Nacional, a sua Diretoria e o Assessor Eclesiástico (POGGIOLI, 2010, p. 61).

A Diretoria Nacional tem como função principal prezar pelo cumprimento do Estatuto Social e administrar a AIC-Brasil. É composta por presidente, duas vice-presidentes, duas secretárias, duas tesoureiras, um assessor eclesiástico e uma assessora religiosa, com período de mandato de 4 anos, permitindo-se uma única reeleição. No primeiro semestre do ano de 2012, foram realizadas as eleições para ocupar a presidência nacional e a dirigente eleita foi Marleide Barros Fernandes, voluntária e ex-presidente do Núcleo de Campina Grande-PB, que tomou posse em agosto de 2012. Deste modo, seguindo as diretrizes do Estatuto Social, embora a AIC tenha foro no Rio de Janeiro-RJ, a sede administrativa se deslocou, durante o mandato, de Salvador-BA, residência da presidente anterior, para Campina Grande-PB, local de residência da nova Presidente Nacional eleita.

Certamente, a posse dessa voluntária campinense como presidente da AIC-Brasil possibilitará maior visibilidade ao Núcleo instituído na cidade. Ressaltamos que ela já possuía reconhecimento na unidade de trabalho na qual atua, visto que além de ser ex-presidente, integrou por cerca oito anos o Comitê Internacional da AIC e, nos últimos quatro anos, como Presidente Internacional Adjunta. Portanto, Marleide Fernandes apresenta uma formação ampla e relevante que, comumente, por solicitação da presidente do Núcleo, é repassada às demais voluntárias de Campina Grande, em palestras realizadas nos momentos das reuniões.

Partindo do âmbito internacional e nacional da AIC, com suas estruturas hierárquicas de cunho funcional e administrativo, chegamos à particularidade da Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo, Núcleo de Campina Grande – PB. Não há ruptura com os padrões estabelecidos pelas esferas superiores, visto que ele obedece à composição organizacional da Associação, com uma diretoria composta por Presidente, 1ª Vice-Presidente, 2ª Vice-Presidente, 1ª Secretária, 2ª Secretária, 1ª Tesoureira e 2ª Tesoureira, além de cinco Conselheiras desta Diretoria, com igual mandato de quatro anos e a possibilidade de reeleição.

A gestão atual, presidida por Diana Almeida, conclui o mandato ao término do ano de 2012. Como citamos acima, este Núcleo é subdividido em seis Projetos fixos que atendem à segmentos socialmente excluídos, dentre eles, idosos asilados, gestantes, crianças carentes e doentes. Cada Projeto possui determinado número de voluntárias e,

dentre estas, uma coordenadora que se encarrega de administrar o pleno funcionamento do mesmo, junto às demais caridosas.

A nossa dinâmica de exposição, ao considerar a composição organizacional da instância internacional até a local, reconhece esse movimento como relevante para se entender aspectos do funcionamento da unidade de trabalho e das relações de sociabilidade que se desdobram em tal ambiente peculiar. Nossa finalidade é avançar nessa descrição histórico-social e das hierarquias de cunho burocrático-administrativo estabelecidas e nos debruçarmos sobre aquelas hierarquias mais sutis nos meandros das vivências em grupo, a disciplina imposta pelo grupo, as sociabilidades, com seus laços de amizade e conflitos, que particularizam as práticas adotadas, e as contradições que se mostram no cotidiano das relações sociais constituídas entre as voluntárias que integram o Núcleo da AIC em Campina Grande, sobre o qual realizamos a presente pesquisa.

2.3.3 AIC: Hierarquias, Disciplina e Contradições

A observação participante das reuniões semanais promovidas pela Associação – Núcleo de Campina Grande/PB –, nas quais as voluntárias se encontram, se mostrou como relevante para que diversos aspectos inerentes ao grupo se revelassem paulatinamente. Estabelecimento de hierarquias, o caráter disciplinar, cumprimento de regras, conflitos entre membros do grupo e certos discursos e ações que denotam contradições em relação aos princípios que sustentam a Associação, como a prática da caridade, surgem de forma nuançada nas dinâmicas cotidianas.

A frequência de mulheres nos encontros semanais corresponde à menos da metade de voluntárias efetivas no grupo, atingindo uma média de trinta participantes. A maioria é pontual e chegam ao local vestindo o traje comum do Núcleo: calça e blusa (farda). A estrutura da reunião, com duas horas de duração, segue um mesmo padrão, com poucas modificações de uma semana para outra. Comumente, as voluntárias, ao chegarem para participar das reuniões, assinam um livro de frequência. A presidente ou, na ausência desta, alguma representante da Diretoria, conduz as etapas dos encontros, que se iniciam com orações e cantos, dispostos em livretos. Posteriormente, há a leitura do Evangelho e um momento de formação/reflexão com a participação das freiras do Instituto, padres ou de algumas voluntárias do próprio grupo, discutindo temáticas referentes à espiritualidade cristã e vicentina e sobre a dimensão que a atuação da AIC

adquire para a sociedade atual. Então, é aberto um momento de discussão, no qual as voluntárias comentam e questionam o(a) expositor(a) do tema. A presidente retoma a palavra para divulgar os avisos às demais voluntárias, finalizando a reunião com orações, preces, cantos e com o lanche, preparado por uma funcionária do grupo. Ressaltamos ainda que, em algumas reuniões do mês, antes do encerramento da reunião, as voluntárias realizam pequenos sorteios e bingos para arrecadar recursos financeiros para o Núcleo, bem como “dinâmicas” de cunho lúdico-religioso para animar o momento.

Embora as reuniões sejam rotinizadas, visto que são compostas por etapas, nas quais cada membro do grupo já sabe previamente o que esperar desses encontros e como se comportar diante deles, elas constituem, por excelência, em momentos reveladores de hierarquias e imposição de disciplina. Não se trata apenas de uma hierarquia que segue o Estatuto Social da AIC-Brasil, através da atuação da Diretoria do Núcleo. Na verdade, os aspectos que expressam uma relação hierárquica entre as voluntárias, ultrapassam esses limites legais/formais e se mostram de forma nuançada.

A princípio, a dinâmica dos encontros que promovem explicita um modelo de submissão das voluntárias diante da presidente, na medida em que ela se coloca à frente do grupo, com o microfone, exige atenção total, não tolerando conversas paralelas, nem interrupções durante sua fala. As voluntárias pedem permissão para utilizar o microfone e/ou falar do lugar em que se encontra. Reproduzem, assim, um modelo de sala de aula, ou de auditórios, nos quais o professor/palestrante se coloca à frente dos alunos/ouvintes, impondo a autoridade do conhecimento/poder. Não há, portanto, a disposição das voluntárias em torno do modelo que formaria um semicírculo ou um círculo completo, onde poderiam visualizar-se entre si e estabelecer certa situação de igualdade entre presidente e demais membros do grupo.

Salientamos ainda que tal modelo hierárquico também é percebido nos Projetos que integram a Associação, visto que cada um deles possui uma coordenadora que se responsabiliza pela manutenção das atividades estabelecidas, determinando as funções que cada voluntária deve exercer nos grupos específicos, além do sistema de horários, dias, ações a serem desempenhadas, entre outros. Em meados do mês de dezembro, as atividades da Associação e dos Projetos vinculados entram em recesso e só retornam em fevereiro do ano seguinte, visto que muitas voluntárias viajam e não dispõem de tempo para se dedicar à caridade em época de “veraneio”.

Diante dessa dinâmica de disposição das voluntárias, percebemos que muitas delas adquirem uma postura de subordinação à certas atitudes que expressam autoritarismo. Há ainda, de forma sutil, estabelecimento de hierarquia entre as voluntárias, visto que algumas adquirem maior visibilidade e reconhecimento em relação às demais, a partir dos critérios intelectuais, financeiros, religiosos e por maior tempo no grupo. Isso pode ser percebido através da capacidade que algumas mulheres têm de persuadir e conferir legitimidade à suas ações e opiniões no grupo.

Contudo, devemos salientar ainda que algumas voluntárias criticam, entre si, as lacunas nas ações realizadas pelo Núcleo e se mostram insatisfeitas com a pauta das reuniões, afirmando serem repetitivas e desprovidas de conteúdo de real interesse. Comumente, as críticas são feitas discretamente entre si, através de olhares e gestos discordantes ao que é realizado ou proposto, ainda que, em algumas situações, as voluntárias expressem abertamente aquilo que não atende à suas expectativas enquanto membro de uma Associação de caridade.

As práticas do Núcleo e os encontros promovidos semanalmente também são permeados pela imposição de um caráter disciplinar. É reconhecida, então, uma disciplina do grupo imposta sutilmente e seguida pelas voluntárias. Horários, pontualidade, assinatura de frequência e pagamento de mensalidade são critérios constantemente solicitados, pela Diretoria, a serem cumpridos. Entre as voluntárias, também é percebida certa “fiscalização” e julgamento da conduta das outras que “rompem” com a rotina das reuniões, ao atenderem aparelhos celulares em momentos inapropriados, não serem pontuais, não frequentarem as reuniões e atuarem nos Projetos com regularidade, entre outros. Além disso, a presidente e coordenadoras dos projetos solicitam respeito e aceitação de autoridade diante das demais.

O fardamento usado por elas pode também ser percebido como um aspecto de disciplina imposto pela coordenadora do grupo, visto que, frequentemente, recomendam o uso dessas vestimentas, “comum” e de “gala”, de maneira adequada, já que são “Senhoras da Caridade”. Assim, o traje comum, para reuniões e ações cotidianas da Associação, e o de “gala”, para uso em momentos solenes, são reconhecidos como elementos demarcadores de identidade do grupo, de distinção social e que, por sua vez, as voluntárias desejam manter.

O calendário de atividades e reuniões do Núcleo de Campina Grande prevê que, mensalmente, a Diretoria preste contas ao grupo, uma equipe de alguns dos Projetos se responsabilize pela organização de uma das reuniões e que seja programada uma Missa

na Capela do Instituto, com participação das voluntárias. Os aniversários do trimestre são comemorados após a reunião, agendados anteriormente. Já para as confraternizações de Fim de Ano, Dia da Mulher, Dia das Mães e São João, a Diretoria organiza uma programação na sede com ornamentação temática e/ou em restaurantes da cidade. A recomendação é que as voluntárias utilizem peças elegantes no seu vestuário e, nas Missas solenes, usem os trajes de gala que todas possuem.

A renda mensal das voluntárias revela uma situação financeira estável, o que é demonstrado na postura que elas assumem na Associação diante de certas situações. O *status* social ostentado e a vinculação à um grupo que, embora voluntário e voltado à caridade, é tradicionalmente reconhecido como desdobramento de uma elite, condiciona que as voluntárias tentem reproduzir no grupo, um estilo de vida com o qual estão acostumadas na convivência familiar, seja nas festas, confraternizações e passeios organizados, seja na própria conduta nas questões cotidianas da Associação. O fato de possuírem uma funcionária que se encarrega dos lanches e serviços gerais da sede do Núcleo e, de algumas voluntárias, se relacionarem como sendo superiores à ela, como uma extensão da vida familiar/doméstica, afirmando ser “um desaforo, uma empregada ter a ousadia de pegar num microfone pra falar”, corresponde à um exemplo a ser citado. Além disso, como o grupo é reconhecido socialmente pelo significativo poder aquisitivo que algumas voluntárias ostentam, estas são percebidas como consumidoras em potencial. Devido à isso, frequentemente, revendedores/representantes divulgam bens e serviços para os membros do grupo conhecer e adquirir.

Consideramos ainda a pertinência de ressaltar que no Estatuto Social, é enfatizado que tal organização prestará serviços aos mais necessitados e, para tanto, “não fará discriminação de raça, sexo, nacionalidade, idade, credo religioso ou político e condição social” (POGGIOLI, 2010, p. 161). De fato, observamos que nas práticas de caridade desenvolvidas pelas voluntárias, não há discriminação dos indivíduos de acordo todos os segmentos apontados. Contudo, também não há diálogo e respeito à diferença, visto que, por meio das atividades realizadas, difundem valores e práticas cristãs católicas, ainda que alguns dos seus assistidos comunguem de outras orientações religiosas.

Como já pontuamos em outro momento do estudo, diferentemente da filantropia, que desenvolve atividades sociais, sem envolver a dimensão espiritual, mas apenas o humanitarismo, a caridade, por sua vez, adquire uma dimensão cristã, na perspectiva de doação plena ao outro, sem esperar que o bem doado seja recíproco (OLIVEIRA, 2006,

p. 68). Ou seja, para que a caridade seja realizada em sua plenitude, não se pode divulgar, nem se expor através dos serviços realizados. No cotidiano da Associação, muitas vezes, a caridade funciona de forma externa ao grupo, para os indivíduos beneficiados pelas ações realizadas, contudo, não funciona no interior do Núcleo. O tratamento dispensado à funcionária e as situações nas quais não demonstram solidariedade com sofrimento ou constrangimento das demais companheiras, revelam contradição em relação aos princípios que sustentam a AIC, tais como o amor e a prática da caridade, fazendo com que muitas das mulheres se coloquem numa linha tênue entre o desafio de equilibrar seu estilo de vida e o “espírito caritativo” que move a Associação. Contudo, reconhecem que, na sua atuação como voluntárias da caridade, esbarram em múltiplas formas de “pobrezas”, inclusive nas “pobrezas” particulares a cada caridosa, tais como ausências, doenças, conflitos familiares, entre outros. Afinal, segundo as caridosas, “todos somos pobres”, embora, cada um ao seu modo.

Modelo hierárquico, caráter disciplinar, discursos e atitudes que revelam contradição em relação aos preceitos básicos da Associação de Caridade surgem, em alguns momentos, de forma perceptível aos olhos do observador e, por outro lado, através de nuances sutis, reconhecidas nas entrelinhas dos discursos e nas relações estabelecidas entre as caridosas. A convivência em grupo, onde estão inseridas cerca de 76 mulheres, permeadas por minúcias e sutilezas, revela conflitos e sociabilidades que contribuem para um melhor entendimento sobre as experiências de velhice das caridosas nesse ambiente específico.

2.3.4 As Voluntárias e as Relações de Sociabilidade

A atuação engajada em uma associação de caridade confere relevante significado às experiências de vida das voluntárias. Reconhecem, nesse grupo, uma maneira de atender necessidades de indivíduos socialmente excluídos e desassistidos. Ademais, uma possibilidade profícua de romper com os limites da esfera doméstica, ou manterem-se ativas/atualizadas após a garantia da aposentadoria.

As vivências como participantes desta associação, essencialmente feminina, são múltiplas e, por vezes, contraditórias. Por apresentarem características socioeconômicas que se assemelham entre si e relacionarem-se apenas com mulheres no grupo, demonstram entrosamento e uniformidade nos diálogos estabelecidos, bem como a

intimidade necessária para expor fatos da intimidade familiar e insatisfação com certos aspectos da convivência em grupo.

Dentre os aspectos percebidos pelas voluntárias como mais interessantes no grupo e que mais motivam sua participação no mesmo é, principalmente, a união, amizade e companheirismo entre os membros, seguido pela possibilidade de contribuir num trabalho de solidariedade com os pobres. Para fortalecer esses vínculos, promovem momentos de entretenimento, festas temáticas, bailes beneficentes, passeios, viagens, assim como atividades lúdico-religiosas durante os encontros.

Diante dos vínculos afetivos e amizades estabelecidas, comemoram com suas companheiras de grupo as conquistas pessoais, curas de doenças, reconhecimento nos trabalhos realizados. Ao mesmo tempo, compartilham também dilemas, dificuldades familiares, frustração com o casamento, enfermidades, buscando encontrar apoio para enfrentar as dificuldades que se apresentam. Nesses momentos, tentam confortar umas às outras, na perspectiva de uma solidariedade geracional e exercendo a caridade, visto que ao seguir os preceitos cristãos, ajudam o seu “próximo mais próximo”.

Contudo, a atuação da Associação não atende integralmente às expectativas de algumas das caridosas, participantes da pesquisa. As principais críticas que as mulheres apontam, quanto ao trabalho desenvolvido no Núcleo, esbarram nos fundamentos que sustentam a AIC, uma vez que “reivindicam” que as demais companheiras demonstrem mais afetividade e solidariedade com os indivíduos assistidos pelo grupo, uma melhor formação espiritual para ser voluntária e para que exista maior solidariedade, proximidade e sinceridade entre elas.

O receio de envelhecer e/ou de aparentar estar “velha” é um aspecto que também permeia o cotidiano dos encontros das voluntárias. Embora se reconheçam como “Senhoras da Caridade”, repelem a imagem de velhice e, conseqüentemente, os estereótipos presentes na sociedade. Em alguns momentos, essa recusa do reconhecimento de “ser velha”, gera conflitos entre as caridosas que assumem serem idosas. Podemos citar como exemplar um fato que ocorreu durante uma reunião do Núcleo. Uma voluntária, com cerca de 60 anos, ao ler uma mensagem e apresentar alguma dificuldade para isso, é chamada a atenção por outra que diz: “Assuma a cegueira e velhice: use óculos”. Muitas riram. Isso foi dito num tom que ficou na linha tênue entre a ironia e a brincadeira entre amigas.

No cotidiano das observações, percepções sobre como “ser mulher” na atualidade e vivenciar a “velhice de forma ativa”, para serem “idosas” e não “velhas”,

desdobram-se em significativas questões de gênero e geração. Dificuldades em administrar de forma plena todas as “funções” que lhe são confiadas, tais como ser uma boa esposa, mãe, dona de casa, voluntária da caridade e, em meio a tudo isso, não permitir que as marcas do tempo alterem de forma contundente sua aparência e as relações sociais estabelecidas, evidenciam o desejo de apresentar um modelo de “ser mulher”, que é intensamente arraigado em estereótipos tradicionalmente estabelecidos.

Amizade, desacordos, confiança e conflitos permeiam o cotidiano dos encontros e as relações sociais estabelecidas nesse grupo peculiar. Deste modo, as vivências e convivências entre as voluntárias da caridade da AIC permitiram a percepção de que, laços de afetividade e a formação de uma rede de apoio mútuo entre as participantes, conferem relevantes significados para as experiências de vida das idosas inseridas na Associação.

CAPÍTULO 3

IMAGENS DE SI, IMAGENS DO OUTRO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E ALTERIDADE ENTRE IDOSAS DA AIC E OS ASILADOS

*“A representação de si é como um jogo de espelhos que reflete, através da representação do outro, a imagem que cada um tem de si”
(PEIXOTO, 1997, p. 156).*

3.1 Introdução ao Capítulo

A proposta principal do terceiro capítulo está pautada na perspectiva do confronto entre o *eu* e o *outro* na velhice. Para tanto, inicialmente ponderamos sobre os principais aspectos motivadores, reconhecidos pelos participantes da pesquisa, que os levaram a inserirem-se e permanecerem como membros de um grupo de caridade e, por outro lado, residentes de uma instituição asilar. Em seguida, através do subsídio empírico e teórico utilizado no decorrer da pesquisa, discutimos a construção de identidade e a perspectiva da alteridade entre as voluntárias da Associação Internacional de Caridades, inseridas no “Projeto Alegar”, e os asilados, procurando analisar a maneira pela qual as caridosas reconhecem e vicenciam a velhice e como esta é experienciada pelos asilados. Através da observação de práticas cotidianas vivenciadas no asilo, entre residentes e caridosas, além dos diálogos estabelecidos com os informantes, elaboramos um complexo percurso sobre percepções mútuas de ser *velho* na contemporaneidade.

As atividades que as voluntárias desenvolvem no “Projeto Alegar”, junto aos idosos residentes no asilo, possibilitam que elas se deparem com a face da velhice doente, solitária, excluída, invisibilizada, rejeitada e, ao mesmo tempo, vislumbrem diferentes formas de experienciar essa fase do curso da vida. Como foi enfatizado, significativa parte das mulheres que compõem a AIC e, especificamente, o “Projeto Alegar”, estão inseridas numa faixa etária reconhecida como idosa, contudo, difundem características opostas à velhice asilada, na medida em que muitas dessas senhoras frequentam academias estéticas, bailes e passeios turísticos, sugerindo que, na velhice, podem ser saudáveis, ativas e engajadas em causas sociais. Assim, o *status* social

ostentado e a vinculação à um grupo que, embora voluntário e fundamentado na prática da caridade, é tradicionalmente reconhecido como desdobramento de uma elite, contribui para que a dúplice imagem da velhice, que ora é apresentada como doente e decrepita, ora como saudável e ativa, seja concebida e confrontada nas nuances da prática da caridade junto aos asilados. Debert avalia que

Quando a referência do pesquisador no tratamento de categorias como velhos, jovens, adolescentes e crianças é o número de anos vividos a partir da data de nascimento ou a aparência de cada um, acaba-se por perder a plasticidade das formas pelas quais o curso da vida é concebido em sociedade distintas, bem como o sentimento investido na relação entre grupos etários e a importância desses grupos e categorias na organização social (2007, p. 55).

Na velhice, díspares papéis e oportunidades sociais são evidenciados de forma marcante. Além das muitas variações de ordem subjetiva nos sujeitos que experienciam essa condição social – velhice – as distinções entre gênero, geração e classe social, perpassam e influenciam significativamente as vivências de ser *velho*. Diante disso, problematizamos as ambigüidades do processo de envelhecer, buscando conhecer como são reconhecidas as diferentes formas de experienciar a velhice através das práticas desenvolvidas pelas “Senhoras da Caridade” junto aos idosos asilados.

Analisaremos e confrontaremos, através da perspectiva da alteridade, a dúplice imagem da velhice em contextos sociais diferenciados, em grupo formado majoritariamente por mulheres idosas e numa instituição asilar, representando respectivamente, a velhice “dinâmica” e a velhice “estática”. Então, trata-se de uma relação marcada por subjetividades, onde as “Senhoras da Caridade” encontram-se com uma imagem repelida socialmente, o *outro* feio, rejeitado, doente, a concretude de uma velhice temida. Ao passo que esse *outro* também depara-se com uma forma de vivenciar essa fase do ciclo vital que jamais terão acesso, podendo até nem reconhecer-se nessas senhoras vestidas de acordo com a moda, que se preocupam com a aparência e demonstram vivacidade. Logo, a relação estabelecida entre esses idosos de contextos e grupos diferenciados reflete questões que repercutem na própria construção de identidade e da alteridade face à imagem do *outro* que, embora compartilhe o estágio etário legitimado institucionalmente, vivenciam e reconhecem a velhice diferenciadamente.

3.2 Recuperando Causas: Aspectos Motivadores da Inserção e Permanência dos Idosos no Asilo e na Associação

As pesquisas realizadas não somente *sobre* idosos, mas *com* idosos, nos leva ao questionamento sobre as motivações que orientaram sua condição de vida atual. Possuidores de experiências de vida peculiares, acumuladas ao longo dos anos, os participantes da pesquisa relatam suas histórias de vida, ao mesmo tempo em que retomam suas vivências do passado, aspectos vividos no presente e as perspectivas de futuro em seus espaços de sociabilidade. Reconhecemos, nesse momento, que o cotidiano e as reflexões sobre o tempo atual e expectativa de futuro dos idosos é intrinsecamente relacionados ao grupo social no qual estão inseridos. Como analisado por Peixoto em pesquisa realizada com mulheres idosas, elas refletem suas experiências em “histórias de vida, em geral carregadas de emoção, que melhor ressaltam os conteúdos sociais da memória familiar, permitindo descobrir as normas e valores transmitidos, os lugares de vida e as relações familiares” (PEIXOTO, 1997, p. 152).

Quando nos deparamos com a possibilidade de nos debruçar sobre *velhices* particularizadas, esse exercício de percorrer por entre as linhas da vida dos idosos durante as entrevistas realizadas, embora não abarque os objetivos da pesquisa, adquire uma dimensão ainda mais significativa para a construção de um panorama sobre as diferenças presentes no processo de envelhecer.

Residir numa instituição asilar *versus* participar de uma reconhecida associação de caridade. Múltiplos aspectos condicionaram os idosos a buscar inserção em tais ambientes distintos, bem como são variadas as motivações apontadas para a sua permanência neles. Realizaremos, desta forma, uma tentativa de explicitar tais aspectos traduzidos na própria fala dos entrevistados, articuladas às apreensões obtidas mediante às observações e conversas informais estabelecidas com os idosos.

3.2.1 Idosos Asilados

Quando estudamos sobre instituições asilares e, mais precisamente, sobre as experiências vividas pelos idosos nesse espaço de sociabilidade específico, comumente recaímos sobre o seguinte questionamento: “O que levou determinado idoso a procurar abrigo na instituição?”. Necessidades financeiras, abandono, solidão, ausência de

suporte familiar para lidar com restrições físicas e/ou doenças, são as principais respostas à tal questão, reconhecidas na sociedade e em estudos acadêmicos.

Contudo, antes de discutirmos propriamente sobre a aplicabilidade, na nossa pesquisa, desses aspectos percebidos como motivadores da inserção de idosos em instituições asilares, pontuamos os aspectos burocráticos que permeiam esse processo. Desta forma, segundo a freira diretora do asilo, o processo legal de entrada dos idosos obedece aos seguintes critérios: primeiro, deve ser enviada uma solicitação ao Instituto requerendo o ingresso do idoso no local; depois, membros que formam o corpo administrativo do asilo realizam uma visita ao domicílio ou ao local em que o idoso se encontra; e, diante da afirmativa de que este possui mais de 60 anos de idade e não dispõe de recursos para sua manutenção, nem do apoio da rede familiar, firmam um contrato de prestação de serviços, constando os direitos e deveres atribuídos para a instituição e o idoso, ou seu representante legal, no caso dos indivíduos que não apresentam autonomia física e/ou mental. A responsável por esses trâmites legais afirma ainda que, quando esse processo de entrada de novos residentes acontece por iniciativa de familiares, procura não julgar a família dos idosos, embora leve os parentes a refletir sobre a proximidade de suas próprias *velhices* e as mudanças socioafetivas que envolvem o processo de envelhecer.

Como salientamos em outro momento do texto, não houve aproximação significativa com os homens asilados, visto que havia pouca frequência de homens participantes dos momentos promovidos pelas caridosas. Assim, como o nosso foco de pesquisa esteve pautado nas relações estabelecidas entre voluntárias da caridade e asilados, mantivemos diálogos e entrevistamos apenas um homem residente no asilo, ao passo em que quatro idosas contribuíram para a pesquisa. A faixa etária variou entre 63 e 94 anos, conforme os critérios utilizados para compor o número amostral de asilados selecionados como informantes da pesquisa. Todos os entrevistados são naturais de municípios circunvizinhos de Campina Grande e não tiveram acesso à formação escolar mais abrangente, apenas ao ensino básico. Como consequência dessa insuficiente escolaridade, não conquistaram estabilidade profissional. As mulheres trabalhavam como empregadas domésticas ou no “seu próprio lar” e, umas delas, como costureira. Apenas uma idosa, por intermédio de amigos e familiares, trabalhou como cuidadora de uma criança doente e como auxiliar de enfermagem. O homem entrevistado relatou que trabalhou como tipógrafo.

Entre os cinco entrevistados, duas solteiras, uma viúva, um divorciado e uma idosa que nunca casou legalmente, mas teve dois filhos de um relacionamento. Exceto as solteiras, todos têm filhos, netos e, em alguns casos, até bisnetos. Antes da inserção no asilo, residiam com familiares, sobrinhos, filhos e/ou genros/noras. O caso do idoso entrevistado é peculiar, visto que ele residia com a mãe e, após a morte dela, sua tia encaminhou-o para a instituição, por não poder ser sua cuidadora. Todas as mulheres residem na instituição há cerca de 1 (hum) ano e o asilado já conta mais de 5 (cinco) anos como residente no local.

Desta forma, o perfil que traçamos, através de relatos informais e de entrevistas em profundidade, revela principalmente aspectos das vivências das mulheres residentes na instituição. Nos diálogos estabelecidos com as idosas, as mulheres que não constituíram família e são solteiras, geralmente, atribuem essa condição à certas restrições do pai e/ou dos demais familiares que, de certa forma, impediram o estabelecimento de uma relação afetiva durante sua juventude. As asiladas relatam que quando estes morreram, elas não tinham onde morar e/ou como se manter financeiramente por muito tempo e, deste modo, procuraram abrigo no asilo.

Outras, por sua vez, demonstram orgulho em serem “moças solteiras”. O relato de uma idosa entrevistada ilustra de forma exemplar esse “orgulho” de preservar a sua castidade, mesmo após a morte dos pais e a conseqüente solidão que marcou sua vida desde então. Ao elencar os principais acontecimentos de sua vida, até sua inserção na instituição, ela afirma: “... vou levando a vida, nunca casei, sou solteira, nunca fiz besteira também. Sempre tive muito cuidado na minha vida, fazer coisa errada, nunca fiz, graças a Deus e tenho muito boas amizades” (Sra. M., 89 anos).

As viúvas apontam a morte do par conjugal como o principal motivo de sua entrada no local, visto que estão “sozinhas no mundo”. Já aqueles que têm família numerosa, com filhos, netos e uma rede familiar estabelecida em Campina Grande/PB ou municípios circunvizinhos, elencam diversos aspectos reconhecidos como motivadores para que passassem a residir no asilo. Vida profissional intensa e falta de tempo dos familiares para o cuidado com seus idosos, difícil convivência com genros/noras, conflitos intergeracionais com os netos, são os principais elementos que os asilados apontam para justificar as causas que os levaram a distanciar-se da convivência familiar, optando ou sendo impelido a procurar uma instituição asilar. É importante esclarecer ainda que há idosos que tomaram a iniciativa em morar no asilo.

Residente há um ano no asilo, uma idosa explica que morava com uma filha que, devido à intensa vida profissional, passou a não dispor de tempo para ser sua cuidadora:

É porque sou doente, doente e essa filha ela é muito... não podia botar uma pessoa dentro de casa pra tratar de mim. Não podia pagar porque ela já é empregada, ganha um salário e é doente. O jeito que teve, ela arrumou aqui, que é mesmo morar mais ela (Sra. I., 94 anos).

Ao longo da entrevista, revela ter outros três filhos que também residem em Campina Grande e que a visitam regularmente na sua nova moradia. A entrevistada, contudo, justifica que todos são muito “ocupados” e não poderiam cuidar dela. Algo marcante em todo seu depoimento é a recorrente necessidade que ela demonstra em afirmar e reafirmar os benefícios de morar no asilo e o quanto religiosas e funcionárias não têm “defeito” a ser apontado, numa atitude de “defesa” da instituição, chegando a dizer que mesmo se filha lhe oferecesse novamente moradia, não deixaria o espaço asilar.

Em outra entrevista realizada, com uma idosa de 90 anos, viúva, com doze filhos que, em sua maioria, residem no estado do Rio de Janeiro, constatamos também certa ênfase na satisfação em morar na casa da instituição. O relato que ela nos concedeu é esclarecedor:

Aqui, tenho o filho caçula que mora aqui. Eu morava mais o filho caçula, sabe? Mas a nora era ruim pra eu, eu chorava todo dia pra vim pra cá. Eu vendi minha casinha, meu velho morreu, sabe? Eu vivia mais o filho solteiro e o filho solteiro bebia muita cachaça brigava com eu, dizia que eu não era mãe dele, aí vendi minha casinha, dei o dinheiro e ele foi simhora pro Rio e eu fiquei aqui. Aqui é uma beleza! Sim, aí fiquei mais meu filho, o caçula, sabe? Mas a nora era ruim pra eu, e eu sou madrinha dela e tudo, batizei ela, batizei os filhos dela. Ela queria bater, uma vez bateu e eu passei a noite chorando. Bateu no meu rosto, porque ela discutiu de novo com meu filho e dizia que era pro mode eu, e eu quieta no meu canto, aí eu passei a noite chorando. Aí no outro dia que sai na portaria: ‘Me leve pro São Vicente de Paulo, pelo amor de Deus’. Aí ele disse ‘Mãe, eu vou, se a madre não aceitar...’, porque ele já tinha vindo e não tinha vaga não, ‘...aí vou lá no quartel, falo tudinho e a senhora vai ficar lá’. Quando cheguei aqui que ela me viu, eu chorei aí ela disse: ‘Olhe, não chore não que você vai ficar. Tem cama, tem guarda-roupa, não falta nada, só basta trazer os troços. Só os vestidinhos, as coisinhas, né?’ Tô amando, tô no céu. É uma maravilha (Sra. R., 90 anos).

Através desses fragmentos das entrevistas realizadas e de outros diálogos estabelecidos com outros asilados, percebemos que a instituição adquire um relevante significado para muitos idosos que nela residem. Embora, nesses casos, o asilo atue como uma “fuga” da solidão/rejeição e violência familiar, os asilados reconhecem nesse espaço uma oportunidade para serem cuidados, conquistarem a desejada tranquilidade, além de recriar laços de sociabilidade com os demais residentes e os cuidadores do

asilo. Born & Boechat afirmam que “se o indivíduo vem de precária situação social, a ILP será o porto seguro, de acolhedora segurança e tranquilidade” (2002, p. 773)

Ainda que os idosos revelem tristeza e certa angústia com a omissão dos filhos diante da violência e do abandono, esclarecem a todo o momento os aspectos positivos do seu novo lugar de vivência, visto que, como observamos no fragmento acima, “... o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e prestígio nem da ausência de maus-tratos (DEBERT, 1999b, p. 83). Contudo, devemos considerar que essa recorrente ênfase percebida nos discursos de alguns idosos pode atuar também como um recurso de resistência à situação de fragilidade social que se encontram, ou seja, ao invés de autoinferiorizarem diante dos visitantes sua condição de vida atual e sucumbirem à depressão, supervalorizam o asilo e sua inserção no local.

Ainda que alguns idosos mantenham sua autonomia mental, segundo a diretora da instituição asilar, grande parte dos asilados são depressivos e apresentam sinais de demência senil, fato que também constatamos na pesquisa de campo realizada. Ela relata que tais demências se acentuam com o abandono dos familiares, que gradativamente diminuem a frequência de visitas aos idosos. Entretanto, a observação e análise das falas dos sujeitos da pesquisa nos permitiu entrever que, além da ausência dos afetos familiares e dos fatores biológicos, outros elementos também influenciam essa veloz deterioração mental e emocional dos idosos. Um deles é desvinculação com o espaço de sua casa, com suas atividades domésticas e/ou profissionais, visto que o ambiente asilar não lhe remete recordações, lembranças de vivências anteriores à essa experiência. Além disso, o afastamento de outros indivíduos de sua rede de sociabilidade e a ausência de atividades diárias para os idosos, que estimulem o corpo e a mente, também surgem como possíveis aspectos motivadores desse agravamento de demências e depressões. Sem adentrarmos nos méritos biológicos, um caso elucidativo sobre a relevância que uma atividade adquire para a manutenção da mente e do corpo ativos é o exemplo de uma idosa de 90 anos que, embora os familiares não a visitem com regularidade, ela afirma satisfação com sua permanência no local, visto que ainda trabalha confeccionando, manualmente, bonecas e tapetes com retalhos de tecidos que as freiras adquirem. Ela aproveita a presença de visitantes e/ou dos voluntários que desenvolvem atividades com os idosos, e comercializa seus artesanatos.

É relevante considerar também os discursos e atitudes que explicitam uma tentativa de preservar a individualidade nesse ambiente institucional, marcadamente homogeneizador, que, apesar de tudo, é sua nova “casa”. Atitudes como a preferência

em pedir para serem chamadas pelo nome próprio e não pela expressão “senhora”, mostrar fotografias de sua vida “pré-asilar”, apresentar os visitantes aos demais asilados, esclarecendo que se trata de seu “amigo(a)” ou familiar, entre outras, se revelam como estratégias de resistência adotadas pelos asilados para sua melhor inserção no asilo, bem como para atenuar a sensação de não-pertencimento ao ambiente institucional. Além disso, observamos a tentativa de preservar a intimidade no coletivo, demarcando seu espaço individual no dormitório feminino com objetos, fotografias e demais elementos de distinção.

Interessante é perceber que quando os idosos passam a residir no asilo, perdem a referência profissional, de pertencimento e até mesmo familiar que possuíam até então, visto que neste novo ambiente todos são reconhecidos como residentes de uma instituição asilar, asilados. Nesse espaço, não são mais filhos, pais/mães, avós/avôs, doméstica, agricultor, professora. São idosos asilados que, no máximo, são aposentados. Discutindo sobre papéis sociais na velhice Erbolato & Leite (2002, p. 957) demonstram que,

Papéis sociais nada mais são do que formas de comportamento socialmente prescritas que carregam consigo uma expectativa de como devem ser desempenhadas (...) Muitos existem em função de seus complementares: pais-filhos; chefe-empregado; marido-esposa, e estão associados ao gênero, a determinada posição (*status*) dentro da hierarquia social, a diferentes níveis de poder de decisão ou de autoridade (direitos) e a tarefas específicas (estas se compõem principalmente de obrigações para com seus papéis complementares).

Nesse sentido, ao tornar-se asilado, o idoso é condicionado a desvincular-se dos antigos papéis que exercia e adaptar-se à novos papéis sociais, não sem vivenciar inúmeras dificuldades emocionais e comportamentais nesse processo de mudanças intensas.

As formas pelas quais se adaptam a esse novo lugar de vivência estão pautadas, portanto, por todas essas situações que se apresentam no ambiente institucional. Embora em vários momentos do estudo, esclarecemos que os idosos afastam-se da rede familiar e de amizade que possuíam antes da entrada no asilo e tem que estabelecer novos vínculos na sua nova “casa”, podemos afirmar que as amizades, o companheirismo e a solidariedade observada entre os residentes figuram como um importante meio de adaptação dos idosos. O caso de duas idosas, que já se encontram na linha tênue das demências senis é elucidativo. Elas caminham sempre juntas por todo o espaço da casa,

se ajudam e protegem mutuamente. É notório o carinho e o companheirismo entre essas duas mulheres que, antes da entrada no asilo, não se conheciam.

Segundo algumas idosas entrevistadas, a necessidade de se manterem lúcidas, atualizadas e ativas faz com que elas procurem desenvolver atividades manuais, bem criarem o hábito de escutar o rádio para ouvir as notícias veiculadas. Além disso, a possibilidade de gerir parte de sua própria aposentadoria também atua como um relevante fator para estimular sua autoestima, visto que percebem que ainda mantém parte de sua autonomia física e mental. Sobre a administração desses recursos, elas afirmam:

É, pra tomar meus remédios e pagando aqui agora no São Vicente. Eu pago (Sra. M., 89 anos).

Não, a gente não pega. Chega, dá um cartãozinho à madre, elas quem tiram né? Dá o que a gente precisa e pronto. Mas toda sexta-feira, ela dá trinta conto à gente, a gente que sabe, entende de alguma coisa, compra as coisinhas da gente. Eu faço meus, agora mesmo vendi uma boneca por cinco conto, boneca de pano, tanto eu faço, como eu vendo (Sra. R., 90 anos).

Embora alguns revelem desejo em voltar para sua residência, a permanência dos idosos na instituição é determinada não apenas pela ausência de familiares dispostos a oferecerem moradia e cuidarem dos seus idosos, mas pela insegurança de deixar as certezas do cuidado que reconhecem na instituição, pelas dúvidas de como seria se voltasse a morar com filhos/noras/sobrinhos. Medo de perder a tranquilidade, de voltar para uma situação de violência, de abandono, de carência, como percebido na fala abaixo:

Porque eu gosto, né? Que aqui é bom demais, aqui não falta nada pra gente, só falta saúde, que a saúde pertence a Deus. Se tiver um caso de fazer a operação, é feita a operação, elas levam pra médico, o médico vem de oito dias aqui, enviam pra um médico de consultório e lá vai pra fazer... aqui não falta nada pra gente não (Sra. I, 94 anos).

Diante disso, percebemos que as motivações para inserção e permanência dos idosos na instituição são múltiplas, contudo, todos os entrevistados encontram explicação para sua condição de vida atual na vivência familiar que outrora possuíam. São relatos de abandono, de violência, incompreensão, solidão, ausência de cuidados. Alguns relatam ainda que encontram no abrigo outra forma de solidão, visto que apesar de conviverem com muitos outros idosos que compartilham sua condição, estão longes das referências de casa, amizade, família, profissão que até então possuíam. Entretanto, conformam-se com essa novo modelo de vida, em troca da segurança e da garantia de

que suas necessidades vitais e sociais mais urgentes (abrigo, cuidado, medicação, alimentação, higiene corporal, etc.) serão supridos, ainda que se mostrem carentes de demonstrações de afeto dos visitantes e/ou dos cuidadores.

3.2.2 Senhoras da Caridade

A princípio, é importante ressaltarmos que nossa análise sobre as motivações para inserção e permanência das voluntárias no grupo, tentará abarcar as apreensões obtidas através da observação participante durante as reuniões da AIC, recorrendo ainda aos dados coletados no questionário de caracterização e inserção no grupo, aplicado com as voluntárias, e os relatos que as caridosas do “Projeto Alegria” concederam durante as entrevistas realizadas.

Os aspectos comumente reconhecidos como motivadores para que mulheres adultas e idosas procurem a Associação Internacional de Caridades, Núcleo de Campina Grande – PB, para desenvolverem, voluntariamente, ações de caridade para gestantes, idosos, crianças carentes e doentes, estão pautados, principalmente, no desejo de promover melhorias na vida de indivíduos desfavorecidos socialmente e/ou que se encontram em situação de risco. Contudo, a observação das práticas, os diálogos informais estabelecidos e as entrevistas em profundidade realizadas, permitiram vislumbrarmos outros elementos que exerceram influência para inserção das “Senhoras” nesse grupo específico.

Sobre a questão referente aos critérios de admissão de novos membros na Associação, o Estatuto Social da Associação Internacional de Caridades – AIC Brasil, parágrafo 2º, afirma que

Serão admitidas na AIC-Brasil mulheres católicas e compromissadas com a filantropia, cuja demissão ocorrerá por simples manifestação de vontade das mesmas, podendo as associadas serem excluídas da AIC-Brasil se deixarem de efetuar suas contribuições estipuladas pelo Núcleo ao qual pertencem e/ou se adotarem comportamento incompatível com o exercício e finalidade da atividade filantrópica, bem como atentarem contra a ordem, moral e os bons costumes (POGGIOLI, 2010, p. 160)

A partir dessa orientação para a aceitação e permanência das voluntárias da caridade, encontramos aspectos apontados como essenciais: comungar do catolicismo, estabelecer compromisso com a caridade e zelar pela moral e ética na família e na

sociedade. Então, de modo geral, uma voluntária da AIC deve seguir tais preceitos para conduzir suas ações no cotidiano da Associação.

Embora os membros da diretoria do Núcleo no qual a pesquisa foi realizada afirmem que os critérios para a admissão de novas voluntárias, além desses acima descritos, estão pautados apenas pelo desejo de fazer caridade ao próximo e ter disponibilidade de tempo, reconhecemos que, implicitamente, outros elementos são considerados para a inserção de membros no grupo. Por ser uma associação essencialmente feminina, poderíamos considerar que mulheres adultas, de variadas faixas etárias, encontrariam espaço no grupo. Todavia, a observação nos mostra que o público-alvo do grupo são mulheres na chamada fase de maturidade, a partir dos 40 anos. O estado civil, renda mensal e formação escolar/acadêmica também exercem certa influência, embora não seja determinante, para inserção. Isso acontece porque as voluntárias apresentam um perfil socioeconômico semelhante e isso tende a atrair mulheres situadas no mesmo patamar social que as demais caridosas.

Em relação ao perfil do “Projeto Aleglar”, percebemos que congrega atualmente nove mulheres da AIC, com a faixa etária entre 54 e 76 anos e conserva traços do perfil da Associação como um todo, uma vez que a maioria das voluntárias desse Projeto é composta por mulheres casadas e uma viúva, professoras universitárias e funcionárias pública aposentadas, e também donas de casa. Esclarecemos que algumas das mulheres que compõem o “Aleglar”, bem como a Associação como um todo, passaram dos 50 anos de idade, mas ainda não são legitimamente reconhecidas como idosas, embora reconheçam a proximidade da velhice.

Quando indagadas sobre os elementos que condicionaram sua procura pela Associação, algumas voluntárias apontam que a motivação para sua participação na entidade é o fato de que se trata de uma “associação de credibilidade”. Ainda há aquelas que simplesmente afirmam o desejo de ser uma “senhora de caridade”, e completamos, com todas as referências que esse termo carrega. Como a AIC é tradicionalmente reconhecida como uma entidade administrada por “senhoras” da elite e, atualmente, por mulheres que ostentam um estilo de vida da chamada classe média, algumas destas mulheres interessam-se inicialmente pela Associação para serem reconhecidas na sociedade como uma senhora engajada em causas sociais, para adquirirem, por assim dizer, status de elite, prestígio social. Durante momentos de reflexão em algumas reuniões do grupo, as voluntárias enfatizavam que eram escolhidas por Deus para esse

trabalho voluntário e percebidas pela sociedade como “Senhoras da Caridade”. Daí porque as suas práticas de caridade comportavam significativa responsabilidade.

Os depoimentos também permitem entrever que a “chegada” da aposentadoria atuou como uma mudança na vida das entrevistadas, visto que muitas delas passaram de intensa vida profissional, conciliada com a familiar, para uma condição de inatividade, que também gerou certa solidão. Após um momento de reflexão promovido em uma das reuniões da Associação, uma participante do grupo confessou, diante das demais, que freqüentava diariamente um movimentado supermercado da cidade, porque não conseguia ficar sozinha em casa. Era seu meio de distração, visto que se sentia extremamente solitária.

Percebemos que enquanto a aposentadoria se apresenta como um dos elementos que promove, embora com restrições, certa autonomia para os idosos asilados participantes da pesquisa, para algumas caridosas, ela representa a perda da identidade profissional e a aceitação da nova condição de “aposentada” perante sua rede de sociabilidade. Relatam o vazio, a tendência à depressão, a necessidade de reinserção social. Para suprir esse “vazio”, procuraram o engajamento na AIC. Uma voluntária, 56 anos, que embora não seja idosa, está “chegando pra idade” (MOTTA, 2007), relata:

Quando eu me aposentei, fiquei muito deprimida, porque eu fui aposentada por invalidez. Aí eu tava querendo ser voluntária, porque eu já tinha sido voluntária em João Pessoa, num asilo. Tava querendo criança, orfanato, só que aqui em Campina não tinha. Aí eu tava procurando um lugar onde eu pudesse ser voluntária (Dona. E., 56 anos).

Na sequência, citamos o fragmento de uma entrevista, no qual a voluntária enfatiza a procura pela Associação como um refúgio do ócio, da inatividade:

Eu sou aposentada e estava muito ociosa em casa, sem fazer nada. Então, eu resolvi procurar algo que fizesse que.. que realmente me sentisse bem (Dona. A., 64 anos).

Contudo, a maioria das caridosas afirma que o maior aspecto “incentivador” para que se tornassem “senhoras da caridade” foi o desejo de atuar em prol dos mais necessitados, dos pobres e a afeição que nutrem pelos idosos, no caso das voluntárias do “Alegrar”, como relatado a seguir:

A vontade que eu sempre tive de cuidar de uma pessoa mais carente, de um idoso que precisa de uma atenção especial. Fui eu que cuidei dos meus pais, eu sempre tive a vontade de levar... de tirar um pouco da solidão desses que aqui se encontram (Dona. N., 63 anos).

Assim, porque é a solidariedade, entendeu? Eu fico assim muito... eu tive um parente meu que também ficou idoso, era do interior, aí botaram no abrigo e eu fiquei muito sensibilizada porque as filhas não quiseram tomar conta, tá entendendo? Aí eu: 'Meu Deus, como é que você tem um pai e uma mãe, e coloca num abrigo assim? Não dá assistência?'. Porque minha mãe, eu saí daqui pra tomar conta dela, porque jamais eu teria coragem de colocar no abrigo, porque eu acho o seguinte: por mais que eles tenham aqui, tenham brincadeira, tem gente, mas a família é a base de tudo, entendeu? (...) Então, eu sempre fiquei assim, muito com pena desse povo que é assim carente de carinho familiar, às vezes não falta nada aqui, tem comida, tem tudo, mas falta o principal que é o aconchego, uma palavra amiga, um sorriso, tá entendendo? Então, eu quis fazer essa doação, entendeu? Nessa parte assim, de me doar. E também, é muito gratificante pra mim, venho pra aqui brincar, tô em casa sem empregada, mas deixo tudo, venho pra cá, pra quê? Porque eu me sinto bem com eles. Às vezes, eu penso assim que vou passar uma coisa boa pra eles, eu saio daqui fortalecida, entendeu? Que eu vejo tanto sofrimento, às vezes a gente diz assim: 'Ah, meu Deus, eu não sou capaz disso. Eu tenho uma vida assim, ruim, não sei o quê'. Quando a gente chega aqui, que vê, tá entendendo? Que... a vida boa não é a do vizinho? O povo não diz, né? E saio daqui fortalecida, brinco, me extravaso minhas energias, tá entendendo? Chego em casa fortalecida e com a sensação de missão cumprida (Dona T., 54 anos).

Nesse fragmento acima, a entrevistada justifica a adesão ao voluntariado da AIC pelo desejo de exercer a solidariedade com os idosos. A respeito desse aspecto, Lafin assinala que

O trabalho voluntário, quando bem planejado e executado, seja qual for o tipo de organização, tem elevado valor para a própria entidade, para as pessoas e para a comunidade. Para os voluntários, este serviço proporciona satisfação por estarem realizando algo digno, alegria de produzir uma ação voltada para as outras pessoas, já que, se não fosse por elas, jamais conheceriam a possibilidade de colocar sua experiência de carências comunitárias e suas aptidões a serviço da sociedade. Com isto, também aumenta a auto-estima do indivíduo, o que no idoso é fundamental para sua qualidade de vida (2002, p. 1048).

O aspecto que sobressai, contudo, é que essa “solidariedade” reconhecida como motivadora para sua inserção, é o grande diferencial que assegura a permanência de algumas voluntárias no grupo, visto que também atua em prol de si mesmas. Durante a troca de experiências que ocorre entre asilados e caridosas, a condição de vida de um e do outro se coloca frente a frente. Comparações e possíveis conclusões que envolvem a superioridade de uma vivência em relação a outra ocorrem sutilmente. Entendemos, portanto, que as atividades da AIC e do “Projeto Alegria” existem com o objetivo não apenas de promover distração e alegria para os residentes na instituição asilar, mas um meio de “terapia” / “autoajuda” para algumas voluntárias, constituindo um momento no qual extravasam emoções, renovam energias e ainda se certificam da satisfatória vida que possuem, em relação à dos asilados.

As voluntárias relatam que se adaptaram de forma rápida e satisfatória às atividades e dinâmicas cotidianas desenvolvidas na Associação e no “Projeto Alegria”, bem como conservam relações amistosas com as demais caridosas. Diante disso, a

permanência delas no grupo é um aspecto pautado pelo contentamento de executarem as atividades de forma que atenda às metas e parte das demandas existentes e, principalmente, pelo fato de que essas mulheres adquirirem no grupo a oportunidade de estabelecerem novos vínculos de sociabilidade, fragilizados após o advento da aposentadoria e/ou da velhice, e manterem-se atuantes e atualizadas diante de situações de vulnerabilidade social de alguns segmentos da sociedade.

3.3 É Hoje o Dia da Alegria: O Projeto Alegrar e a Participação dos Asilados

Como já enfatizamos em outro momento do estudo, o Núcleo da Associação Internacional de Caridades, estabelecido em Campina Grande – PB, subsidiado pelos princípios da caridade, busca atender as demandas sociais que se apresentam no cotidiano de suas ações. Gestantes, doentes, crianças carentes e idosos asilados estão entre os segmentos assistidos pelos projetos que compõem a Associação. Nesse sentido, as ações destinadas aos asilados são desenvolvidas pelo “Projeto Alegrar”, sobre o qual nos debruçamos para a realização da pesquisa e nos deteremos com maior minúcia a partir de então.

A discussão sobre as experiências de velhice dos participantes da pesquisa, inseridos nos dois grupos, se sustentará através da análise das relações de sociabilidade construídas entre as voluntárias do “Projeto Alegrar” e os asilados e da maneira pela qual esses indivíduos reconhecem o *outro* em seu lugar de vivência, através da percepção de suas necessidades e características socioculturais e subjetivas.

Os encontros promovidos pelas caridosas junto aos asilados se constituem em momentos singulares, reveladores de expressões de ser velho na atualidade e da condição social que vivenciam, bem como explicitam a elaboração da imagem da velhice de *si* e do *outro*, em perspectiva relacional. Não nos limitaremos na descrição das atividades de cunho lúdico-religioso desenvolvidas pelo Projeto, mas através da observação e apreensão das relações de sociabilidades estabelecidas, forneceremos subsídios para uma análise mais acurada sobre o reconhecimento e a perspectiva da alteridade entre idosos inseridos nos dois grupos que nos propomos a pesquisar. Sendo assim, a princípio, observaremos como as ações destinadas aos idosos asilados são pensadas pelas “Senhoras da Caridade”, no tocante às necessidades físicas e subjetivas

destes e as relações de sociabilidade estabelecidas entre os idosos que compõem os dois grupos estudados.

3.3.1 A Dinâmica dos Encontros

O objetivo do “Projeto Alegrar” é proporcionar momentos de alegria e distração aos residentes da instituição asilar do Instituto São Vicente de Paulo e, para tanto, semanalmente o grupo leva músicas, jogos, trabalhos manuais e servem lanches diferenciados. Para estender suas ações de forma equânime entre os asilados, mesmo entre aqueles que não se interessam em participar das atividades propostas por elas ou os que estão acamados, as voluntárias, vestindo farda específica do Projeto, procuram estabelecer diálogos com eles, ouvindo relatos de desabafos, narrativas de história de vida e/ou compartilham entre si conselhos, experiências, frustrações e conquistas. Comemoram os aniversários de cada trimestre e demais festividades ao longo do ano com programações específicas, tais como Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Dia do Idoso e Natal.

Segundo as voluntárias, o “Projeto Alegrar” foi idealizado há cerca de 10 anos por Socorro Dantas, que desde então, passou a atuar como coordenadora do mesmo. Contudo, no segundo semestre do ano de 2010, afastou-se das atividades no grupo devido à questões familiares e, Sonia Lago, assumiu interinamente a coordenação durante essa ausência da voluntária.

Como já havíamos pontuado quando discutimos os aspectos que possivelmente exerceram influência para inserção das mulheres na AIC e no “Alegrar”, a maior parte das caridosas relata que o interesse em participar desse projeto específico é fundamento na inclinação para lidar com idosos, no amor e no desejo revelado de ajudar os mais desfavorecidos socialmente. Segundo Caillé, “... o primeiro passo da solidariedade é aquele pelo qual os homens se reconhecem membros da mesma sociedade, da mesma *politie* e, neste sentido, têm a obrigação de olharem uns pelos outros” (2002, p. 204, grifos do autor).

As caridosas que participam por maior período do Projeto, afirmam que no início das atividades, elas promoviam momentos mais dinâmicos para os asilados. Organizavam passeios em parques, caminhadas, conquistavam maior adesão com práticas mais criativas, como pinturas em tecido, jogos, artesanatos em geral. Contudo, ao longo dos anos, os idosos demonstraram perda de interesse nas atividades,

limitações, adquiriram doenças que os impossibilitaram de deslocar-se para fora do asilo e muitos dos residentes participantes faleceram. Devido a esses aspectos, as voluntárias resolveram centralizar as práticas semanais no próprio ambiente asilar, atendendo os idosos de forma pontual.

Na tentativa de realizar o objetivo do Projeto, ou seja, promover momentos de alegria e entretenimento para os asilados, as caridosas desenvolvem semanalmente uma prática semelhante. Por volta das 08h30 da terça-feira, as primeiras voluntárias chegam ao Instituto e começam a organizar o lanche dos asilados que, neste dia, fica sob a responsabilidade delas, no turno da manhã. Assim, elas encaminham-se para o refeitório, preparam os pratos de cada asilado, com a ajuda das funcionárias, com bolos, biscoitos e refrigerante. Dividem-se entre o refeitório e os dormitórios, para oferecer o lanche aos acamados. Após esse momento, arrumam o refeitório, guardam os copos/pratos utilizados e começam a animar os idosos com músicas e jogos no salão principal. As nove voluntárias participantes do Projeto dividem-se para conversar, jogar ou ajudar os idosos nas suas necessidades, de acordo com suas aptidões e características pessoais.

As músicas, em todos os encontros, alternam entre cantigas infantis, marchinhas de carnaval e canções religiosas. Incentivam os idosos a cantar e dançar junto com elas. Os jogos, por sua vez, são realizados com grandes e leves bolas que tentam lançar para os asilados e estes devolverem. Além disso, há distribuição de objetos que quando movimentados, emitem ruídos. Segundo elas, essa prática estimula a atenção dos asilados e movimenta seus membros superiores. Uma caridosa leva jogos de cartas para a sala de visita e conquista a atenção de alguns residentes que apreciam tal jogo.

O horário de visita estabelecido para o turno da manhã inicia as 09h30 e finaliza as 10h30. Durante as atividades do “Alegrar”, entretanto, esse tempo é ampliado e presenças de visitantes são aceitas até as 11h. Então, os dias nos quais as voluntárias realizam ações com os residentes, são percebidos como “especiais”, que fogem à rotina da instituição.

3.3.2 As Voluntárias e a Participação dos Asilados

Mauss, quando desenvolve a teoria da reciprocidade a partir de práticas estabelecidas nas sociedades “arcaicas” sobre as quais estudou, destacou a tripla obrigação entre o dar/receber/retribuir entre os indivíduos. É neste sentido que as

atividades propostas (doações) pelas caridosas, acima descritas, apenas têm efeito a partir da aceitação do residente e de sua posterior “retribuição”.

A princípio, torna-se relevante refletirmos que as ações destinadas aos idosos asilados são pensadas pelas “Senhoras da Caridade”, de acordo com as características físicas, socioculturais e subjetivas deles. Se os idosos participantes das atividades são lúcidos ou já apresentam sinais de demência senil, mas são ativos, jogam bola e conversam com as voluntárias. Se acamados, apenas conversam quando elas visitam os dormitórios. Aqueles que freqüentam os momentos, porém, não interagem ativamente, são receptivos para estabelecer diálogos sobre aspectos cotidianos das suas vidas e do ambiente asilar, bem como ouvir relatos das caridosas.

Segundo uma voluntária de caridade, 72 anos, que participa há 3 anos do “Alegrar”, a maioria dos asilados não participa das atividades propostas pelo Projeto. A idade avançada, saúde debilitada e personalidade reservada são alguns dos aspectos apontados que motivam essa não-participação dos residentes. Apesar disso, de acordo com as caridosas, mesmo entre aqueles que não participam de forma ativa e assídua das práticas, os residentes demonstram alegria e satisfação diante da presença delas. Conhecem cada participante e cobram a freqüência de suas visitas, sentindo falta quando não comparecem.

Dentre os relatos dos residentes entrevistados, a maioria relata não ser ativo, mas que gosta de estar presente e conversar com as “mulheres” que promovem esses momentos. Quando questionada sobre sua participação durante o “Alegrar”, uma idosa residente relata: “Eu não gosto muito não, mas não me importo muito não, porque eu não posso brincar, tenho os braços doentes, aí não gosto não. (...) Pra gente é divertido, pra gente se divertir, espairecer, é aquilo ali. Quem gosta e pode, espairece” (Sra. I., 94 anos). A Sra. C., 63 anos, apesar de ser portadora de necessidades especiais e se locomover através de cadeira de rodas, sai do seu dormitório e participa, de acordo com suas limitações, das atividades.

Outra idosa, por sua vez, afirma que embora não goste de participar ativamente das práticas, gosta de ficar olhando e estar disponível para conversar. Contudo, ao longo das observações durante a realização das ações do Projeto, presenciemos essa mesma idosa reclamar do volume alto das músicas, quando os visitantes e/ou as caridosas, pegavam no seu cabelo com a “mão suja”, perguntavam quando iria casar e, por fim, tratavam-na como uma “palhaça”, sem se importar de fato com ela e suas necessidades. Segundo ela, no asilo, “velho é tratado como palhaço: vai casar quando? Quer casar

não?”. Tais reclamações não ocorrem de forma freqüente e aberta, mas são compartilhadas entre “resmungos” em singulares momentos de frustração diante da condição vivenciada.

A “recepção” dos asilados é expressa, portanto, através de participação ativa, presença mais reservada, bem como indiferença às ações. A “retribuição”, por sua vez, é realizada através de sorrisos, abraços, palavras elogiosas, ao que as caridosas afirmam se sentirem realizadas com as expressões de agradecimentos dos idosos.

No “Projeto Alegria”, a caridade constitui-se em uma prática nem sempre realizada em conformidade com a concepção de serviço ao próximo, de amor fraterno. Conflitos entre as voluntárias também caracterizavam as suas ações, visto que comentavam as ausências das outras e que era perceptível que algumas tinham amor pelo serviço, enquanto outras só freqüentavam o asilo para “bater papo”, principalmente, as “velhinhas” do grupo, se referindo às mais idosas do Projeto em questão. No que diz respeito às suas relações com os asilados, algumas caridosas também demonstraram certos momentos de incompreensão diante das limitações apresentadas por eles, no aspecto físico e mental. Impaciência para ajudar a deslocar os idosos no espaço e o fato de algumas caridosas estimularem uma asilada recém admitida que se vestia de forma exagerada, a cantar, para todos rirem.

A partir dessas informações, compreendemos que as práticas da caridade são nuançadas dentro e fora do grupo. Ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade de promover uma ruptura na rotina dos residentes na instituição asilar, possibilitando momentos de alegria e entretenimento, algumas voluntárias não compreendem de forma ampla a condição peculiar de cada idoso que ali reside e reproduz práticas de exclusão e de invasão na privacidade/individualidade dos idosos.

3.4 As Caridosas e os Asilados: Imagem de Si Sobre Si e em Relação ao Outro

Imagens de *si*, imagens do *outro*. Nos estudos desenvolvidos por antropólogos, a perspectiva da alteridade é discutida recorrentemente. Povos ditos primitivos *versus* civilizados, indígenas *versus* brancos, jovens *versus* velhos, as diferenças territoriais, étnicas, geracionais, sociais são postas em extremos. Nesta pesquisa realizada, pretendemos avançar o debate em torno da noção e prática da alteridade e analisar como esta acontece através do encontro entre sujeitos que compartilham o mesmo estágio no

curso da vida, velhice, mas que possuem distintas trajetórias de vida e inserções sociais. Empreendemos uma análise por *dentro* da velhice, verificando os aspectos que demarcaram as diferenças presentes no processo de envelhecer, a heterogeneidade que caracteriza o idoso na atualidade.

Na clássica obra escrita por Beauvoir (1990), a autora afirma que os idosos antes, resistem à velhice, que a ela procuram se adaptar. Velho é sempre o outro, pois a velhice é uma realidade incômoda. É neste sentido que pautamos a pesquisa, uma vez que não se trata apenas de perceber e analisar a *si* próprio e ao *outro* enquanto idosos, mas de elaborar a sua imagem a partir do encontro e relação estabelecida com esse *outro*.

Os dados coletados durante a pesquisa realizada foram apresentados e discutidos ao longo deste estudo dissertativo. A finalidade de discutir as diferenças presentes na velhice, através do encontro entre idosos com trajetórias e inserções distintas, foi alcançada de forma paulatina, uma vez que apresentamos os sujeitos da pesquisa em seus espaços de sociabilidade e caracterizamos as relações estabelecidas entre eles.

Explicitaremos, a partir de então, a maneira pela qual os idosos constroem suas percepções do que é “ser velho” na atualidade e os critérios acionados pelos mesmos para elencarem os elementos que demarcam a emergência da velhice. O objetivo desse exercício de definição, através dos relatos dos próprios sujeitos da pesquisa, é perceber se ao apontarem os aspectos que caracterizam o *outro*, reconhecem-se como parte daquela realidade e demonstram semelhanças em relação à sua experiência particular de velhice. O confronto, realizado na forma de *encontro*, entre diferentes formas de vivenciar o envelhecer na atualidade é pontuado por observações e relatos significativos para a elaboração de um perfil sobre as diferenças que caracterizam o processo de envelhecer.

3.4.1 Entre Práticas e Significados: Percepções Sobre “Ser Velho(a)” Para as “Senhoras da Caridade” e os Idosos Asilados

O reconhecimento da velhice enquanto algo inerente à condição biológica da humanidade encontra resistência, especialmente, na sociedade ocidental contemporânea, que exalta a juventude e beleza como sinônimos de sucesso e satisfação pessoal. A reflexão sobre o futuro, de maneira a projetar como “será sua velhice” constitui-se em uma prática que os indivíduos resistem, mas terminam por realizar. Contudo, a

perspectiva da proximidade ou a presença real da velhice na vida dos indivíduos provoca uma diferente avaliação daquilo que apontavam como “próprio” do envelhecer, redimensionando suas noções de juventude, maturidade e velhice, a partir de sua própria experiência de ser velho.

A análise dos discursos proferidos pelos informantes idosos, possuidores de vivências distintas nessa fase do curso da vida, revelou significativas percepções sobre a velhice e o “ser velho(a)” na atualidade. Além dos conhecimentos empíricos e teóricos discutidos na primeira parte desse trabalho, nos propomos a discutir sobre os significados que envolvem a velhice, através dos relatos concedidos pelos idosos que participantes desta pesquisa, asilados e caridosas. Percebemos, então, que:

Nas pesquisas sobre as etapas da vida em geral e o envelhecimento em particular, a busca de universais é prejudicada também pela dificuldade de definir a especificidade a precisar os limites dessa etapa. Na pesquisa antropológica, muitas vezes é a impressão que o pesquisador tem sobre a aparência do pesquisado que o leva a caracterizar os indivíduos como velhos. Outras vezes, é a autodefinição do informante e, na maioria das vezes, uma determinação aproximada de sua idade cronológica (DEBERT, 2007, p. 55).

De fato, inúmeros estudos sociológicos e antropológicos corroboram esta análise desenvolvida por Debert. Neste trabalho, contudo, a tentativa de discussão esteve pautada não apenas na autodefinição do informante, mas na articulação entre fontes teóricas, com apreensões e impressões oriundas do campo. Assim, o período de pesquisa na AIC e no “Alegrar” revelou certo temor entre as mulheres em serem reconhecidas como “velhas”. Em todo momento defendem-se e se autodefinem: “Não somos velhas, somos experientes” ou “Velhas não, idosas”. Demonstam ainda certa rejeição em atenderem pelas expressões de tratamento, tais como “senhora” e “dona”, porque implica que estão chamando-as de velhas.

Durante determinada reunião na sede da Associação Internacional de Caridades, cujo tema da reflexão era “Terceira Idade”, como parte da programação específica para o Dia Nacional do Idoso, comemorado em 27 de setembro, o debate pós-palestra envolveu as noções de nomenclatura utilizadas cotidianamente para se referir aos indivíduos “de mais idade”, quando recaíram nos termos “idosos *versus* velhos” e na abordagem da chamada “terceira idade”, como a “melhor idade”. Iniciou-se um debate acalorado, no qual duas idosas do grupo defendiam suas percepções divergentes a respeito da questão. Uma delas declara: “Quem diz que a terceira idade é a melhor idade, é hipócrita. Eu mesma vivo cheia de doenças que não tinha. Que melhor idade,

que nada!”. A debatedora responde: “Não é hipocrisia, porque quem faz a idade é a pessoa”. Esta última é membro do “Projeto Alegrar”, a mais idosa do grupo, 76 anos e, durante entrevista realizada, se diz cheia de vivacidade. Possui a percepção de que é idosa, mas deixa claro que não é velha, porque ainda não “parou”. “Estou ficando velha, ainda não sou”. Contudo, se refere aos asilados como “velhinhos”. Interessante perceber que ela é vaidosa, as peças de vestuário e os cosméticos de beleza utilizados expressam essa “vivacidade” afirmada pela mesma. Com 72 anos, uma voluntária também afirma pensar na sua própria velhice, mas como futuro e não presente: “Já tô me preparando, tô no caminho. Me relaciono bem com isso” (Dona O., 72 anos). Embora “oficialmente” inseridas numa idade que demarca que um indivíduo é considerado “idoso”, não há um reconhecimento próprio enquanto tal.

As idosas do grupo de caridade, quando indagadas se sua participação na AIC e no Projeto Alegrar provocou mudanças no reconhecimento dos aspectos que envolvem a velhice e os próprios idosos, todas relataram que, embora já fossem predispostas a relacionar-se com idosos de forma satisfatória, a prática cotidiana com os asilados possibilitou que se aproximassem da realidade destes e demonstrassem maior atenção com as questões relacionadas a esse público específico.

Segundo as caridosas, os principais aspectos que indicam a chegada da velhice são os seguintes:

A maior característica é o esquecimento. A saúde também, porque geralmente os idosos são mais propensos a ficar doentes que os jovens (Dona O., 72 anos).

Primeiro aspecto de ser idoso, mais velho, menos velho, é o estado de saúde do velhinho. Se o velho pode ter oitenta anos e ter um estado de saúde bom, não tem nada (Dona G., 76 anos).

Quando a gente não está convivendo com a realidade, você pensa que é outra coisa. Mas eu cheguei a conclusão de que a velhice, sem o apoio da família, é muito ruim. Tem que ter o apoio dos familiares, tem que ter o carinho da família, tem que ter a presença da família.(...) Eu acho que idoso, pra mim, é quando chega a uma faixa etária que não pode fazer nada. Que ele fica dependente, que ele fica numa cama, que ele esquece de tudo, mas idade pra mim, não é ser idoso não, de jeito nenhum. É como ele fica, é o estado físico que determina o idoso, não é a idade. O que determina o idoso é apenas a saúde dele (Dona E., 56 Anos).

Olha, quando a pessoa passou dos sessenta, já começa a sentir velho e os que têm a felicidade de ter a família boa, carinhosa, é bom. Enquanto têm outros que não liga pros pais, não liga pras mães (Dona A., 64 anos).

Assim, percebemos que há uma tendência em associar o velho e a velhice à presença de doenças, com suas características e limitações. Interessante que, na medida

em que definem os elementos demarcadores de ser velho, afastam-se do perfil que esboçam, estabelecendo uma diferença ou até mesmo uma total dissociação entre sua experiência e a dos idosos em geral.

É preciso lembrar sempre que, no interior de cada grupo geracional ou de idade, constroem-se representações, identidades e situações sociais que se confrontam com as de outros grupos ou categorias sociais. Ao mesmo tempo, essas relações realizam-se em articulação com condições identitárias definidas a partir de outras dimensões relacionais, principalmente a de gênero e a de classe social (MOTTA, 2004b, p. 353).

Os asilados, por sua vez, não demonstram receio em se referir aos demais residentes através da expressão “velhos(as)”, é parte da rotina deles comentarem: “Tu viu a velha como chegou nervosa?”, “Já conheceu a velha que chegou?”, “Essa velha não tem mais juízo”, quando se referiam a idosos recém-chegados ao convívio asilar e aqueles que se locomoviam, mas já apresentavam avançados sinais de demência senil.

Entretanto, relatam dificuldade e indiferença em definir os elementos que apontam a emergência da velhice. Apenas demonstram ter a consciência de que estão falando deles próprios, de uma experiência que lhes diz respeito:

Eu não sei porque é velho, num acho nada. (...) eu sou velha e não quero ser, mas com a vida dos outros, eu não sei. (...) Cada um tem o seu jeito de envelhecer. Eu não sei dos outros, só sei do meu. Minha velhice é sem querer ser velha, já tenho noventa e quatro anos (Sra I., 94 anos).

É, cada um... cada um, cada um envelhece de uma maneira. De um ou de outro jeito. Devido à doenças, né? Aí leva a pessoa a ficar velha, né? (Sr. A., 73 anos).

Velho é ter paciência, é esperar a vontade de Deus. Velho é assim, doente, não quer saber mais de nada, não é? (Sra R., 90 anos).

É mais esse... esse viver afastado, é estar afastado da comunicação, né? Uma vida parada, sei lá como (Sra. M., 89 anos).

Entre as idosas voluntárias, reconhece-se a resistência no tratamento como “idosa” e, ainda mais, o termo “velha”, além da não-identificação com sua própria percepção de velhice. No caso dos asilados, o perfil é distinto, visto que há aceitação e reconhecimento de sua própria experiência de envelhecimento, porém, salienta-se “não quero ser, mas sou”, em oposição ao “estou ficando, mas não sou”, das caridosas.

As percepções sobre a velhice, a partir de relatos de sujeitos que vivenciam a condição de ser velho, explicitou associações que comumente são realizadas na abordagem sobre o envelhecer na sociedade atual: doenças, decrepitude, esquecimentos.

Acrescido a isso, verificou-se uma constante tentativa de distanciamento diante da possibilidade de fazer parte do “grupo” tão negativamente definido por eles próprios, bem como uma aceitação por parte dos asilados, ainda que não houvesse o desejo de estar vivenciando a velhice.

3.4.2 O Confronto Entre o *Eu* e o *Outro* na Velhice

O primeiro confronto proposto pela presente pesquisa foi: a realidade asilar *versus* a realidade aberta. A experiência de ser velho e residir num asilo, instituição total (GOFFMAN, 2008), é significativamente distinta da possibilidade de ser velho, ter uma vida social e apenas visitar o asilo, colaborando em atividades para seus residentes. Esse confronto não aconteceria apenas em extremos de condições de vida distintas na velhice, mas em termos relacionais, através da perspectiva da alteridade.

O *outro* não está simplesmente lá, esperando para ser conhecido pelo sujeito do saber. Ao contrário, o *outro* está lá, ele próprio, tanto quanto *eu*, com projetos que lhe são próprios, desejos que lhe são próprios, perspectivas que lhe são próprias. Ele não é redutível do que o *eu* pensa ou sabe sobre ele, mas é precisamente o “outro”, irredutível na sua alteridade. Existem muitas formas de envolvimento com o *outro* e essa diversidade de formas conduz não só a diferentes concepções do próprio *eu*, mas também a diferentes relações entre o *eu* e o *outro* (SANDRA JOVCHELOVICT, 1998, p 74, grifo do autor).

Para fundamentar essa perspectiva a partir da realidade empírica, trazemos para o debate as particularidades de uma associação de caridade composta por mulheres, em sua maioria, idosas e de classe média *versus* idosos residentes uma instituição asilar em Campina Grande – PB. Concordamos, portanto, quanto Motta pondera que “... cada momento histórico se realiza com a presença simultânea de várias gerações que, mesmo contemporâneas, não têm as mesmas experiências e trajetórias de vida.” (2004b, p. 351).

O confronto entre vivências particulares e entre um futuro temido pelas voluntárias de caridade, é realizado no próprio interior do grupo, na AIC. É perceptível também um conflito entre as voluntárias, no que diz respeito às gerações, visto que a faixa etária destas compreende um expressivo grupo com idade inferior à 75 anos e outro acima de 75 anos. Muitas vezes, os conflitos geracionais eram explicitados em situações-limite, nas quais surgiam opiniões divergentes e incompreensões.

Ademais, a freqüente presença de uma religiosa do Instituto nas reuniões da Associação, que já apresenta avançados sinais de demência senil e possui dificuldades de locomoção, possibilitou que, através de olhares, risos “compreensivos” e comentários a respeito de suas atitudes e limitações físicas, fossem demarcadas as diferenças entre a mulher madura que “me reconheço” e o temor diante da “velha” que “posso ser”.

A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem que muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer (PEIXOTO, 1997, p. 156).

A imagem que possuíam a respeito da velhice e dos idosos, muitas vezes, carregada de estereótipos, contrasta com sua própria experiência de velhice, suas limitações, bem como as possibilidades de atuação que ainda vislumbra no campo individual e coletivo, junto à família e ao grupo de caridade.

(...) Tem pessoas que quando começam a envelhecer, se trancam, não se comunicam, não procuram atividades. E as pessoas que demoram a envelhecer, se comunicam, têm atividades. É o que procuro fazer (Dona O., 72 anos).

Assim, fazer a diferença entre o moço e o velho, a gente faz, né? Agora eu nunca tive medo de velhice, eu nunca tive, assim, uma percepção diferente do idoso, não. Hoje, eu tô ficando idosa, claro, né? Bem feliz e satisfeita. Eu tenho idoso como uma pessoa qualquer, um mais velho, que realmente fica mais velho, uma pessoa de 90 anos pra frente, eu acho que já fica mais velho, mesmo que seja lúcido (Dona G., 76 anos).

Quando nos propomos à realizar uma análise em termos relacionais, elaboram-se imagens de si e em relação ao outro. Para as caridosas, a percepção de velhice de si mesmas, diante do quadro do asilo, revela expressões de não-reconhecimento e/ou a tentativa de definir a distância que caracteriza sua vida e a do *outro*, asilado.

Eles são muito carentes de carinho, a vivência deles é uma vivência de tristeza, porque eles não têm apoio familiar. As freiras tratam muito bem, as voluntárias, as funcionárias, mas falta o principal: a família. A presença da família (...) Eu não comparo com a minha vida, de jeito nenhum, porque ainda eu tô nova em relação à eles, então, a gente não para fazer comparação. Comparação com eles, a gente não pode comparar porque a gente tem vida boa ainda, ainda tá com saúde, na faixa etária que pode fazer alguma coisa e eles não. Por isso, eu ainda não tive a oportunidade de fazer essa comparação (Dona E., 56 Anos).

Eu vejo uma diferença grande entre a minha vida e a dos idosos, porque eu posso dar carinho, amor e eles não têm essa parte, sabe? De carinho, eu acho isso (Dona A., 64 anos).

As vezes, eles chegam num ponto, de acamados dessa coisa, que às vezes eu olho assim com uma pena. E digo: 'Oh, meu Deus, que Deus me ilumine. Jesus tenha misericórdia. Mas não seja feita a minha vontade, mas sim, a Vossa' (...) Quando eu vejo os velhos aqui, percebo que é muito bom quando a gente faz as coisas pra gente, mas quando a gente fica aquele velho que é você quem cuida, você quem bota a comida na boca, é uma vida que sinceramente, eu só aceito diante de Deus, que tenho que aceitar. Eu tenho muita pena daqueles velhinhos quase ou totalmente dependentes (Dona G., 76 anos).

Como discutido por Barros em uma pesquisa realizada com um grupo de mulheres idosas,

(...) o que as mulheres da pesquisa viviam como velhice era um momento dúbio, pois ao mesmo tempo em que era percebido como presente, era adiado para um tempo futuro. A visão da debilidade física e mental de pessoas da mesma idade, o internamento de conhecidos ou parentes em asilos para velhos, a morte de alguém próximo traziam a presença da velhice. Mesmo que essa presença viesse como uma comparação, afastada delas mesmas, essa comparação mostrava que a ameaça existia e que elas deviam estar o tempo todo atentas para pressenti-la (2007, p. 145).

Contudo, principalmente entre aquelas caridosas que se aproximam dos 60 anos, há o consenso de que o contato com os idosos asilados possibilita reflexões a respeito de sua experiência vindoura. Diante do reconhecimento de inúmeros desafios com os quais o idoso brasileiro, em especial, se depara, as voluntárias percebem a necessidade de educar as gerações mais jovens para saber lidar com os idosos e o envelhecimento de uma forma geral. As idosas sinalizam para essa necessidade de exercitar o respeito mútuo e sensibilidade geracional junto aos familiares, filhos e netos e, por extensão, para toda a sociedade.

No que diz respeito ao modo pelo qual os asilados percebem as caridosas, se as reconhece como imagem de sua própria velhice, os relatos assemelham-se à percepção de não-identificação expresso pelas caridosas, mas com outros significados:

As mulheres são novas, olha só pra elas, dançando! São novas né? (Sra. R., 90 anos).

Eu posso dizer que elas são umas pessoas boas, que fazem tudo de coração pra agradar a Deus. Fazem muitos momentos de festas para os velhinhos para não ficar tristes. Não são muito velhas não. Você vê aí como elas são, né? São delicadas com a gente, se comunicam com a gente (Sra. M., 89 anos).

Não são velhas não. Tem umas que é, agora tem outras que não é não (Sr. A., 73 anos).

Sendo assim, pontuamos que as entrevistas e observações realizadas revelaram não-identificação entre as experiências de *velhices* sobre as quais nos debruçamos. Embora houvesse certo reconhecimento da sua própria velhice, diante dos asilados, as idosas participantes do grupo de caridade constantemente explicitavam, em seus discursos, a superioridade de suas vivências, sendo perceptível a distinção entre sua velhice, em relação à dos asilados. Estes, por conseguinte, igualmente não expressavam reconhecer uma imagem da velhice entre as idosas do “Alegrar”, e, menos ainda, da sua própria experiência de velhice nessas *outras*.

Compreende-se, portanto, que a velhice é um processo complexo de alterações na trajetória de vida das pessoas. Cada contexto tem suas particularidades que vão alterar o estilo de vidas de cada um com isso, os modos de revelar o significado da velhice e processo de envelhecer para os idosos dependerão de como viveu essa pessoa e como fazem as adaptações e enfrentamentos cotidianos. A repercussão do envelhecer é respondida por eles de maneira diferente, dependendo da história de vida pessoal, da disponibilidade de suporte afetivo, das redes sociais, do sistema de valores pessoais e do estilo de vida adotado por cada um (FREITAS; QUEIROZ; SOUZA, 2010, p. 410).

As múltiplas distinções de gênero, geração, classe social, grupos e contextos específicos, contribuem significativamente para elaborar a percepção da identidade individual e coletiva de ser velho (a). A possibilidade de vivenciar a velhice de forma autônoma e desfrutar de privilégios econômicos e sociais, por exemplo, são elementos de distinção que, contrapõem-se à uma realidade de dependência, marcada pela imposição de normas de cunho coletivo. O exercício de confrontar duas realidades, praticando o princípio da alteridade, possibilitou que os sujeitos sociais refletissem sobre sua condição de vida atual a partir de *si* mesmos e de um *outro*, também idoso, mas distinto em toda sua trajetória de vida. A apreensão dessa reflexão constituiu-se em uma densa análise sobre subjetividades, identidades e características socioculturais, que explicitou significativas diferenças presentes no processo de envelhecer na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo dissertativo objetivou analisar a velhice, na perspectiva da alteridade. Para tanto, buscamos conhecer as diferenças que permeiam as experiências de envelhecer na sociedade contemporânea, através das práticas desenvolvidas pelas voluntárias da Associação Internacional de Caridades, as chamadas “Senhoras da Caridade”, junto aos idosos residentes numa instituição asilar na cidade de Campina Grande – PB.

Quando nos propomos a refletir e discutir sobre a velhice, categoria presente no cotidiano dos indivíduos, bem como sobre idosos, sujeitos sociais que vivenciam essa condição social, entendemos que esse debate, embora demande certas sutilezas e interditos, não se trata de um exercício de difícil consenso. Contudo, aos nos debruçarmos com afinco sobre as minúcias e nuances que circundam tais temáticas, percebemos a complexidade que envolve a abordagem da velhice, o asilamento de idosos e as múltiplas possibilidades de sociabilidades nessa fase do curso da vida, especialmente, na sociedade contemporânea.

Na atualidade, a velhice constitui-se em uma categoria que, ora é vinculada à perspectiva de solidão, aposentadoria, inatividade, doença, decrepitude e à proximidade com a morte, ora é exaltada pela experiência de vida, sabedoria, sociabilidades, possibilidades de inserções em grupos específicos à esse público. Como apontado por Peixoto (1997, p. 156),

Nos meandros simbólicos da imagem da velhice, os clichês são enormes; entre eles a solidão e a monotonia são os mais assinalados. A inatividade da aposentadoria é, muitas vezes, compensada por um dinamismo social; não mais existindo o sentimento de pertencimento a um lugar e a um grupo de trabalho, são os espaços públicos, em geral, que reproduzem este sentimento e criam novos laços sociais, estruturando a identidade à velhice. As representações desta passagem ao encontro de uma nova imagem, de identidade recente, apresentam diferenças, ao menos simbólicas, segundo as estratégias de sociabilidade de que lançam mão as pessoas de idade.

Esse fragmento escrito por Peixoto afirma que as estratégias de sociabilidade acionadas pelos idosos constituem-se em elementos demarcadores que elaboram representações e identidades distintas relacionados à velhice e “ser velho”. Através da discussão sobre as diversas possibilidades de inserção do idoso na sociedade atual, no caso do nosso estudo, como residente de uma instituição asilar e como participantes de

grupo de caridade, buscamos explicitar a heterogeneidade que caracteriza o processo de envelhecer, até mesmo, no interior desses contextos e grupos. Assim, o caráter heterogêneo que particulariza o idoso na atualidade, discutido por estudiosos, foi também evidenciado na pesquisa realizada.

A presença da pesquisadora no *lôcus* do estudo, no ambiente de uma instituição asilar, demandou certos cuidados de adaptação. Regras explícitas e aquelas sutilmente impostas deveriam ser cumpridas para evitar conflitos no campo. Desta forma, sensibilidade e desenvoltura na pesquisa empírica foram essenciais para a satisfatória inserção no campo. A consciência das múltiplas implicações que poderiam surgir ao longo da pesquisa não impediu, contudo, que certos impasses acontecessem, paulatinamente atenuados e resolvidos, tais como a vigilância que o local apresenta e a recusa inicial da diretora no fornecimento de certas informações.

A análise dos relatos dos participantes da pesquisa explicitou importantes aspectos sobre as diferenças presentes nas experiências de velhice na sociedade atual. Percepções singulares dos informantes sobre a dupla condição social vivenciada – velhos/asilados *versus* velhas/caridosas –, além do encontro entre essas distintas *velhices*, expuseram as formas pelas quais eles reconstroem sua trajetória de vida, se inserem em grupos e contextos específicos, elaboram sua autoimagem também diante da presença do *outro*, estabelecem relações de sociabilidade geracional.

As voluntárias de caridade, participantes do “Projeto Alegrar”, para desenvolverem suas ações junto aos asilados, também inseriram-se no espaço de vivência do *outro*, num ambiente peculiar, conduzido por regras e horários próprios. Para os residentes, a casa da instituição era seu novo lar, o dormitório coletivo, seu novo quarto, e todos os objetos que possuíam estavam ao seu dispor. No caso das “Senhoras da Caridade”, aquele correspondia a apenas mais um espaço de sociabilidade que freqüentavam. Suas vidas, famílias, casas e seus objetos particulares estavam distantes daquela realidade.

Semanalmente, havia a possibilidade daquele encontro. A realidade “aberta” e a fechada realidade institucional estabeleciam contato. Observava-se certa proximidade durante os diálogos entre os idosos dos dois grupos, mas o fato de as caridosas serem ativas, autônomas, e residirem em casa própria, junto a seus familiares, demarcou um acentuado distanciamento entre eles. As entrevistas realizadas revelaram não-identificação mútua entre as experiências de *velhices* envolvidas. As caridosas já inseridas numa idade reconhecida como idosa e as que faziam parte do “grupo” das que

estão “chegando pra idade” (MOTTA, 2007), afirmavam que, estar diante de um residente, provocava reflexões sobre seu presente e futuro. Contudo, sempre ressaltavam a diferença entre sua vivência individual, supervalorizando-a, em relação à dos asilados: “É diferente. A gente é mais livre, eles vivem num ambiente fechado”. Os idosos asilados, por sua vez, também demonstravam não-reconhecimento da velhice nas mulheres com as quais se relacionavam através do “Alegrar”. Não havia, portanto, identificação da velhice que vivenciam no asilo, com a experiência de velhice que as voluntárias apresentavam durante os encontros.

Através das relações de sociabilidade estabelecidas entre asilados e voluntárias, desdobram-se múltiplos significados e vínculos sociais. Pontuamos que, embora o “Projeto Alegrar”, parte da Associação Internacional de Caridades, possua como principal finalidade atender os idosos residentes numa instituição asilar, de maneira a promover momentos de distração e alegria, ele termina por assumir uma dimensão mais ampla do objetivo original. Durante as práticas e diálogos estabelecidos, as atividades de entretenimento, conversas, trocas de experiências, sonhos e formação de novos laços de amizade, deram lugar a momentos nos quais caridosas e asilados compartilhavam frustrações diante de certas limitações e adversidades da vida, a dor da saudade, da incompreensão, da doença, da morte de algum companheiro.

É relevante identificarmos as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice asilada/doente/pobre no contexto da caridade voluntária da AIC em relação aos asilados. Dentre os aspectos reconhecidos como aqueles que apresentam similitudes entre os idosos institucionalizados e os que vivenciam uma experiência não-institucionalizada, podemos apontar principalmente o fato de que eles se inserem em tais contextos, asilo ou associação de caridade, em busca de apoio, de serem reconhecidos, suprir necessidades físicas e/ou emocionais, de possibilidades de recriar relações de sociabilidade, vínculos afetivos. Por outro lado, verificamos que os idosos inseridos em tais grupos, além do distinto espaço de vivência, diferem entre si, principalmente, na perspectiva da ausência/presença de autonomia para conduzir os aspectos cotidianos de suas vidas, a maneira como se relacionam com sua aparência física e com peças do vestuário, estilo de vida, além da convivência e/ou proximidade com a rede familiar também revelar-se como um elemento demarcador de diferenciação entre idosos de tais contextos.

Os aspectos apontados que demarcam as diferenças e semelhanças entre formas de vivenciar a experiência de envelhecer, reconhecidos na realidade empírica do

presente estudo, revelam a heterogeneidade que caracteriza o idoso na atualidade, visto que a condição de ser velho institucionalizado ou não-institucionalizado compreendeu distintos significados e percepções para os informantes da pesquisa. A velhice pode ser reconhecida, desta forma, enquanto uma experiência heterogênea, marcada por rupturas e continuidades, perdas e conquistas.

A estrutura deste estudo apresentou uma lógica sistemática, na qual os dados teórico-empíricos foram paulatinamente apresentados e os resultados apreciados. Esse aspecto contribuiu para o esclarecimento de questionamentos iniciais e, ao mesmo tempo, possibilitou que diversas inquietações e interrogações surgidas ao longo da pesquisa contribuíssem para aprofundamento do trabalho.

Esclarecemos que as considerações a respeito dos dados apresentados e analisados ao longo da dissertação, na qual procuramos articular teoria e realidade empírica, não pretendem explicitar um teor conclusivo, de arremate “intocável”. Contrariamente, a finalidade foi retomar algumas questões relevantes que pontuaram todo o decorrer do trabalho, discutindo os resultados e as possíveis contribuições da pesquisa. Desta forma, salientamos que as questões analisadas sobre velhice, heterogeneidade e alteridade, não se esgotam no presente trabalho, sendo passíveis de outras minuciosas abordagens e discussões.

Por fim, ao tecer algumas considerações a respeito do referido estudo empreendido, verificamos que a maior contribuição da pesquisa realizada, constitui-se em romper desafios que envolvem os diversos elementos que permeiam a velhice, partindo de uma abordagem do seu aspecto eminentemente heterogêneo, e exercitar o princípio da alteridade, construído através da relação interpessoal entre o *eu* e o *outro* na velhice. Assim, foi a partir dessa perspectiva adotada e da observação das relações estabelecidas, que conseguimos nos aproximar dos sujeitos da pesquisa, concebendo-os como nossos contemporâneos, cujas memórias e expectativas, podem nos fornecer perspectivas particulares sobre seu passado, vivências atuais e aspirações futuras.

REFERÊNCIAS

AIC-BRASIL. *Quem somos*. Disponível em: <<http://www.aicbrasil.org.br>>. Acesso: 15 de setembro de 2011.

ALCÂNTARA, A. O. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

BARBOSA FILHO, M B. *Método, teoria e fato*. In: _____. Introdução à Pesquisa. 3. ed. João pessoa: União, 1994.

BARROS, M. M. L. *Trajetória dos estudos de velhice no Brasil*. Sociologia, 2006, no. 52.

_____. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BONI, V.; QUARESMA, S. *Aprendendo a fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Sociotextos. João Pessoa, 2010. CD-ROM.

BORN, T.; BOECHAT, N. S. *A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado*. In: FREITAS, E. et al (Org). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de janeiro: Guanabara; Koogan, 2002.

BOURDIEU, P. *A “juventude” é apenas uma palavra*. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112 – 121.

BRASIL, Assembléia Legislativa Casa Epitácio Pessoa. *Estatuto do Idoso*. Campina Grande: Gráfica JB, 2004.

BRASIL. Resolução-RDC Nº 283, de 26 de setembro de 2005. *Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos*. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 27 set. 2005.

CABRAL, B. E. S. L. *A vida começa todo dia*. In: MOTTA, A. B. da. (Org.). *Dossiê Gênero e Velhice*. Revista de Estudos Feministas, Vol. 5. n. 1/97. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ: Rio de Janeiro, 1997.

_____. *Família e Idosos no Nordeste Brasileiro*. In: Caderno CRH Nº 1. Gênero e Família – Salvador, Centro de Recursos Humanos – UFBA, nº 29, 1998.

_____. *Recrutar Laços: Estudo Sobre Idosos e Grupos de Convivência nas Classes Populares Paraibanas*. UNICAMP/Campinas, 2002 (Tese de doutorado).

_____. *Mulher e velhice*. In: MOTTA, A. B. da.; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. (Orgs.). *Reparando a Falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional*. Salvador: UFBA/ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, p. 53-62, 2005.

CABRAL, B. E. S. L.; SILVA, K. R. *Práticas alimentares e sociabilidade numa instituição asilar*. In: Anais Desigualdade na Diversidade: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília - DF, 2008.

CAILLÉ, A. *Dádiva e associação*. In: MARTINS, P. H. (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: VOZES, 2002.

CAMARANO, A. A. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Texto para discussão, nº 858, Rio de Janeiro, p. 1-31, 2002.

CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. *Introdução*. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. 1 ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e A amizade*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

DEBERT, G. G. *A Construção e a Reconstrução da Velhice: Famílias, Classe Social e Etnicidade*. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999a.

_____. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999b.

_____. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ELIAS, N. *A Solidão dos Moribundos, Seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

ERBOLATO, R.; LEITE, M. P. *Relações sociais na velhice*. In: FREITAS, E. V. de et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 957-964, 2002.

FALEIROS, V. P.; MORANO, T. *Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas*. (v. 8, pp. 319-338). Porto Alegre: Textos & Contextos, 2009.

FERREIRA, M. L. M. *Memória e velhice: do lugar da lembrança*. In: BARROS, M. M. L. (Org). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. *O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos*. Rev Esc Enferm USP, 44(2):407-12, 2010.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GROISMAN, D. *Asilos de velhos: passado e presente*. In: Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. Porto Alegre, UFRGS, v. 2, 1999.

IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Disponível em < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

IPEA. *Portal IPEA*. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/portal>>. Acesso: 15 de dezembro de 2011.

JOVCHELOVICT, S. *Re(des)cobrando o outro*. In: ARRUDA, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LAFIN, S. H. F. *As instituições comunitárias e o voluntariado idoso*. In: FREITAS, E. V. de et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

LANGEVIN, A. *A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã*. In: Caderno CRH Nº 1. Gênero e Família – Salvador, Centro de Recursos Humanos – UFBA, nº 29, 1998.

LOUREIRO, A. M. L. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília; DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MAIA, G. F.; LONDERO, S.; HENZ, A. O. *Velhice, instituição e subjetividade*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.12, n.24, p.49-59, jan./mar, 2008.

MARTINS, C. S. *O trabalho voluntário: da caridade à busca da cidadania*. In: Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís, 2007.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a Dádiva*. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. Sociologia e Antropologia. Ed. Cosay & Naify: São Paulo, 2003.

MINAYO, M. C. S. *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Visão antropológica do envelhecimento*. In: Vários colaboradores (Orgs.). Velhices: reflexões contemporâneas. 1ª. ed. São Paulo: SESC/PUC São Paulo, 2007.

_____. *Pesquisa social: teoria, método e cientificidade*. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOTTA, A. B. *Palavras e Convivência – Idosos, Hoje*. In: MOTTA, A. B. (org.). Dossiê Gênero e Velhice. In: Revista de Estudos Feministas, Vol. 5. n. 1/97. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ: Rio de Janeiro, 1997.

_____. *Reinventando fases: a família do idoso*. In: Caderno CRH Nº 1. Gênero e Família – Salvador, Centro de Recursos Humanos – UFBA, 1998, nº 29.

_____. *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. In: Cadernos PAGU, nº 13. Campinas, 1999.

_____. *Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional*. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

_____. *Gênero, Idades e Gerações: Introdução*. MOTTA, A. B. (Org.). Dossiê: Gênero, Idades e Geração. 42. ed. Salvador: EDUFBA e Editoria Caderno CRH, v. 17, 2004b.

_____. *“Chegando pra idade”*. In: BARROS, M. M. L. (Org). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

OLIVEIRA, R. L. *Crônicas Vicentinas*. Brasília; DF: Gril Taquarituba, 2006.

PAPALÉO NETTO, M. *O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos*. In: FREITAS, E. V. et al (Orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 2002.

PEIXOTO, C. *Histórias de mais de 60 anos*. In: MOTTA, A. B. (Org.). Dossiê Gênero e Velhice. In: Revista de Estudos Feministas, Vol. 5. n. 1/97. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ: Rio de Janeiro, p. 159-168, 1997.

_____. *Histórias de mulheres, de envelhecimento e sexualidade*. In: DEBERT, G. G; GOLDSTEIN, D. M. (Org.). Políticas do corpo e o curso da vida.. 1 ed. São Paulo: Editora Sumaré, p. 293-299, 2000.

_____. *Introdução: Processos diferenciais de envelhecimento*. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhice, velhote, idoso, terceira idade....*In: BARROS, M. M. L. (Org.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

POGGIOLI, M. D. (Org.). *Fundamentos Básicos da AIC-Brasil*. 1. ed. São Paulo: Catálise, 2010.

SALGADO, C. D. S. *Mulher idosa: a feminização da velhice*. In: Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. Porto Alegre, UFRGS, v. 4, P. 7-19, 2002.

SILVA, C. N. *Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências*. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, 2006.

SIMMEL, G. *A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)*. In: SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VIEIRA, E. B. *Instituições geriátricas: avanço ou retrocesso?* Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS ASILADOS

Obs.: Ao responder o questionário, não é necessário identificar-se com o nome. Obrigada!

I. Identificação

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Naturalidade _____

Escolaridade: _____

II. Perfil socioeconômico

Estado Civil: () Solteira () Casada
() Viúva () Divorciada

Etnia: () Branco () Negro () Indígena
() Pardo () Mulato () Amarelo

Número de filhos: _____ Netos? _____ Bisnetos? _____

Profissão: _____

Situação previdenciária: () Aposentado
() Pensionista
() Outros? _____

Renda: () 1 salário mínimo () 2 a 4 salários mínimos

Como administra seus recursos? _____

III – Condições de Moradia

Tipo de moradia onde residia: () Casa () Apartamento ()
Outros? _____

Situação de moradia: () Própria () Alugada
() Cedida () Outros? _____

Com quem residia? _____

IV – A Convivência Institucional

Há quanto tempo reside na Instituição? _____

Através de que (ou de quem) conheceu a Instituição? _____

Qual o motivo que o levou a residir no I.S.V.P.?

Participa dos momentos do “Projeto Alegrar”? () Sim () Não

Se sim, com que frequência? _____

Se sim, por que participa? _____

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS DA AIC

Obs.: Ao responder o questionário, não é necessário identificar-se com o nome. Obrigada!

I. Identificação

Idade: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____

II. Perfil socioeconômico

Estado Civil: () Solteira () Casada
() Viúva () Divorciada/Separada

Etnia: () Branco () Negro () Indígena
() Pardo () Mulato () Amarelo

Profissão: _____ Trabalha atualmente? () Sim
() Não

Situação previdenciária: () Aposentado
() Pensionista
() Outros? _____

Renda: () 1 salário mínimo () 2 a 4 salários mínimos
() 5 a 7 salários mínimos () 8 a 10 salários mínimos
() mais de 10 salários mínimos

Qual é a sua participação na renda familiar?

- () Trabalha/Aposentada e é o principal responsável pela renda da família.
() Trabalha/Aposentada e contribui para renda de sua família.
() Não contribui com a renda de sua família, mas se mantém.
() Não trabalha, seus gastos são custeados.

Número de filhos: _____ Netos? _____ Bisnetos? _____

III – Condições de Moradia

Tipo de moradia: () Casa () Apartamento () Outros? _____

Situação de moradia: () Própria () Alugada
() Cedida () Outros? _____

Com quem reside? _____

IV – Participação na Associação Internacional de Caridades

Há quanto tempo participa da AIC? _____

Através de que (ou de quem) conheceu o grupo? _____

Participa de qual (quais) Projeto(s) do grupo? _____

Qual o motivo pelo qual você se interessou a participar da AIC e do Projeto?

Qual (is) aspecto (s) mais gosta no grupo? _____

Sente falta de algo no grupo? () Sim () Não

Se sim, do que sente falta? _____

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – PROJETO ALEGAR

1. A princípio, gostaria de saber seu nome e idade.
2. Há quanto tempo participa da AIC e o que a levou a inserir-se na Associação?
3. Há quanto tempo participa do “Projeto Alegar” e o que a levou a inserir-se nesse Projeto específico?
4. Como avalia a importância da realização do Projeto para os idosos?
5. Como vocês planejam as ações desenvolvidas para os idosos, tais como brincadeiras, jogos, músicas, festas...?
6. Como percebe a participação dos idosos nos momentos promovidos pelo Projeto Alegar?
7. Como é sua relação com os idosos asilados?
8. O que você gostaria de mudar na realidade deles? E na sua realidade?
9. Como você avalia sua relação com idosos e com a velhice antes e depois da sua participação no Projeto Alegar?
10. Qual a sua relação com as demais voluntárias do Projeto e da Associação?
11. Como você percebe os idosos e como percebe a si mesma?
12. O que você acha que é interessante na experiência de velhice deles? E o que pode ser apontado como aspecto(s) negativo (os)?
13. Quais são os aspectos que indicam que uma pessoa é velho(a)?
14. Existem diferentes formas de envelhecer? Por quê?
15. Como você percebe a velhice vivida nos dias atuais e como se relaciona com a perspectiva de envelhecer?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – IDOSOS ASILADOS

1. A princípio, gostaria de saber seu nome e idade.
2. Há quanto tempo mora no Instituto e qual o motivo que o levou a procurar a instituição?
3. Participa dos momentos promovidos pelo “Projeto Alegar”? O que tem a dizer sobre esses momentos?
4. Como é sua relação com as voluntárias de caridade?
5. Qual a sua relação com os demais idosos que moram no Instituto e com as freiras?
6. Como você percebe as voluntárias de caridade do Projeto Alegar e como percebe a si mesmo?
7. Você acha que as mulheres do Projeto Alegar são velhas?
8. Quais são os aspectos que indicam que uma pessoa é velho(a)?
9. Você acredita que existem diferentes formas de envelhecer? Por quê?
10. Como você percebe que a velhice é vivida no instituto e como se relaciona com a perspectiva de envelhecer?

ANEXOS

ANEXO I

FOTOS – INSTITUTO SÃO VICENTE DE PAULO / “PROJETO ALEGRAR”



Prédio principal do Instituto (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Entrada em direção ao asilo (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Corredor do prédio do asilo que dá acesso às alas masculinas e femininas e ao salão principal (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Dia das Mães: voluntárias, residentes e religiosas (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Dia das Mães no asilo: voluntárias, residentes e religiosas (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Dia das Mães no asilo (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Voluntárias do “Projeto Alegrar” apresentando a confraternização do Dia das Mães no asilo
(Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Natal: voluntárias do “Alegrar” e da AIC conversando com os residentes
(Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Natal: voluntárias entregando presentes aos idosos (Acervo Pessoal de Pesquisa)



Confraternização Natal: voluntárias entregando presentes aos idosos (Acervo Pessoal de Pesquisa)

ANEXO II

AIC – FOLDER INFORMATIVO SOBRE AS AÇÕES REALIZADAS

O QUE É A AIC?

- Uma organização internacional não governamental (ONG).
- Uma associação essencialmente feminina organizada em nível mundial, contando mais de 250.000 voluntárias, sendo 6000 equipes locais, em 50 países.
- Fundada por S. Vicente de Paulo em 1817

- para combater todas as formas de pobreza e de injustiça social,
- para dar às mulheres um papel social ativo e reconhecer de dentro o espírito da solidariedade.

- Para mobilizar as energias e desenvolver a co-responsabilidade social em favor de um projeto inovador, baseado na realidade local, envolvendo os desprivilegiados e os solidários à sua própria transformação social.



PROJETO FUNDAMENTAL

- Lutar contra toda forma de pobreza e de injustiça social através da ação que privilegia a solidariedade.
- Engajar-se prioritariamente com as mulheres no mundo, visando um processo de auto-empoderamento.
- Reforçar a participação das desprivilegiadas para que se tornem agentes de seu próprio desenvolvimento e daquele de sua comunidade.
- Encorajar o trabalho em redes e as parcerias em todos os níveis.
- Ser uma força transformadora na sociedade, atuando sobre as estruturas políticas e sociais, corrigindo de co-responsabilidade social e todas as agências.

COMO CONTRIBUIR?

Você pode fazer a sua parte dirigindo-se a uma de nossas voluntárias. Contribua com roupas e objetos usados para o "Bazar da Solidariedade", alimentos para o projeto "Quem tem Fome Tem Pressa" ou venha participar do nosso grupo.

APÓIO



AIC
Associação Internacional da Caridade de Cempoire Grande - 78
Módulo da Associação das Voluntárias da
Cidade de São Vicente de Paulo
Rua Paulo de Frontin, 204, Lapa
Fone: (83) 3337-1897

**Agir juntas
Contra as pobreza
e suas causas**



AIC BRASIL
Associação Internacional da Caridade de Cempoire Grande - 78
Módulo da Associação das Voluntárias da
Cidade de São Vicente de Paulo
Rua Paulo de Frontin, 204, Lapa
Fone: (83) 3337-1897

70 ANOS
1817 - 2017
Associação Internacional da Caridade de Cempoire Grande - 78

Frente do Folder (Acervo AIC)

PROJETOS E AÇÕES SOCIAIS
AIC - CAMPINA GRANDE - PB

1 Projeto Alegria
Atividades com os filhos de abrigos. Realiza passeios, atividades recreativas e festas de aniversário (Aniversários, Páscoa, Dia das Mães, São João, Dia da Pais, Semana da Criança, entre outros).



2 Projeto Imagem
Trabalho sócio-educativo, cultural e evangelizador com as jovens de comunidades e Nossa Senhora Aparecida.

3 Projeto Alegria-Alegria
Organização de festas e eventos da associação (Aniversários, Lancheirobá, etc.).

4 Projeto Jesus Misericordioso
Trabalho de evangelização com crianças e jovens, realizados semanalmente na Igreja Paróquia de São João, sendo servido lanche para os internos (também realizados eventos como Páscoa, São João e Natal).

5 Pastoral da Saúde
Visitas aos doentes e hospitalares e à CLAPSI. Universos e a saúde física, espiritual com situações bíblicas, aconselhamento e encaminhamento.

6 Projeto Quem tem Fome Tem Pressa
Arrecadação de alimentos para o projeto de cestas básicas e distribuição das mesmas para as famílias em situação de pobreza.

7 Projeto Laços de Amor
Atividade educativa de passeios, aconselhamento, reciclagem, artesanato de trabalhos manuais e entrega de alimentos.

8 Fabricando com Amor
Atividade de artesanato e manual de trabalho que são vendidos para gerar renda para as próprias famílias.

9 Bazar da Solidariedade
Entrega de roupas e alimentos. Suprimento de alimentos para as famílias em situação de pobreza e entrega de alimentos para os programas de distribuição de alimentos.

10 Apoio À Pastoral da Criança na Comunidade de Nossa Senhora Aparecida Católica
Faz parte da rede de apoio, organização, acompanhamento e acompanhamento da Pastoral da Criança com as visitas de crianças.

11 Visita aos idosos do Monte Castelo
Contribuição material e espiritual, realização de alguns eventos.

12 Corol AIC
Desenvolvimento de atividades de caridade.

13 Sopa Servida na Comunidade
Realização de refeições e preparação de sopa servida na comunidade de São João Tadeu, que é oferecida gratuitamente 50 (quarenta e cinco) famílias, utilizando um total de 200 (duzentas e cinquenta) pessoas.

AÇÕES INDEPENDENTES

- Campanha da Violeta
- Almoço para pessoas carentes
- Dia das Mães da Pastoral da Criança
- Dia da Criança da Pastoral da Criança
- Jantar Natalino com 80 (oitenta famílias) da comunidade Nossa Senhora Aparecida
- Cursos Profissionalizantes



70 ANOS
1817 - 2017
Associação Internacional da Caridade de Cempoire Grande - 78



Verso do Folder (Acervo AIC)